

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

Isabella Cardoso Amaral

O CORPO FEMININO E SUAS REPRESENTAÇÕES: uma construção
socio-histórica no contexto do carnaval de Belo Horizonte

Belo Horizonte
2021

Isabella Cardoso Amaral

O CORPO FEMININO E SUAS REPRESENTAÇÕES: uma construção socio-histórica no contexto do carnaval de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Belintani Shigaki

Linha de Pesquisa: Estratégia, Inovação e Competitividade

Área de Concentração: Organização e Estratégia

Belo Horizonte
2021

AMARAL, Isabella Cardoso.

A485c

O corpo feminino e suas representações: uma construção sócia histórica no contexto do carnaval de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Centro Universitario Unihorizontes, 2021.
122p.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Belintani Shigaki.

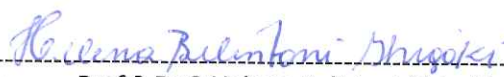
Dissertação (mestrado). Centro Universitario Unihorizontes. Programa de Pós-graduação em Administração.

1. Cultura - gênero 2. Carnaval – corpo feminino I. Isabella Cardoso Amaral. II. Centro Universitario Unihorizontes - Programa de Pós-graduação em Administração. III. Título

CDD: 306

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado Acadêmico em Administração do(a) Senhor(a) **ISABELLA CARDOSO AMARAL**, REGISTRO Nº. 702. No dia 11 de agosto de 2021, às 14:00 horas, reuniu-se no Centro Universitário Unihorizontes, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, para julgar o trabalho final intitulado "**O CORPO FEMININO E SUAS REPRESENTAÇÕES: uma construção socio-histórica no contexto do carnaval de Belo Horizonte**", requisito parcial para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, linha de pesquisa: **Estratégia Inovação e Competitividade**. Abrindo a sessão, o(a) Senhor(a) Presidente da Comissão, **Prof.^a Dr.^a Helena Belintani Shigaki** após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares da apresentação do Trabalho Final, passou a palavra ao(à) candidato(a) para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do(a) candidato(a). Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do(a) candidato(a) e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final: **APROVADO**. O resultado final foi comunicado publicamente ao(à) candidato(a) pelo(a) Senhor(a) Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o(a) Senhor(a) Presidente encerrou a reunião e lavrou o(a) presente ATA, que foi assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.


Belo Horizonte, 11 de agosto de 2021.




Prof.^a Dr.^a Helena Belintani Shigaki
Centro Universitário Unihorizontes



Prof. Dr. Jefferson Rodrigues Pereira
Centro Universitário Unihorizontes



Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rodrigues Diniz
INSPER - Instituto de Ensino e Pesquisa



Prof.^a Dr.^a Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Declaro ter procedido à revisão da dissertação de mestrado intitulada
O CORPO FEMININO E SUAS REPRESENTAÇÕES: uma
construção socio-histórica no contexto do carnaval de Belo
Horizonte

Orientada pela Professora

Prof^a. Dr^a. Helena Belintani Shigaki

apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro
Universitário Unihorizontes, de
autoria de

Isabella Cardoso Amaral

contendo 121 páginas

ITENS DA REVISÃO

- Correção gramatical e gráfica
- Inteligibilidade do texto
- Normas da ABNT/Unihorizontes

Belo Horizonte, 14 de julho de 2021



Taís Pereira

LETRAS/UFMG/1991 - 019162/92-92

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à minha família: mãe, pai e irmã por terem me incentivado a continuar com os estudos, e, por mais difícil que tenha sido, em alguns momentos, sempre mostraram e deram o exemplo que o conhecimento nos leva a construir nossa melhor versão nesta vida. Muito obrigada, amo vocês!

Ao CEFET-MG, agradeço por ter me dado a oportunidade de fazer um mestrado, com apoio financeiro e incentivo à qualificação para o servidor. E aos amigos que fiz nessa instituição os quais levo para a vida, principalmente à Diretoria de Graduação que me apoiou e incentivou neste desafio. Muito obrigada!

Às amigas e aos amigos que estiveram sempre presentes para dividir e brindar comigo esta trajetória, que, por muitas vezes, pareceu insuportável. A todos vocês, muito obrigada!

Ao Felipe que aguentou a instabilidade de humor de uma mestranda, na quarentena, muito obrigada pelo apoio de sempre, pela paciência, pelo amor e ajuda, literalmente, com muitos trabalhos. Amo você!

À minha orientadora Helena, sempre disposta a ajudar com paciência e gentileza. Sem ela, tenho certeza que o mestrado teria sido muito mais difícil. Muito obrigada!

E aos colegas do mestrado pela aprendizagem trocada entre um trabalho e outro, mesmo que por pouco tempo fisicamente juntos. Obrigada!

*Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria
substância.*

(Simone de Beauvoir)

RESUMO

O corpo feminino, historicamente, reteve as marcas da inferioridade, exclusão e subordinação e esteve regulado por valores e normas de ordem moral, estética e científica. O carnaval é considerado uma festa que liberta as tendências individuais, geralmente, controladas, fazendo desaparecer as desigualdades, como também pode ser visto como um movimento social e ato político ou manifestação de resistência, mediada por intersecções de gênero. Esta dissertação objetivou compreender as representações do corpo feminino no contexto do carnaval de Belo Horizonte, sob a perspectiva das mulheres que participam ativamente do evento. As teorias, que deram suporte a esta pesquisa, foram Imagem Corporal e Gênero, assim como O Corpo e o Patriarcado. Metodologicamente, caracterizou-se como uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, na qual usou-se a entrevista semiestruturada como estratégia de coleta de dados. Para a análise dos dados, realizou-se a técnica de análise de conteúdo, abrangendo os seguintes códigos analíticos que representam os objetivos específicos desta dissertação: (i) Representatividade do corpo feminino no carnaval, analisada em três categorias: Protagonismo, Permissividade e Resistência; (ii) Corpo feminino e Patriarcado no carnaval, decomposta em quatro categorias: Relações de Poder, Padrão de Beleza e Objetificação e Erotização; e (iii) Representatividade em outros contextos, composta pela categoria carnaval Político. Observou-se uma eclosão da representação do corpo feminino nas ruas durante o festejo carnavalesco, reflexo do movimento feminista como discurso contestatório que é praticado nos blocos de rua com viés político do carnaval de Belo Horizonte, no qual apresenta caráter híbrido, de protesto e festa, emergindo movimentos de resistência às opressões e restrições sujeitadas por este corpo na sociedade patriarcal. Identificou-se que as mulheres têm ocupado espaços importantes e representativos, anteriormente não ocupados, o que vem rompendo determinações estruturadas pelo conceito de gênero. Ressalta-se a importância de mais investimento do poder público no carnaval e de se pensar políticas públicas que valorizem as pessoas que trabalham na construção dos blocos durante todo ano, a fim de se trazer um desfile atrativo, seguro e manter a essência desse movimento político-social. Discutir sobre esta temática contribui para desnaturalizar a existência feminina de subordinação e de objetificação pelos homens e até por elas mesmas, especialmente em um cenário que é culturalmente considerado de exibição deste corpo como objeto de desejo. Da mesma maneira que destaca a importância dos movimentos feministas pela igualdade de gênero dando a elas voz, pois, mesmo sendo a maioria, são estruturadas em instituições sociais como se fossem a minoria.

Palavras-chave: Carnaval de Belo Horizonte. Gênero. Corpo feminino. Patriarcado. Resistência. Entrevista semiestruturada.

ABSTRACT

The female body, historically, retained the marks of inferiority, exclusion, and subordination and was regulated by values and norms of a moral, aesthetic, and scientific order. Carnival is considered a party that frees individual tendencies, generally controlled, making inequalities disappear, as well as being seen as a social movement and political act or manifestation of resistance, mediated by gender intersections. This dissertation aimed to understand the representations of the female body in the context of the Belo Horizonte carnival, from the perspective of women who actively participate in the event. The theories that supported this research were Corporal Image and Gender, as well as The Body and Patriarchy. Methodologically, it was characterized as descriptive research, with a qualitative approach, in which an in-depth interview was used as a data collection strategy. For data analysis, the content analysis technique was performed, covering the following analytical codes that represent the specific objectives of this dissertation: (i) Representation of the female body in carnival, analyzed in three categories: Protagonism, Permissiveness, and Resistance; (ii) Female Body and Patriarchy in Carnival, broken down into four categories: Power Relations, Beauty Standard and Objectification and Erotization; and (iii) Representativeness in other contexts, comprising the Political Carnival category. There was an outbreak of representation of the female body in the streets during the carnival celebration, a reflection of the feminist movement as a contestatory discourse that is practiced in the street blocks with a political bias in the Belo Horizonte carnival, in which it presents a hybrid character, of protest and party, emerging movements of resistance to the oppression and restrictions subjected by this body in the patriarchal society. It was identified that women have occupied important and representative spaces, previously unoccupied, which has been breaking determinations structured by the concept of gender. It emphasizes the importance of more investment by the government in carnival and of devising public policies that value the people who work in the construction of the blocks throughout the year, to bring an attractive, safe parade and maintain the essence of this sociopolitical movement. Discussing this theme contributes to denaturalize the female existence of subordination and objectification by men and even by themselves, especially in a scenario that is culturally considered to display this body as an object of desire. In the same way, it highlights the importance of feminist movements for gender equality giving them a voice, because, even though they are the majority, they are structured in social institutions as if they were the minority.

Keywords: Belo Horizonte Carnival. Gender. Feminine body. Patriarchy. Resistance. Semi structured interview.

RESUMEN

El cuerpo femenino, históricamente, ha mantenido las marcas de inferioridad, exclusión y subordinación y fue regulado por valores y normas de orden moral, estético y científico. El carnaval es considerado una fiesta que libera tendencias individuales, generalmente controladas, haciendo desaparecer las desigualdades, además de ser visto como un movimiento social y acto político o manifestación de resistencia, mediado por intersecciones de género. Esta tesis tuvo como objetivo comprender las representaciones del cuerpo femenino en el contexto del carnaval de Belo Horizonte, desde la perspectiva de las mujeres que participan activamente en el evento. Las teorías que sustentaron esta investigación fueron Imagen Corporal y Género, así como El Cuerpo y Patriarcado. Metodológicamente, se caracterizó como una investigación descriptiva, con enfoque cualitativo, en la que se utilizó una entrevista profunda como estrategia de recolección de datos. Para el análisis de los datos se usó la técnica de análisis de contenido, cubriendo los siguientes códigos analíticos que representan los objetivos específicos de esta tesis: (i) Representación del cuerpo femenino en el carnaval, analizado en tres categorías: Protagonismo, Permisividad y Resistencia; (ii) Cuerpo femenino y patriarcado en el carnaval, desglosado en cuatro categorías: Relaciones de Poder, Estándar de Belleza y Cosificación y Erotización; y (iii) Representatividad en otros contextos, comprendiendo la categoría Carnaval Político. Hubo un estallido de representación del cuerpo femenino en las calles durante la celebración del carnaval, reflejo del movimiento feminista como discurso contestatario que se practica en las cuadras con sesgo político en el carnaval de Belo Horizonte, en el que presenta un carácter híbrido, de protesta y fiesta, emergentes movimientos de resistencia a las opresiones y restricciones sometidas por este organismo en la sociedad patriarcal. Se identificó que las mujeres han ocupado espacios importantes y representativos, anteriormente desocupados, que ha ido rompiendo determinaciones estructuradas por el concepto de género. Enfatiza la importancia de una mayor inversión del gobierno en el carnaval y de idear políticas públicas que valoren a las personas que trabajan en la construcción de los "blocos" de carnaval durante todo el año, con el fin de traer un desfile atractivo, seguro y mantener la esencia de este movimiento político y social. Discutir este tema contribuye a desnaturalizar la existencia femenina de subordinación y objetivación por parte de los hombres e incluso de ellas mismas, especialmente en un escenario que culturalmente se considera de muestra del cuerpo femenino como objeto de deseo. De la misma forma, se resalta la importancia de los movimientos feministas por la igualdad de género dándoles voz, ya que, aunque son mayoría, se estructuran en instituciones sociales como si fueran la minoría.

Palabras clave: Carnaval de Belo Horizonte. Género. Cuerpo femenino. Patriarcado. Resistencia. Entrevista semi-estructurada.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Busca por artigos científicos.....	30
Quadro 2 – Critérios de inclusão e exclusão	31
Quadro 3 – Perfil das Entrevistadas.....	50
Quadro 4 – Códigos e Categorias	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rede de termos mais relevantes.....	32
Figura 2 – Dinâmica de saturação dos Códigos Analíticos	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPAD	- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
BELOTUR	- Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte
BH	- Belo Horizonte
COVID- 19	- <i>Corona Virus Disease 2019</i>
RSL	- Revisão Sistemática da Literatura
SCIELO	- <i>Scientific Electronic Library Online</i>
SPELL	- <i>Scientific Periodicals Electronic Library</i>
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	Objetivos da pesquisa	17
1.2	Objetivo Geral.....	17
1.3	Objetivos Específicos	17
1.4	Justificativas.....	18
2	CARNAVAL DE BELO HORIZONTE	21
3	REFERENCIAL TEÓRICO	29
3.1	Imagem Corporal e Gênero.....	33
3.2	O Corpo e o Patriarcado	38
4	METODOLOGIA.....	46
4.1	Tipo e abordagem de pesquisa	46
4.2	Unidade de análise e sujeitos da pesquisa	46
4.3	Estratégia de coleta de dados	47
4.4	Análise dos dados.....	51
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	53
5.1	Representatividade do corpo feminino no carnaval.....	53
5.1.1	Protagonismo	54
5.1.2	Permissividade	57
5.1.3	Resistência	63
5.2	Corpo feminino e patriarcado no carnaval.....	69
5.2.1	Relações de poder.....	69
5.2.2	Padrão de beleza	74
5.2.3	Objetificação e erotização.....	82
5.3	Representatividade em outros contextos.....	89
5.3.1	Carnaval Político	89
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICE A	116
	APÊNDICE B	118
	APÊNDICE C	122

1 INTRODUÇÃO

O corpo, como um bem de consumo, tem sido objeto de estudos há décadas. Há uma articulação complexa entre corpo, contexto social, político e econômico que é debatida por processos heterogêneos, de forma que o corpo, como mercadoria, está inserido em uma série de trocas simbólicas (SANTOS *et al.*, 2019).

A mercantilização do sujeito e de seu corpo ainda não está precisamente colocada no meio das teorias de consumo, uma vez que existem diversos componentes envolvidos nesse processo como a sexualidade, a estética e a dominação. Conforme esclarecem Sauerbronn, Tonini e Lodi (2011), a transformação do corpo em mercado, de acordo com pesquisas voltadas para o consumo, carece de ser explorada sob novas formas de teorização.

Diversos autores explicam que a imagem corporal é a reprodução mental do corpo, assim, ela não é estática e possibilita ao sujeito incorporar elementos de sua vida, bem como ressignificá-los (SHONTS, 1969; NEVES; HIRATA; SCHILDER, 1980; TAVARES, 2003; TAVARES, 2015). Dessa maneira, a existência do sujeito ocorre por intermédio da ação sobre o corpo que, tratado como um objeto, pode ser consumido e se torna foco de investimentos para ser valorizado no mercado (SAUERBRONN; TONINI; LODI, 2011; NEVES; HIRATA; TAVARES, 2015). Todavia, este corpo, dependendo do gênero, tem um tratamento diferenciado em sociedades formadas por relações de gênero. Ser homem ou mulher, nessas sociedades, implica sujeitar-se aos incentivos, às oportunidades, aos constrangimentos e às restrições diferentes (BAUMEL *et al.*, 2019).

O masculino e o feminino são um trabalho da cultura sobre masculinidade e feminilidade, entidades reais, imaginárias e simbólicas no nível sociológico (AFONSO, 2007). No senso comum, a sexualidade e o gênero se misturam e são, inclusive, tratados como sinônimos (FERRETTI *et al.*, 2011). No entanto, a diferença entre gênero e sexo é convergente no trabalho de feministas pós-

estruturalistas¹, conceito este adotado nesta dissertação e que consiste no entendimento de que o sexo é referente ao biológico, enquanto o gênero se refere à construção social de feminino e masculino (SCOTT, 1995; LOURO, 1996; NICHOLSON, 2000; PEREIRA; MONTEIRO, 2015).

O corpo apresentado no espaço social define o status do indivíduo, podendo ser um indicador de prestígio e poder social, uma vez que é visto como aparato de simbolismos e construção de identidades (PINTO; CASTRO, 2014). O corpo feminino, no entanto, reteve as marcas da inferioridade, exclusão e subordinação e esteve regulado por valores e normas de ordem moral, estética e científica durante muito tempo (WITZEL, 2014). É possível identificar elementos que evidenciam que o corpo feminino é consumido, objetificado e erotizado nos aspectos da cultura religiosa, na estrutura da sociedade patriarcal (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2013; ROSADO-NUNES, 2008), visto como propriedade do outro e sem autonomia (NUSSBAUM, 1995; MALIK, 2014).

No que diz respeito à mulher brasileira, esta tem uma imagem, criada aqui e no exterior, de ter liberdade sexual e de lidar naturalmente com a sexualidade; o que contribuiu para a construção da identidade nacional de um corpo desejável e confiante (PINTO; CASTRO, 2014). Este estereótipo, para os autores (2014), pode ter suas origens identificadas desde a colonização brasileira, quando se via a mulher indígena nua como provocante, assim como é encontrado um grupo de características que transmite à mulher o papel sexualizado, como as negras amantes e o enaltecimento das mulheres brancas.

O estereótipo da brasilidade feminina, ou seja, essa imagem da mulher que foi construída, é um objeto de consumo valorizado e utilizado para vender a imagem do Brasil. Desse modo, o carnaval, a música e o futebol formaram a tríade presente nas campanhas publicitárias, no início nas décadas de 1970 e 1980

¹ O pós-estruturalismo “entende a realidade como uma construção social e subjetiva, propondo uma desconstrução de textos entendidos como uma decomposição dos elementos da escrita, para descobrir as partes que estejam dissimuladas e que impeçam a alteração de condutas” (SILVA; NOVA, 2018, p. 120).

como estereótipos nacionais, nos quais a imagem da mulher de biquíni é a ferramenta de atração ao país (PINTO; CASTRO, 2014).

O carnaval, para Ribeiro e Delamaro (2002), se tornou, a partir de 1980, um lugar de construção de uma exibição e consumo de corpos femininos, excitando os homens, provocando-lhes ansiedade e ereção, no qual um número progressivo de mulheres introduziu-se a desfilas nuas ou seminuas nas escolas de samba. Nesse sentido, esses corpos, que são valorizados e invejados, também são objeto de desejo e ferramenta de trabalho no carnaval, em que há uma constante busca por corpos perfeitos (ARAÚJO, 2019). Diante desse quadro, a mídia, com destaque para a televisiva, considera o corpo como elemento crucial de marketing para o carnaval, uma vez que este é considerado um produto que atribui relevância midiática no cenário contemporâneo (ARAÚJO, 2019).

Corroborando essa ideia, Damatta (2004) explica que o carnaval é percebido como uma 'onda que controla e seduz', assim como uma festa na qual há, ou pode se experimentar, a igualdade entre todos, uma expressão da cultura do povo. Os estudos mais populares sobre carnaval definem-no como uma festa em que se libertam as tendências individuais, geralmente controladas, desaparecendo, pois, as desigualdades (ARAÚJO, 2020).

O carnaval é conceituado, para Araújo (2020, p.13) "como um tempo de licença e de abuso, conduzindo a uma exacerbação dos valores, à fuga do cotidiano, à inversão do cotidiano e à entrada em uma época de informalidade e de comunhão". E como um momento festivo. Para a autora, nesse período, há a representação de mundo de um determinado coletivo que faz parte da cultura de uma sociedade, conferindo-lhe valores, identidade e especificidades.

O carnaval constitui, do mesmo modo, um espaço social que pode ser considerado de exibição coletiva (DAMATTA, 2004; ARAÚJO, 2019), em que se cruzam os limites dos prazeres proibidos durante o restante do ano; nesse período, os corpos se entregam plenamente às sensações e têm a liberdade de se

tornarem o que quiserem, com ou sem máscaras e fantasias (RIBEIRO; DELAMARO, 2002).

Além disso, o carnaval também pode ser visto como um movimento social e um ato político ou uma manifestação de resistência que é mediada por intersecções de gênero e raça (CARVALHO, 2020), como foi possível perceber na retomada dos blocos carnavalescos de Belo Horizonte, a partir do movimento de resistência cultural da cidade em oposição ao então prefeito Márcio Lacerda (2009-2013; 2013-2017) que, por meio de decreto municipal, proibiu eventos na Praça da Estação, localizada no centro da cidade, no ano de 2010. Na ocasião, protestantes ocuparam o espaço público com seus corpos *seminus*, em trajes de banho, refrescando-se por caminhão-pipa pago por eles por meio de “vaquinhas” (MUZZI, 2015; SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016; AMORIM; ANDRÉ, 2017; GUIMARÃES, 2018; MIGLIANO, 2018; PAOLINELLI; CANETTIERI, 2019).

A partir desse movimento, o carnaval de rua de Belo Horizonte cresceu de maneira exponencial, mas manteve um caráter híbrido: de protesto e festa. (PEREIRA FILHO, 2006; ANDRÉS, 2015; ANDRADE, 2017; GUIMARÃES, 2018). Dessa forma, tomou uma dimensão importante para a cidade, atraindo milhões de foliões todos os anos e tornou-se também um lugar de politização dos corpos femininos, conjuntura que vem redefinindo o lugar da mulher nesse evento.

Corpos encobertos ou desnudados, transformados em artefatos políticos, são acionados de várias maneiras para se comunicar, e, no feminismo, eles ocupam um lugar discursivo no qual as ativistas colocam uma vastidão de significados (GOMES, 2017). À vista disso, pode-se ter maior reflexividade acerca do carnaval, a partir do movimento do carnaval de rua da capital mineira, em que o evento transfigura-se em um espaço onde é possível se pensarem políticas públicas na dimensão da igualdade, da diversidade e do papel que movimentos sociais, como o carnaval, possuem na defesa dos direitos humanos.

Por conseguinte, o carnaval, tornando-se mais seguro, principalmente para as mulheres, se engrandece como um atrativo turístico e espaço de manifestações para suscitar, cada vez mais, foliões do Brasil e de outros países, a fim de aproveitarem esse evento com a segurança e a liberdade almejada; bem como fomentar maior provento às pessoas que trabalham na construção dessa festa, assim como a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Diante do exposto, procura-se compreender: **Como ocorrem as representações do corpo feminino no contexto do carnaval de Belo Horizonte, sob a perspectiva das mulheres que participam ativamente do evento?**

1.1 Objetivos da pesquisa

Neste tópico, serão delineados o objetivo geral e os objetivos específicos que orientam esta pesquisa.

1.2 Objetivo Geral

Em resposta ao problema da pesquisa, o objetivo geral é compreender as representações do corpo feminino no contexto do carnaval de Belo Horizonte, sob a perspectiva das mulheres que participam ativamente do evento.

1.3 Objetivos Específicos

De maneira específica, pretende-se:

- (i) Identificar e compreender, no contexto do carnaval, as mudanças significativas que ocorreram em relação ao corpo feminino ao longo dos anos.
- (ii) Compreender a relação entre corpo feminino e patriarcado no carnaval.
- (iii) Analisar como as representações do corpo feminino no carnaval são extrapoladas para outros momentos ou contextos.

1.4 Justificativas

A partir de uma Revisão Sistemática da Literatura, realizada para esta dissertação e descrita com detalhes no Referencial Teórico, foram encontrados 1.603 trabalhos, sendo somente 62 relativos à temática deste estudo², correspondendo a um total de 3,9% artigos. Ou seja, trata-se de um tema pouco explorado na literatura, sendo ainda incipiente. Observou-se, ainda, que mais de 50% do total destas publicações foram feitas nos últimos 7 anos, indicando que o tema é considerado recente e latente.

Historicamente as mulheres têm um papel social diferenciado em relação aos homens, papel este que as reduzem à submissão e complacência ao sexo oposto (GREGORI, 2003; KOBAYASHI, 2018). A imagem da mulher que foi construída pela cultura é a de objeto a ser consumido, a ser erotizado e, inclusive, a ser depreciado e relacionado à falta de inteligência (CARNIEL, RUGGI; RUGGI, 2018). A construção dessa imagem ocorreu ao longo das décadas pelo gênero oposto, uma vez que a mulher estava reduzida ao espaço privado e não poderia fazer parte da edificação dessa história pública (TEIXEIRA, 2014).

Assim, faz-se necessário discutir tal temática para que essa cultura de objetificação da mulher seja desnaturalizada e, por conseguinte, as mulheres obtenham êxito na luta pela igualdade de gênero. Posto isto, o carnaval, como um espaço de articulação entre a política e cultura e o espaço público e privado, reflete um universo de discussão para estas questões.

No Brasil, os destaques nacionais para os festejos carnavalescos vão para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, conforme esclarece Gaião, Leão e Mello (2014), no entanto, percebe-se um crescimento quantitativo do público participante do carnaval em Belo Horizonte a cada ano, além do número de blocos que surgem, principalmente de blocos de movimentos feministas. O carnaval de Belo Horizonte,

² Consumo, erotismo e objetificação do corpo feminino; Mulher no carnaval do Brasil; Imagem corporal e autoapresentação; Performance de gênero; Construção socio-histórica do corpo feminino no contexto do carnaval do Brasil.

como um movimento social, festivo e ato político de resistência, tem mantido o traço híbrido mesmo quando ganha maior relevância em termos de quantidade de blocos e foliões, com participação ativa das mulheres.

O corpo tem um apelo evidente, em vários lugares do mundo, em ações feministas (GOMES, 2017). Os coletivos feministas, como a Marcha das Vadias, chegaram a um contexto em que o carnaval é visto como um espaço no qual tudo é permitido, até no sentido de violentar o outro (GARCIA; SOUSA, 2015). Desse modo, o movimento “Não é Não!”, criado em 2017, fomentou o debate sobre situações de assédio em festas como o carnaval, começando na cidade do Rio de Janeiro, mas, em 2020, já havia se expandido para 15 estados brasileiros (EMPINOTTI; PAULINO, 2020).

Os movimentos sociais no país demoraram a notar a questão de gênero como uma questão política que precisava penetrar os espaços públicos, dificultando, assim, a edificação de identidades políticas e coletivas (SILVA; MONTEFUSCO, 2017). Dessa forma, na perspectiva social, a pesquisa pretende mostrar aspectos que expõem anseios da população acerca do carnaval tanto para aqueles que participam dele, quanto para os que lidam com suas consequências.

Registra-se, ainda como justificativa, que a autora desta dissertação é entusiasta do carnaval, principalmente pelo carnaval de rua de Belo Horizonte que apresenta esse caráter de festa e movimento político. É, também, participante ativa deste evento desde 2014, começando a história com o movimento como foliã e, posteriormente, tornando-se participante de blocos de rua na ala de bateria, dança e apoio.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução, seguida da contextualização do carnaval de Belo Horizonte. O terceiro capítulo apresenta o Referencial Teórico que abarca os temas (i) Imagem Corporal e Gênero e (ii) o Corpo e o Patriarcado, assim como a Revisão Sistemática da Literatura que foi realizada. O quarto capítulo refere-se aos procedimentos

metodológicos. O quinto capítulo mostra a Apresentação e Análise dos resultados seguido das Considerações Finais.

2 CARNAVAL DE BELO HORIZONTE

O carnaval é uma das festas públicas mais antigas do mundo, sendo sua primeira manifestação o chamado Jogo do Entrudo³, uma festa popular que acontecia nos três dias que antecederiam a entrada da Quaresma, quando eram lançados entre os brincantes: farinha, pós, limões de cheiro, baldes de água, luvas cheias de areia, polvilho ou vermelhão (FERREIRA, 2004; SANTOS, 2016; FRANCO; LEÃO, 2019).

A brincadeira era simples, porém, havia algumas regras, dentre elas, a de que os escravos poderiam ser alvos de lanças no entrudo familiar, no entanto, não poderiam revidar, em hipótese alguma, apenas aceitar a brincadeira com humor e paciência (FERREIRA, 2004; SANTOS, 2016).

A participação das mulheres nos carnavais, de modo geral, acontecia sob diferentes conjunturas, considerando o protagonismo nesses festejos do fragmento feminino, além de responsáveis pela sua organização, durante o período em que predominou o entrudo, diferentemente das mulheres negras escravas, cujo papel era dar sustentáculo aos festejos (SILVA, 2018).

Uma verdadeira indústria familiar ocupava-se dos preparativos para os dias de entrudo. Estes momentos de encontro para fabricação dos limões revelavam-se propícios à solidificação dos laços familiares, pois a festa motivava e reforçava as práticas comunitárias. A participação masculina não era tão ativa nesse momento, pois a fabricação dos limões e os preparativos da festa cabiam, especialmente, às mulheres. Por outro lado, na rua os homens revelavam-se os principais personagens das brincadeiras (ARAÚJO, 2020, p.21).

As mulheres, para os estrangeiros, que passavam pelo Brasil, no século XIX, eram tidas como reservadas, no entanto, durante o entrudo aparentavam se liberar das convenções sociais (ARAÚJO, 2020). Houve relato de mineiros, conforme afirma

³ “O entrudo, cujo significado remete à expressão latina introitos (entrada, começo, princípio), pode estar associado, entre os lusitanos, às festas ocorridas em certas tribos antigas, de algumas regiões do país onde se celebrava a entrada da primavera, assinalando-se por ser uma comemoração de ritos de fertilidade” (ARAÚJO, 2020, p. 19).

Araújo (2020), de que a brincadeira era mais divertida quando acontecia entre pessoas do sexo oposto.

As festas populares do Brasil são produtos de influências diversas, uma mistura de etnias, de crenças e de tradições. Esses momentos de celebrações surgiram como forma de expressão, de espaço de fuga e de relutância dos povos em proteção de sua cultura, sendo o carnaval considerado uma das festas mais representativas da identidade cultural do país (GAIÃO; LEÃO, 2013).

No Brasil, segundo Silva e Pacheco (2004), o carnaval chegou com os primeiros colonizadores, nas origens de seu descobrimento, nomeado como entrudo e tornou-se, rapidamente a “festa nacional”, tomando diferentes símbolos e formas em cada região. Os autores (2004, p.1) destacam que:

Aqui, o carnaval é famoso por uma sugerida liberdade ilimitada que perpassa o imaginário de foliões de todas as partes do mundo, uma época e um local onde as regras sociais podem ser quebradas, e pode-se dar vazão a todos os desejos e loucuras reprimidos.

No século XIX, conforme relata Santos (2016), a Família Real Portuguesa chega ao Brasil simultaneamente a quase 15 mil estrangeiros no país, bem como a influência da França com intensiva vida mundana e com hábitos sofisticados, apresentando um ideal de liberdade e modernidade que deveriam ser almejados e copiados. Corroborando com esta história, Franco e Leão (2019) explicam que, com o começo do Modernismo na transição do século XIX para o XX, a busca por uma identidade nacional e para se consagrar uma cultura autêntica derivou da tentativa de instaurar, como uma tradição, o carnaval no Brasil.

Como uma festa singular, o carnaval é palco de desejos e interesses dos mais diversos grupos sociais, momento no qual há um resgate das tradições, uma combinação entre a sátira do cotidiano com o bom humor, além de ser fonte de trabalho e de renda de muitos outros (SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016). No carnaval, de modo geral, o que se busca é

[...] a 'alegria', o 'sorriso', a 'música', a 'felicidade', o 'prazer sexual'—, os homens se transformam e inventam aquilo que chamamos de 'povo', ou 'massa'. Buscam, então, juntos esses alvos para os quais os políticos e planejadores ainda não inventaram uma forma e um método de alcançar. Perseguem fundamentalmente o prazer e a sorte, a felicidade e o bem-estar. Isso impede a precisão corporativa e permite a formidável abertura que termina por religar (como um verdadeiro momento religioso) todos com todos como simples 'foliões'. Como membros de uma mesma espécie humana na sua eterna busca da felicidade [...] (DAMATTA, 1997, p.115).

Há dois tipos de cenários no carnaval: o carnaval fechado e o carnaval de rua. A partir de 1840, antes de os bailes se tornarem populares, havia o chamado “carnaval fechado”, termo contrário ao chamado “carnaval de rua”, este último, caseiro e sem muita ordem em termos de público (DAMATTA, 1997). No entanto, as duas formas apresentam os elementos clássicos do desfile: no salão do baile, as pessoas circulam, e, nas ruas, as pessoas se engajam em grupos. O carnaval democrático, aberto e inclusivo é o brasileiro, embora o princípio da hierarquia ainda seja aplicado, pois, no Brasil, há o temor social de se estar deslocado, assim, cada indivíduo busca sempre estar no lugar social que lhe é mais cômodo (DAMATTA, 1997).

As décadas de 1920 e 1930 deram origem às primeiras escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro, as quais ganharam força e reconhecimento como berços de produção cultural e do samba, um dos estilos musicais do Brasil mais nobres do século XX (RIBEIRO, 2018). No entanto, conforme Ribeiro (2018), as escolas de samba perderam sua característica popular e a ligação com a vizinhança e a comunidade quando, em 1980, se tornaram empresas que funcionam o ano inteiro.

O carnaval se tornou um festejo complexo, de forma que, para se compreender esta complexidade, nos moldes empresariais em que foi tomado, são necessárias políticas específicas a fim de evitar a sobreposição simbólico-cultural em detrimento da escala econômica e comercial, e ainda, para que as grandes oligarquias da indústria do entretenimento não enfraqueçam as pequenas agremiações (FRANCO; LEÃO, 2018).

No Brasil, o número de turistas aumenta à proporção que o carnaval auferir visibilidade, assim como ganha o interesse das empresas na organização da festa, explica Júlio (2018). Cabe ressaltar, também, que o gigantismo do carnaval tem efeito nas conexões que a produção da folia criou nos últimos anos, com os meios de comunicação, em especial, com patrocinadores de diversas emissoras de televisão (HOLLANDA, 2013).

O carnaval, assim como o futebol e outras festas, é fonte da identidade nacional brasileira (DAMATTA, 1997). É importante salientar que o fenômeno do carnaval tem especial importância não somente para o entendimento das relações entre Estado, sociedade e mercado, mas também nos apontamentos das conexões que articulam o poder público e a mídia; a política e a cultura; a indústria cultural e arte popular; o lúdico e o comercial; e, sintetizando: o público e o privado (HOLLANDA, 2013). Durante o carnaval, com a utilização de máscaras e fantasias, o folião pode passar por um momento que rompe a realidade cotidiana, permitindo-lhe transcender os papéis sociais, da mesma forma que possibilita a crítica ao poder econômico e político por meio de manifestações cômicas (SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016).

Atualmente, o carnaval pode ser visto como um meganegócio contemporâneo e um megaevento, proporcionando estudos sobre a temática cada vez mais iminentes na academia, ressalta Hollanda (2013), que também entende que isto ocorre pela condição do tradicional fenômeno festivo, o aumento das agremiações populares carnavalescas, grandes escolas de samba e articulações entre os governantes das cidades grandes, os patrocinadores e os agentes da sociedade civil.

No Brasil, as celebrações carnavalescas que possuem maior destaque nacional estão localizadas nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco afirmam Gaião, Leão e Mello (2014). No entanto, a cidade de Belo Horizonte também vem ganhando espaço nessa festa.

No século XX, o carnaval surgiu na cidade de Belo Horizonte como alternativa de penetração social, quando, no processo de modernização da nova capital, havia classes sociais que se sentiam excluídas (PEREIRA FILHO, 2006; SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016). A cidade, inaugurada em 1897, com área urbana projetada dentro da Avenida do Contorno, também tinha as brincadeiras de entrudo (MIGLIANO, 2018), embora os primeiros festejos tenham acontecido antes da inauguração da capital (PEREIRA FILHO, 2006; SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016). No início deste mesmo século, o carnaval de Belo Horizonte apresentava desfiles de carros alegóricos, guerras de serpentinas e confetes nas calçadas. Era um carnaval visto como criativo e elegante, com grande participação da população, principalmente nos bailes fechados (TEIXEIRA, 2005; SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016).

A primeira escola de samba teve registro na década de 1930, e, na de 1940, surgiram os blocos caricatos (TEIXEIRA, 2005; SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016). Na década de 1960, existiam mais de quarenta blocos caricatos desfilando pela cidade de Belo Horizonte no carnaval, mas eles caíram no esquecimento na década de 1990, quando os moradores da capital mineira, majoritariamente os jovens, deslocavam-se, durante o feriado nacional, para outras cidades, principalmente as do interior (AMORIM; ANDRÉ, 2017; SILVA, 2018).

Posteriormente, houve um movimento de resistência cultural, considerado divisor de águas que fomentou transformações na utilização dos espaços públicos da região (GUIMARÃES, 2018). A prefeitura de Belo Horizonte, em 2009, administrada pelo então prefeito Márcio Lacerda, proibiu quaisquer eventos na Praça da Estação, nome popular dado à Praça Rui Barbosa, localizada no centro da cidade, apontando dificuldade na limitação da quantidade de pessoas nestes eventos a fim de garantir a segurança e impedir depredação dos bens públicos (AMORIM; ANDRÉ, 2017).

Houve, portanto, reação da população, em janeiro de 2010, a fim de iniciar um movimento sem partido, como forma de protesto gratuito e a favor da cultura local;

surgiu, assim, o movimento “Praia da Estação”, onde os ativistas se reuniam na praça, vestindo roupas de banho e se molhando com jatos de caminhão pipa, presente por meio de “vaquinha” entre os participantes, uma vez que as fontes da praça foram desligadas (AMORIM; ANDRÉ, 2017; GUIMARÃES, 2018). O surgimento deste movimento constituiu, assim, o renascimento dos blocos de rua da cidade (MIGLIANO, 2018).

O protesto tinha uma atmosfera de carnaval e gerou pelo menos dois significativos desdobramentos para Belo Horizonte: (i) um movimento intitulado “Fora Lacerda”, uma insatisfação com o então prefeito Márcio Lacerda, cujo projeto evidenciava a mercantilização do espaço público. Este movimento teve como proposta a ocupação de espaços de poder, e proposição de uma gestão mais democrática, horizontal e compartilhada em sincronia com movimentos de esquerda e novos partidos; e (ii) o retorno do carnaval de rua da cidade que trouxe ‘um ar’ híbrido entre protesto e performatividade festiva, caracterizando, assim, essa retomada do carnaval de Belo Horizonte a partir destas manifestações festivas e politizadas na ocupação dos espaços públicos da cidade (GUIMARÃES, 2018, p. 7).

O movimento agregou outros movimentos parceiros cujas causas se referiam à expulsão de habitantes da região do baixo centro, como prostitutas dos movimentos pela liberdade e igualdade de gênero, moradores de rua, pipoqueiros e outros vendedores ambulantes (MIGLIANO, 2018).

Desde então, o carnaval de rua em Belo Horizonte veio conhecer novo impulso que lhe conferiu um crescimento que está vinculado à organização dos blocos de rua, paralelamente ao movimento político, gerado com a “Praia da Estação”, que trouxe pontos de discussão relacionados à ocupação dos espaços públicos da cidade e local de união para construção de novos contornos de manifestações culturais, ambos gerados de uma consternação da sociedade no tocante ao abuso de poder público (SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016; AMORIM; ANDRÉ, 2017; PAOLINELLI; CANETTIERI, 2019).

Nessa época, pequenos grupos de amigos, que ficavam na cidade durante o carnaval, se organizaram com três blocos carnavalescos improvisados que desfilavam em regiões mais centrais como a Centro-Sul de Belo Horizonte. Posteriormente, no ano de 2014, houve um crescimento expressivo que gerou mais de duzentos blocos (ANDRÉS, 2015; ANDRADE, 2017; PEREIRA FILHO, 2006).

Em 2015, segundo Andrés (2015), confirmou-se que, na cidade, quem conduz a folia é um conjunto de ‘pessoas revolucionárias’ que inventam fantasias, que tocam, que puxam bloco, que recompõem a cidade na conquista dos espaços públicos. São jovens engajados, em sua maioria, músicos por formação, que recrutam mais jovens em desfiles e ensaios, que ocupam as ruas e praças e mostram como o carnaval é prazeroso e um direito de todos (MUZZI, 2015; SANTOS; SOUSA; PEREIRA, 2016). Com o passar dos anos, houve aumento do número de blocos, por meio das articulações que estes compuseram com outras circunstâncias de contestação urbana local, o que implicou a descentralização das festividades, que hoje abrange todas as regiões (ANDRADE, 2017).

Em 2019, conforme dados da Empresa Municipal de Turismo, órgão público vinculado à Prefeitura e responsável pela programação oficial de Belo Horizonte (Belotur), foram 410 blocos que realizaram 447 cortejos. Expandindo-se a cada ano, com blocos e turistas, o carnaval de Belo Horizonte se caracterizou como o segundo melhor destino para o carnaval em 2018, perdendo apenas para Salvador, em uma pesquisa elaborada pelo Google⁴. Segundo o mesmo relatório, em 2019, as ruas da cidade receberam aproximadamente 4,3 milhões de foliões no decorrer dos 23 dias da temporada oficial do carnaval (em 2017 foram 3 milhões e, em 2018, 3,8 milhões de foliões). A soma de patrocínios chegou a R\$ 27,16 milhões em 2019, o que gera uma economia significativa nos investimentos por parte da Prefeitura.

⁴ Google. Reportagem do jornal “Hoje em dia”. Disponível em: <<https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/belo-horizonte-%C3%A9-o-segundo-melhor-destino-de-carnaval-do-pa%C3%ADs-segundo-pesquisa-do-google-1.597539>> Acesso em: 01 maio 2020.

No ano de 2020, de acordo com a Prefeitura, aconteceu o melhor carnaval da história de Belo Horizonte. Inclusive, mais sustentável em relação ao volume de lixo recolhido, 70% menor do que em 2019, e queda nos atendimentos de saúde. O público total de foliões foi superior ao de 2019, totalizando 4,45 milhões, sendo que a maioria do público se identifica como sendo do gênero feminino. A soma de patrocínios chegou a R\$ 14,3 milhões. Em 2021, devido à pandemia causada pela COVID-19, não houve o carnaval.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar o Referencial Teórico desta dissertação, realizou-se uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) que resultou na discussão das teorias a seguir: Imagem corporal e gênero tratados no primeiro tópico; e, O corpo e o patriarcado que foram tratados no segundo tópico.

A RSL iniciou-se com a definição das palavras-chave e das bases de dados que serviram de fontes de pesquisa (DAMÁZIO, COUTINHO, SHIGAKI, 2018). Em seguida, na seleção, realizou-se a definição dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos, para então avaliar a seleção a partir da leitura de títulos, de resumo e, finalmente, do texto na íntegra para, então, analisá-lo e interpretá-lo. Portanto, nesta etapa introdutória do Referencial Teórico, o passo a passo da RSL foi explicitado e os seus dados bibliométricos foram discutidos para, dessa forma, analisar e discutir as teorias que fundamentaram esta dissertação.

A seleção da literatura foi realizada em abril de 2020, nas bases acadêmicas Scielo, Spell e Anpad, com a definição das palavras-chave e os termos de busca, conforme definidos no Quadro 1. Por se tratar de um tema que foi pré-estabelecido geograficamente no Brasil, optou-se por estas bases por elas possuírem maior quantidade de trabalhos que retratam esta realidade. Ao todo, foram encontrados 1.603 artigos a partir da elaboração de 9 combinações entre as palavras-chave, com o auxílio dos operadores Booleanos⁵, além de outras estratégias de busca avançada.

⁵ Operadores Booleanos são palavras que têm o objetivo de definir para o sistema de busca como deve ser feita a combinação entre os termos ou expressões de uma pesquisa. A busca booleana compreende três operadores lógicos: “AND”, “OR”, e “NOT”. **Estratégias de busca.** Disponível em: <https://www.iau.usp.br/biblioteca/images/Estrat%C3%A9gias_de_Busca_compressed.pdf> Acesso em: 19 out. 2020.

Quadro 1 - Busca por artigos científicos

Atributo	Descrição	Tópicos de interesse
Data da busca	Abril de 2020	
Período	Sem recorte temporal	
Campos de pesquisa	Título, Resumo e Palavras-chave	
Tipo de Publicação	Artigos completos	
Palavras-chave	Consum* Erotismo Objetifica* Feminin*	Consumo, erotismo e objetificação do corpo feminino
	Mulher* Feminin* Corpo feminino Carnaval Carnaval de rua	Mulher no carnaval do Brasil
	Identidade Gênero Feminin* "Imagem corporal"	Imagem corporal e autoapresentação; Performance de gênero
	Sociohistóric* Sociohistóric* Carnaval Mulher* Feminin*	Construção socio-histórica do corpo feminino no contexto do carnaval do Brasil
Retorno	1.603 documentos	

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar de não ter sido estabelecido um recorte temporal nas buscas, os artigos selecionados foram publicados entre os anos de 2000 e 2019. Mais de 50% das publicações ocorreram nos últimos 7 anos, ou seja, a partir de 2013. Sendo os anos de 2013 e 2019 os que mais tiveram publicações.

Na base acadêmica da Anpad, exclusiva em pesquisas na área da Administração, foram encontrados 9 artigos dentro dos tópicos de interesse, distribuídos em três divisões de área, dentre eles: 5 na divisão de Estudos Organizacionais, 3 na divisão de Marketing e 1 na divisão de Administração Pública.

Dos 1.603 artigos, usando os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos (Quadro 2), foram selecionados 89 artigos a partir da leitura dos resumos e, ao final, 62 artigos foram analisados e lidos na íntegra.

Quadro 2 - Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de Inclusão/ Exclusão de Literatura	Motivo
Textos relacionados ao consumo, à objetificação e ao erotismo do corpo feminino foram incluídos.	A pesquisa se delimita a analisar o consumo, erotismo e objetificação do corpo feminino.
Textos que fazem uma construção socio-histórica do corpo feminino foram incluídos.	As teorias desenvolvidas, neste escopo corroboram com o tema da pesquisa.
Textos que falam sobre carnaval do Brasil foram incluídos.	Foi observada uma incipiência na área quanto à publicação de estudos sobre a mulher no contexto do carnaval, resolveu-se, portanto, abranger a busca para todos os textos que abordam o tema carnaval.
Estudos não realizados no Brasil foram excluídos	A pesquisa se delimita a analisar estudos realizados no Brasil.
Textos na área da saúde que estudam doenças crônicas e/ou problemas de saúde pública, consumo de drogas foram excluídos	Excluiu-se da pesquisa o consumo de remédios, alimentos específicos (em prol da melhoria da saúde ou relacionados a doenças) e drogas, pois a pesquisa se delimitou ao consumo do corpo feminino.
Estudos realizados sobre homens foram excluídos	A pesquisa se delimita ao estudo sobre mulheres.

Fonte: Elaborado pela autora

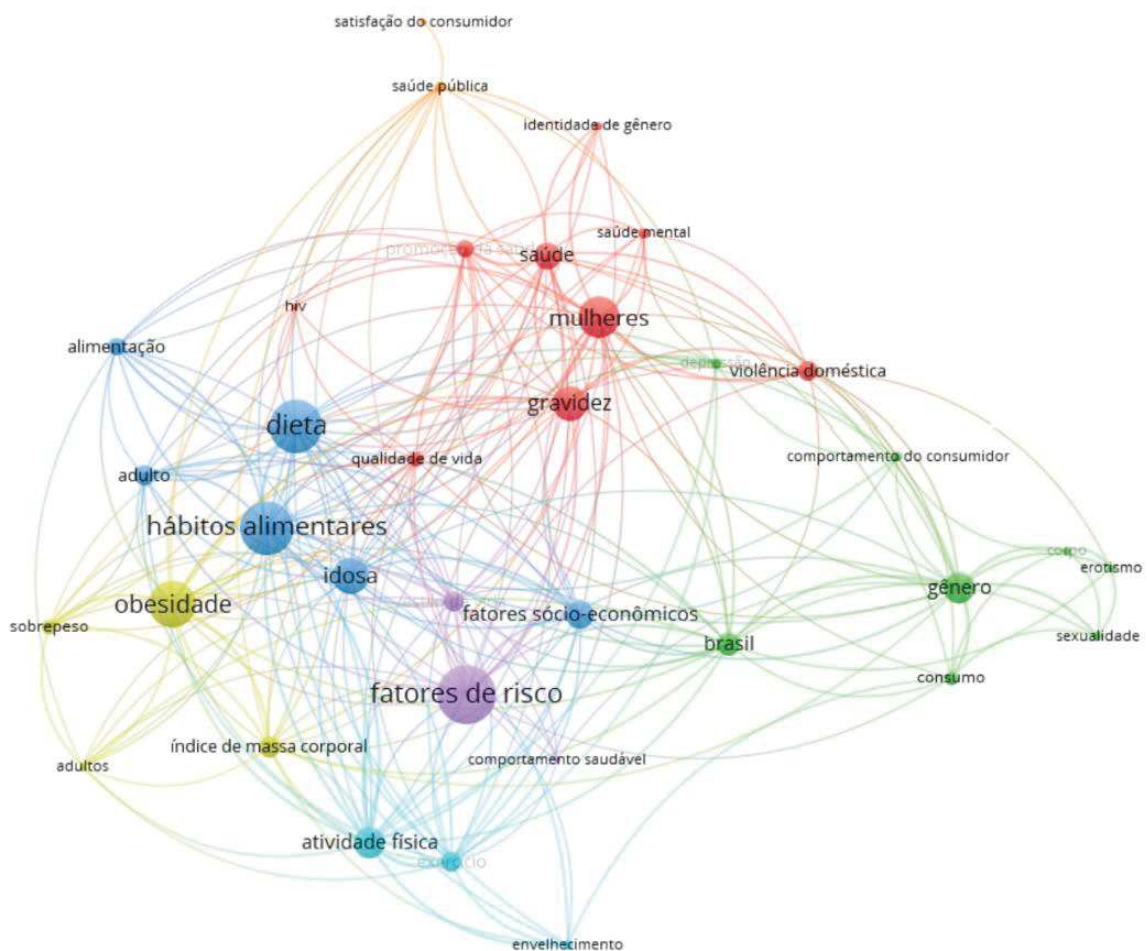
Utilizou-se, também, o *software* VOSViewer (VAN ECK; WALTMAN, 2014) para sintetizar padrões de palavras-chave e *clusters* na temática estudada e de análise bibliométrica dos dados obtidos.

A maioria dos estudos (57 artigos) fez uso da abordagem de pesquisa qualitativa, prevalecendo os métodos de pesquisas históricas e de textos culturais, seguido pela pesquisa etnográfica e bibliográfica. Apenas 3 artigos trabalharam a abordagem quantitativa e outros 2 fizeram uso da abordagem de métodos mistos. Tendo em vista a temática deste estudo, os cinco artigos, ora mencionados, não compuseram a amostra final, uma vez que estavam direcionados ao empreendedorismo feminino e, especificamente, ao impacto econômico do

carnaval. Esse resultado indica, inclusive, que a abordagem qualitativa é preferível quando se trata de estudos voltados ao entendimento do consumo, da objetificação e do erotismo do corpo feminino, justamente por ser um tema recente na literatura e ainda incipiente, necessitando, pois, de resultados mais aprofundados.

A partir da rede de palavras-chave, obtidas pela Scielo, base de dados que apresentou o maior volume de artigos, e tendo em vista a não possibilidade de exportação de dados pelo Spell e Anpad no formato aceitável pelo VOSViewer, observam-se, na Figura 1, as palavras-chave que aparecem mais de 10 vezes nos tópicos pesquisados.

Figura 1 - Rede de termos mais relevantes



Fonte: Elaborado pela autora por meio do VOSViewer.

Das 5.059 palavras identificadas, 200 corresponderam a este critério e, após o uso da análise de substituição e exclusão via *thesaurus*, esse número passou a ser de 35 palavras-chave. Dessa rede, pode-se dizer que foram identificados seis *clusters* de estudos, voltados para discussões sobre (i) gênero, consumo e sexualidade, (ii) saúde mental, (iii) saúde pública, (iv) hábitos alimentares, (v) obesidade e sobrepeso, (vi) atividades físicas e (vii) e fatores de risco associados, principalmente, ao estilo de vida. Diante dessa análise, cabe aqui mencionar que este estudo se enquadra no primeiro *cluster* ora mencionado: gênero, consumo, corpo e sexualidade. A partir da leitura dos artigos inseridos neste *cluster*, observou-se uma falta de engajamento com literaturas importantes para construção do arcabouço teórico desta dissertação. Dessa forma, foi necessário expandir a busca em outras teorias.

Após essa busca, ampliou-se a pesquisa à base acadêmica Spell, tendo em vista a incipiência de artigos associados diretamente ao tema proposto. Com os novos termos de busca, direcionados ao entendimento do corpo, gênero e patriarcado, com vistas à manutenção do foco desta dissertação, foram encontrados 15 novos artigos que foram lidos na íntegra, destes, 10 foram selecionados para análise de conteúdo a partir dos mesmos critérios pré-estabelecidos anteriormente. Ademais, considerando como referência na área o artigo de Linda Nicholson (2000), intitulado “Interpretando o gênero”, pesquisaram-se trabalhos que citavam esta obra com foco no carnaval, resultando em 97 artigos. Dos quais foram exclusas teses e dissertações, restando 15 artigos lidos na íntegra e agregados a esta pesquisa. Com isso, somado aos 62 artigos da primeira RSL, 87 artigos foram analisados e incluídos na revisão de literatura desta dissertação.

3.1 Imagem Corporal e Gênero

Como representação mental do corpo, da aparência física e das respostas emocionais, relacionadas ao corpo, a imagem corporal é única, baseada na existência corporal do indivíduo e nos significados de experimentações de vida constituída pelas relações sociais e aspectos pessoais (SCHILDER, 1980;

TAVARES, 2003; NEVES; HIRATA; TAVARES, 2015; DIAS *et al.*, 2016). Esta imagem é desconstruída e reconstruída sob o núcleo estável da identidade que fornece ao sujeito sua própria referência original, possibilitando-lhe reconstruir os elementos de sua vida e integrá-los em sua identidade com novos significados (NEVES; HIRATA; TAVARES, 2015).

A proposta de que a imagem corporal é uma ocorrência mental com três características são comungadas por Costa e Silva (2011), e são elas: (i) intencionalidade – porque sempre se refere a outra intenção externa; (ii) privacidade – porque é constantemente necessária para representar sua própria existência e seu próprio “eu”, e finalmente; (iii) representacionalidade – a imagem corporal é um processo de autopercepção, interpessoal e linguisticamente organizado de forma reflexiva ou pré-reflexiva, consciente ou inconsciente.

Por meio da ação sobre o corpo, o objeto nasce, e então o corpo não é mais apenas a carne, mas se torna a existência do objeto, ou seja, durante o parto, a mãe dará à luz um corpo físico e o trará para o mundo da "linguagem" por meio do olhar (NEVES; HIRATA; TAVARES, 2015). As diversas experiências corporais, vivenciadas pelos sujeitos ao longo de suas vidas, são recursos importantes para a construção contínua da identidade corporal, pois a experiência das sensações corporais, geradas a partir dessas vivências, possibilita que os sujeitos se reconheçam em suas próprias unidades corporais, cujo papel está na criação de uma identidade integrada (NEVES; HIRATA; TAVARES, 2015; SCHILDER, 1999; SCHONTZ, 1990; TAVARES, 2003).

Da mesma maneira, o desenvolvimento da imagem corporal está intimamente relacionado à estrutura de identidade nos grupos sociais; portanto, é necessário compreender o significado, a história da vida pessoal e social, o suporte familiar, a fase de desenvolvimento e outros fatores que afetam a capacidade por meio da experiência adquirida nas ações e reações às relações sociais (BRADBURY, 2012; MENDES; FIGUEIRAS, 2013; SECCHI, CAMARGO E BERTOLO, 2009).

À proporção que a mídia apresenta belos corpos, a imagem corporal aumenta, fato que tem levado as pessoas a buscarem estruturas anatômicas ideais nas últimas décadas (FROIS; MOREIRA; STENGEL, 2011), sendo o distanciamento entre a imagem corporal e o corpo real um fenômeno estrutural do sujeito, pois, em todos os momentos, as inscrições iniciais feitas em suas primeiras interações com o mundo são contrastadas pelas novas imagens que ele exprime ao indivíduo. Essa consciência de disparidade entre o eu ideal do consumidor e o eu real produz uma ansiedade no indivíduo, assim como uma redução da autoestima e insatisfação em relação a seu corpo (FONTES; BORELLI; CASOTTI, 2012).

Quanto às compreensões a respeito do próprio corpo, pesquisadores concluíram que os homens eram considerados livres de inquietações a respeito da imagem corporal, oposto do que se observava nas mulheres (MCCREARY, 2011; MORGADO *et al.*, 2013). Por muito tempo, a diferença entre o corpo dos diferentes gêneros foi vista em patamares hierarquicamente diferentes, de forma que o corpo masculino é sobrevalorizado em relação ao corpo feminino (FERRETTI *et al.*, 2011).

Alguns autores entendem que o feminino e o masculino são construções socioculturais intermediadas por elementos específicos de uma dada sociedade, ou seja, estes papéis partem de construções sociais e não das características sexuais (LOURO, 1996; NICHOLSON, 2000; BUTLER, 2008; IRIBURE, 2020). Para Scott (1995), com a intenção de se opor a um determinismo biológico entre os sexos, criou-se o conceito de gênero, conferindo a eles um caráter essencialmente social.

Gênero é a forma como as habilidades reprodutivas e as distinções sexuais dos corpos humanos são colocadas na prática social, e, para entender como funciona o gênero, é preciso buscar o sentido do sujeito individual, da organização social e suas articulações (FERRETTI *et al.*, 2011; SCOTT, 1995). Para Ferreti *et al.* (2011), a diferença hierárquica conduz a experiências limitantes para homens e mulheres, porque são atribuídos aos corpos o que é apropriado e aceitável com

base em certas características que são consideradas naturais e imutáveis, não construídas historicamente. Gênero, portanto, envolve quatro elementos:

O primeiro, refere-se aos símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas e contraditórias. O segundo, sobre os conceitos normativos que evidenciam as interpretações do sentido dos símbolos, expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, com combinação binária do masculino e feminino. Um terceiro aspecto, reporta-se à análise da natureza do debate ou repressão, produzindo a aparência de uma eternização na representação binária do gênero, devendo incluir uma noção de política e uma referência às instituições e à organização social. Por fim, um quarto elemento: a identidade subjetiva, devendo-se estudar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são construídas e relacioná-las com as representações sociais, organizações, entre outras, historicamente situadas (SCOTT, 1995; LOURENÇO, 2004, p. 73).

Há uma abordagem dualista: o fundacionalismo biológico, segundo Nicholson (2000), no qual os dados biológicos existem concomitantes aos aspectos do comportamento e personalidade com uma relação acidental, ou seja, esses aspectos podem ser afetados por variantes culturais; e, o determinismo biológico, em que existe uma relação direta entre aspectos do comportamento e personalidade com os dados da biologia; esses aspectos não são afetados por variantes culturais. No entanto, para Nicholson (2000), essa abordagem dualista precisa ser abandonada, uma vez que existem diferenças entre a população humana além das expectativas sociais e como se entende o corpo. Assim, existem diferenças na importância e no sentido conferidos ao corpo que acometem o sentido da distinção feminino e masculino.

Ainda de acordo com Nicholson (2000), gênero é usado para descrever uma construção social referente a comportamento e personalidade, e as maneiras como o corpo aparece, em oposição ao sexo que é dado biologicamente. Conforme Lerner (2019, p. 47), “atributos sexuais são fatos biológicos, mas gênero é produto de um processo histórico”, e é o gênero que vem se tornando o responsável central na determinação do espaço das mulheres na sociedade. Para esta última autora, há o argumento de muitas feministas em que existe um exagero nas interpretações culturais para as diferenças biológicas comprovadas entre os sexos.

No entender de Lopes (2017, p. 167), “os gêneros, suas normas, marcadores, hierarquias e identidades são constructos, são forjados, praticados e repetidos no social, no cultural, no cotidiano e no temporal”. Ainda, conforme o autor, o termo gênero tem sido empregado para evidenciar diferenças percebidas e criadas em diversos lugares e culturas e os significados podem variar de cultura para cultura e se modificar através do tempo, dentro de uma mesma cultura, assim como “desnaturalizar as diferenças e denunciar as relações, estratégias e estruturas de dominação e poder” (LOPES, 2017, p.168).

Não há uma única maneira de vivenciar a feminilidade ou masculinidade, e as relações de poder e coerção causam comportamentos excludentes em relação à mulher, ou seja, o próprio gênero é uma relação de poder (SCOTT, 1995; BARRETO, 2016). Dessa forma, não há como fugir que os padrões de sexualidade feminina são frutos do poder dos homens para determinar o que é esperado e necessário (BARRETO, 2016).

O gênero é um processo variado de socialização corpórea que vai além da anatomia, é um processo de tornar-se (BUTLER, 1986). Nesse sentido,

mesmo que o corpo biológico seja de mulher, o ato de tornar-se numa mulher pressupõe para a filósofa um processo de apropriação e reinterpretação que advém de possibilidades culturais (BARRETO, 2016, p. 140).

No caso das travestis, que não fazem operação de mudança de sexo, essas desestruturam as representações padrão do feminino e do masculino, há uma anulação da leitura binária dos corpos, as suas experiências de vida corroboram que a existência de uma vagina ou de um pênis não determina a identidade de gênero (BENTO, 2004; LOPES, 2017).

Quando há uma quebra do padrão social, estabelecido na sociedade para a construção do gênero que compreende valores, pensamentos, comportamento, vestimentas etc., ocorre um estranhamento e um afastamento da sociedade em

relação ao sujeito, podendo ocasionar diferentes formas de violência, física e moral (SILVA; MONTEFUSCO, 2017).

Algumas características que são identificadas nos homens, como audácia, racionalidade e coragem existem por causa das relações de poder da construção do gênero; no tocante às mulheres, a elas são atribuídas características como emoção, medo, indecisão, ou seja, opostas às masculinas, reflexões que sinalizam que o modelo masculino é o exemplo a ser seguido, explicam Figuerôa e Silva (2014), afirmando ainda que a mulher fora restrita de alguns espaços, como o esportivo, o intelectual e o profissional com argumentos à volta de sua fragilidade biológica. Nesse sentido, o feminismo é um discurso contestatório da teoria social e possibilita ao sujeito um espaço de resistência, ou seja, produz “uma oposição coordenada às opressões materiais concretas” (COSTA, 2002, p. 61).

3.2 O Corpo e o Patriarcado

O corpo, colocado no processo de alienação e divisão, é percebido como uma continuação de significantes em que se associa uma marca histórica, atua como base de desejo e, no vínculo social, está estabelecido na liga sujeito-significante (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2013). O corpo fundamental para o consumo das mercadorias é, conforme Lima, Batista e Lara Júnior (2013), o corpo para busca e obtenção de gozo e prazer. Dessa maneira, o corpo não é um bem bruto, nem passivo, mas está envolvido em sistemas de conceito, de significação e de concepção e é constitutivo deles (GREGORI, 2003).

Ao contrário dos discursos teológicos anteriores, a partir do século XVIII, o conceito de corpo foi se tornando gradualmente uma fonte de conhecimento sobre o indivíduo, portanto, o corpo passou a ser um recurso que atesta a diferença humana, tornando-se “um importante referente não apenas na distinção física, mas também uma significação moral e política” (ROSA, 2018, p. 6). Conforme Silva e Nova (2018, p. 125), “o corpo é uma forma abrangente de capital físico: a

posse de poder, status, e distintivo simbólico de formas, o que é essencial para a acumulação de vários recursos”.

Completando esse conceito de corpo, Lima, Batista e Lara Júnior (2013, p. 52) afirmam que “[...] o corpo é o meio no qual o eu se coloca como objeto de desejo do Outro, este que é compreendido em sua estrutura sociossimbólica”. As mulheres, especificamente, são socializadas para se tratarem como objetos a serem avaliados e observados, o que é a natureza da teoria da objetificação do corpo; no qual o ser humano é visto como um objeto comum, um tipo de mercadoria, com pouca diferenciação e com valor de venda e troca, pessoas objetificadas perdem suas características humanas (como capacidade emocional e individualidade) sendo colocadas no universo das coisas (FREDRICKSON; ROBERTS, 1997; FELIX; GARZA, 2012; BARBOSA; ROMANI-DIAS; VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2020).

O corpo, que é notado como um objeto existente somente para sua gratificação sexual, é chamado de objetificado (MALIK, 2014). Assim, a objetificação desumaniza uma pessoa e a reduz a uma coisa. Nessa linha de pensamento, Nussbaum (1995) e Malik (2014) enumeram em sete maneiras a objetificação de um corpo, cuja compreensão ocorre em: (i) Instrumentalidade: uma pessoa é tratada como ferramenta ou instrumento para serventia do objetificador; (ii) Negação de autonomia: se há o tratamento como carente de autonomia e autodeterminação; (iii) Violabilidade: a pessoa é tratada como deficiente de pureza; (iv) Fungibilidade: a pessoa é tratada como intercambiável por coisas; (v) Propriedade: a pessoa é tratada como posse de outra, possível comprá-la ou vendê-la; (vi) Negação de subjetividade: as emoções e sentimentos não são considerados na pessoa; (vii) Inércia: a pessoa é tratada como incompleta.

Existe a divisão dos indivíduos na sociedade em categorias feminina e masculina, partindo do corpo enquanto organismo, de forma que sua condição e seus papéis são formados a partir dessa divisão, assim como suas escolhas vinculadas a seu posicionamento na sociedade (BEAUVOIR, 2009; ROSA, 2018).

[...] durante a puberdade, a mulher passa a ser situada como objeto. Num primeiro momento, essa mudança é esperada com certo orgulho, como se menstruar fosse a chance de se firmar como ser autônomo. Porém, ela descobre que “tornar-se mulher”, no sentido biológico, não consiste em obter sua autonomia, mas tornar-se objeto (ROSA, 2018, p. 6).

Há um aspecto comum nos corpos das mulheres, nos quais são considerados essencialmente seres reprodutivos, além de seres humanos completos (NICHOLSON, 2000). Portanto, há o controle desses corpos no patriarcado, segundo Nicholson (2000), que os torna vítimas, em muitos contextos, de reações masculinas através das culturas, como assédio sexual, negação da expressão sexual, estupro, entre outras. O corpo é um referente:

[...] não apenas na distinção física, mas também uma significação moral e política. Nesse sentido, a perspectiva biológica é também uma perspectiva social, uma vez que até mesmo o corpo enquanto organismo já é explicado e categorizado dentro de um contexto social (ROSA, 2018, p. 6).

O patriarcado, presente há aproximadamente seis milênios na sociedade, estabelece a dominação, envolvendo tomadas de decisão e poder político e econômico, da mulher pelo homem (LOURENÇO, 2004). É definido como um

conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariedade entre eles, que os habilitam a controlar as mulheres. Patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres (HARTMANN, 1979 *apud* LOURENÇO, 2004, p. 67).

A corporificação vem por meio da educação dada à criança pelas pessoas ao seu redor e pela mídia, não sendo a divisão algo inerente a cada sexo (BOURDIEU, 1995; FERRETTI *et al.*, 2011). Por conseguinte, o patriarcado, como um sistema que privilegia os homens em desfavor das mulheres, também exerce uma forte influência sobre a subjetividade das pessoas, seus corpos e ações, assim como instituições que fazem parte da construção social que formam e produzem os corpos e papéis do sujeito como a escola, a família, entre outros aspectos (SILVA; MONTEFUSCO, 2017). As mulheres são ensinadas de acordo com as divisões aleatórias do mundo social acerca do homem e da própria mulher, as contradições são sustentadas porque são percebidas como complementares assim como a

dominação masculina impossibilita a desnaturalização da separação (BOURDIEU, 1995; FERRETTI *et al.*, 2011).

A ideologia, predominante no final do século XIX, era a da ligação da mulher com a função materna, e a de ser um ser menos evoluído perante o homem, e ainda havia o encorajamento a seu status de subordinação e submissão a ele que institucionalizava sua dominância na economia, política e educação (ROSA, 2018; LERNER 2019). De acordo com Rosa (2018), a natureza feminina, imposta pelo patriarcado, tem uma condição de inferioridade sociocultural.

O catolicismo, conforme Rosado-Nunes (2008), considera que o corpo estabelece as mulheres como mães e esposas, ou seja, as mulheres alcançam sua dignidade e vocação particularmente por via do casamento e da maternidade. Tal teologia promove o entendimento de que essa concepção biologizante das mulheres estabelece um lugar e um papel social, político e simbólico diferenciado e hierarquizado para mulheres e homens.

No Brasil, a transição da sociedade oligárquica-rural para a urbana industrial ocorreu no final do século XIX, o que proporcionou nova configuração da ordem social, principalmente nos papéis sociais da mulher. Nessa nova ordem, os espaços eram delimitados entre o público e o privado (BARRETO, 2016; ROSA, 2018), o público é usado para se referir às esferas coletivas e políticas, ou seja, a distinção entre Estado e sociedade, e o privado se reporta às esferas da individualidade, à distinção entre a vida doméstica e a não doméstica (BARRETO, 2016).

O novo estilo de vida burguês, as mudanças na estrutura das cidades e as diversões em massa nos espaços públicos, como os comícios e o carnaval, os bailes, os teatros, que aceitavam a presença feminina, acarretaram no desequilíbrio entre os padrões culturais presentes (SOIHET, 2008; ROSA, 2018). Dessa forma, conforme Rosa (2018), houve um esvaecimento da fronteira entre

espaço público e privado, porém se manteve o lugar de submissão perante ao chefe de família, uma autoridade masculina.

Corroborando a ideia acima, Barreto (2016) explica que a mulher, no Brasil, iniciou sua integração no espaço público a partir dos efeitos da Revolução Industrial, do nascimento da modernidade, da urbanização e da ruptura de alguns aspectos conservadores, o que possibilitou a busca pelo reconhecimento de seus direitos. Como consequência desse debate e movimentos sociais, nasceu o feminismo, no qual as relações de gênero obtiveram relevância na discussão acadêmica. Dessa forma, a mulher começou a ocupar espaços exclusivos dos homens e também entrou no mercado de trabalho com o movimento feminista e a revolução sexual (FUX; ABREU, 2012). Começa, portanto, conforme Fux e Abreu (2012), um aumento de textos com autoria feminina

[...] que destacam personagens que habitam espaços liminares, de deslocamentos, cujas reflexões extrapolam os ambientes típicos do privado. São justamente os corpos excluídos e marginalizados da cidade contemporânea os recipientes do medo global em direção a essa minoria destituída. Particularmente nas megalópoles do mundo, as mulheres e o corpo feminino assumem o fardo de representarem o medo e o repúdio a essa minoria desapoderada, material e emblematicamente, mas que representa para seus violadores uma ameaça à sua estabilidade, identificação e poder (FUX; ABREU, 2012, p. 68).

Todavia, ainda é carente a ocupação de mais espaços de poder pelas mulheres, suas organizações e grupos aliados à visibilidade do movimento feminista para construção de uma justiça social (BARRETO, 2016). O feminismo tem discursos diversos, o que resulta em uma pluralidade de feminismos, no entanto, essa diversidade interna não enfraquece sua relevância política, uma vez que ela traz a necessidade de estabelecer conexões claras entre as diferentes posições de sujeito que, por sua vez, constitui uma vantagem específica do feminismo ante a outros movimentos ou discursos sociais (COSTA, 2002).

Em um contexto cultural, social e político, segundo Barreto (2016, p. 143), há a construção da masculinidade e da feminilidade, e, “delimitar certos ambientes impróprios para as mulheres são claros mecanismos de disciplina, coerção e

poder”. Assim, as relações de poder como as desigualdades baseadas em etnia, sexualidade e raça, bem como as desigualdades de gênero, constroem as masculinidades e as feminilidades (BOURDIEU, 1995; BARRETO, 2016).

Durante séculos, o patriarcado instituiu as mulheres como objetos para servir às necessidades do gênero dominante, e a crescente cultura de consumo, na virada do século, inventou a “ideologia da beleza” para vender seus produtos aos consumidores (MALIK, 2014). Dessa forma, a mídia de massa, com o apoio da propaganda, contribuiu para que as pessoas se conformassem com o consumismo, fazendo com que associassem produtos a ícones e celebridades de aparência perfeita. Corroborando com esta ideia, Lima, Batista e Lara Junior (2013) explicam que a mulher se torna escrava ao buscar um ideal de corpo perfeito, o que denuncia o excesso de consumo, uma inquietação da cultura contemporânea.

O corpo, nessa conjuntura, passou a constituir um mercado que lhe atribui um valor, ou seja, transformou-se em capital (TONINI, SAUERBRONN, 2013). Esse processo de transformação da mulher ou do ser humano em mercadoria é definido como mercantilização, dessa forma, o corpo é mantido enquanto capital, investimento pessoal e como fetiche, tornando-se um objeto belo para consumo do ser humano (KOPYTOFF, 1986; NASCIMENTO; PRÓCHNO; SILVA, 2012). Para Barbosa, Romani-Dias e Veludo-de-Oliveira (2020), os corpos das mulheres são mercantilizados em diversos contextos, como em mercadoria sexual (pornografia ou prostituição), em filmes, anúncios, sex-shops, entre outros que abrem o caminho para a violência praticada contra a mulher, como assédios, estupros e feminicídios.

A mídia, tratada como manifestação cultural, influencia intencionalmente, sobretudo as mulheres em relação ao comportamento, atitudes e corporeidade dos sujeitos contemporâneos, assim, são expostas as verdades produzidas na modernidade a respeito do corpo feminino e a respeito do lugar cultural feminino na sociedade de consumo pela publicidade (NASCIMENTO; PRÓCHNO; SILVA,

2012). No que se refere ao consumo do corpo, a reprodução midiática dos modelos corporais determina a interação entre o objeto (corpo) e o sujeito (mulher), ressaltando a valorização do corpo. Dessa maneira, esta valorização pela mulher é definida pela capacidade desse corpo para gerar aceitação diante dos grupos sociais que ela frequenta (TONINI; SAUERBRONN, 2013).

Corpos desenvolvem posição social pelas inter-relações entre indivíduos, e, dentro das organizações, existe uma inclinação a se medir a competência de um gestor pela sua habilidade de exibir seu corpo de acordo com um código corporal de sua organização, no caso das mulheres, com vestuários e aparência física com referências masculinas (SILVA; NOVA, 2018). Por conseguinte, “pode-se também dizer que o corpo desempenha um papel complexo no exercício do poder de gênero e no estabelecimento e perpetuação das desigualdades sociais” (SILVA; NOVA, 2018, p. 125).

Os corpos femininos, visualizados, muitas vezes, como símbolo universal do desejo, ímpetos emocionais e sexuais, são superexpostos, conferindo ao feminino a evidência como objeto, e, dificilmente, como sujeito, explica Rossi (2017, p. 252), destacando que o elemento feminino

[...] há tanto tempo tratado como imagem-objeto, isso pode significar, de forma ainda mais contundente, a conquista do reconhecimento da própria existência por sua visibilidade, corroborada pelo registro, difusão e feedback de suas imagens nas mídias digitais.

O homem moderno busca formas de felicidade, podendo ser por meio de objetos para dispor-se de absoluta satisfação, dessa maneira é dada grande importância aos bens de consumo duráveis na busca pelo bem-estar (BAUDRILLARD, 2010; NASCIMENTO, PRÓCHNO E SILVA, 2012). Para Baudrillard (2010), o consumo representa a linguagem apropriada pelos sujeitos para realizar suas relações humanas e sociais.

Dessa forma, conforme Nascimento, Próchno e Silva (2012), o “espetáculo”, definido como uma ligação social entre as pessoas intercedidas pelas imagens, é

um cenário montado para se aprender e assistir ao consumo enquanto formação de linguagem. Assim, para estes autores, as imagens abrangeram um lugar de evidência na cultura pós-moderna por meio da televisão, do cinema, da publicidade, do jornalismo e de outros meios de comunicação. Rossi (2017) promoveu, inclusive, a compreensão de que a articulação com a temática do consumo é frequente, sendo comum o tema da objetificação das mulheres.

A objetificação do corpo feminino, na compreensão de Rossi (2017, p. 239), “materializa, visualmente, sentimentos e estados de espírito a princípio ininteligíveis como prazer, desejo, felicidade, sucesso e conquista, que, amiúde, ganham caráter erotizado”. Os sentimentos relatados expressam ou conduzem ao processo social ou de sociabilização.

Nessa perspectiva, a sociabilização das mulheres foi atribuída a uma ordem patriarcal de gênero, representando, muito mais do que uma ideologia, uma estrutura de poder em prejuízo das mulheres, sendo que um dos elementos centrais do patriarcado está no controle da sexualidade feminina (MENEZES; CAVALCANTI, 2017).

4 METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados os aspectos metodológicos que norteiam esta dissertação, como o tipo e abordagem de pesquisa, a unidade de análise e os sujeitos de pesquisa, assim como a estratégia de coleta e o tratamento dos dados.

4.1 Tipo e abordagem de pesquisa

A pesquisa realizada é do tipo descritiva, que tem, como objetivo principal, descrever as características de determinado fenômeno ou população (GIL, 2008). Corroborando a ideia deste autor, Triviños (1987) caracteriza a pesquisa descritiva pela exposição precisa dos fenômenos e fatos da realidade. Nesse sentido, a pesquisa descreve as representações do corpo feminino sob a perspectiva das mulheres que participam ativamente do carnaval em Belo Horizonte.

A abordagem utilizada para investigação foi a qualitativa, com objetivo de aprofundar o conhecimento a respeito do fenômeno estudado. A pesquisa qualitativa circunda o alcance de dados descritivos sobre lugares, pessoas e processos interativos por meio da ligação direta do pesquisador com a conjuntura estudada, a fim de entender os fenômenos, conforme a perspectiva dos indivíduos, assim como dos participantes da pesquisa em foco (GODOY, 1995). Nela não se enumeram ou medem os eventos estudados, tampouco se utiliza ferramenta estatística para analisar dados.

4.2 Unidade de análise e sujeitos da pesquisa

A unidade de análise da pesquisa é o carnaval, um evento sociocultural que acontece na cidade de Belo Horizonte anualmente. Para Godoi, Mello e Silva (2012), é preciso demarcar qual será a unidade de análise uma vez que é ela que estabelecerá as fronteiras de interesse do pesquisador.

Os sujeitos da pesquisa, terminologia mais usada em estudos qualitativos, conforme Vergara (2009), são as pessoas que fornecem os dados que o pesquisador precisa. Os critérios utilizados para a escolha dos sujeitos foi o de acessibilidade, evidenciado pela disponibilidade e pela abertura para participar da pesquisa, além dos critérios pré-estabelecidos no formulário de recrutamento (APÊNDICE A).

Assim, os sujeitos desta pesquisa foram as mulheres que participaram ativamente do carnaval de Belo Horizonte e que se encaixaram em um desses dois perfis: (i) líderes, fundadoras ou idealizadoras dos blocos; essas por terem uma visão mais aprofundada sobre o tema desta pesquisa, tendo em vista que são, normalmente, as que participaram da idealização do projeto, da produção do bloco, dos editais de apoio da prefeitura, das reuniões com possíveis patrocinadores, são regentes e engajadas em causas sociais e movimentos políticos. E (ii) as participantes ativas dos blocos, por terem um olhar mais presente neste movimento, além de ajudarem na organização e apoio durante o desfile do bloco, durante os ensaios e pré-carnaval, ou participarem da ala de dança ou bateria tocando algum instrumento, em sua maioria, engajadas com o propósito do bloco e com o movimento carnavalesco de Belo Horizonte.

4.3 Estratégia de coleta de dados

Para a coleta de dados, foi realizada a entrevista semiestruturada. Utilizou-se um roteiro pré-definido de acordo com o objetivo desta pesquisa, possibilitando à pesquisadora ter algumas questões de referência que podem ser aprofundadas, além de permitir uma adaptação e flexibilidade do roteiro (GODOY, 2015). Para Minayo (1993), esta estratégia é geralmente utilizada na descrição de casos individuais, em que se pretende compreender as particularidades culturais de grupos escolhidos e para comparação de casos diversos.

A entrevista é uma técnica de coleta de dados apropriada para se obter informações no que se refere às crenças, aos desejos dos sujeitos, assim como o

que eles esperam, creem, desejam, sabem, sentem, ou que pretendem fazer, fizeram ou fazem, assim como as suas explicações ou razões acerca das coisas precedentes (GIL, 1999). Gil (1999) e Godoy (2015) ainda afirmam que a entrevista torna possível o alcance de dados que se referem aos diferentes aspectos da vida social, além de ser uma das técnicas mais utilizadas para a pesquisa qualitativa. Para Gaskell (2015), a entrevista individual explora, a fundo, o mundo da vida do sujeito.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados previamente a partir do formulário de recrutamento, cujo envio fez-se por meio eletrônico às redes sociais dos blocos de rua de Belo Horizonte, e nos perfis pessoais de algumas mulheres que possuem mais representatividade e popularidade no carnaval a fim de ajudar na divulgação deste. Com cerca de quatro semanas de divulgação do referido formulário, conseguiram-se 56 respondentes. Dentre elas, 34 encaixavam-se no perfil recrutado e demonstraram interesse em participar da entrevista em profundidade. Todas foram contatadas e, dessas, 13 entrevistadas.

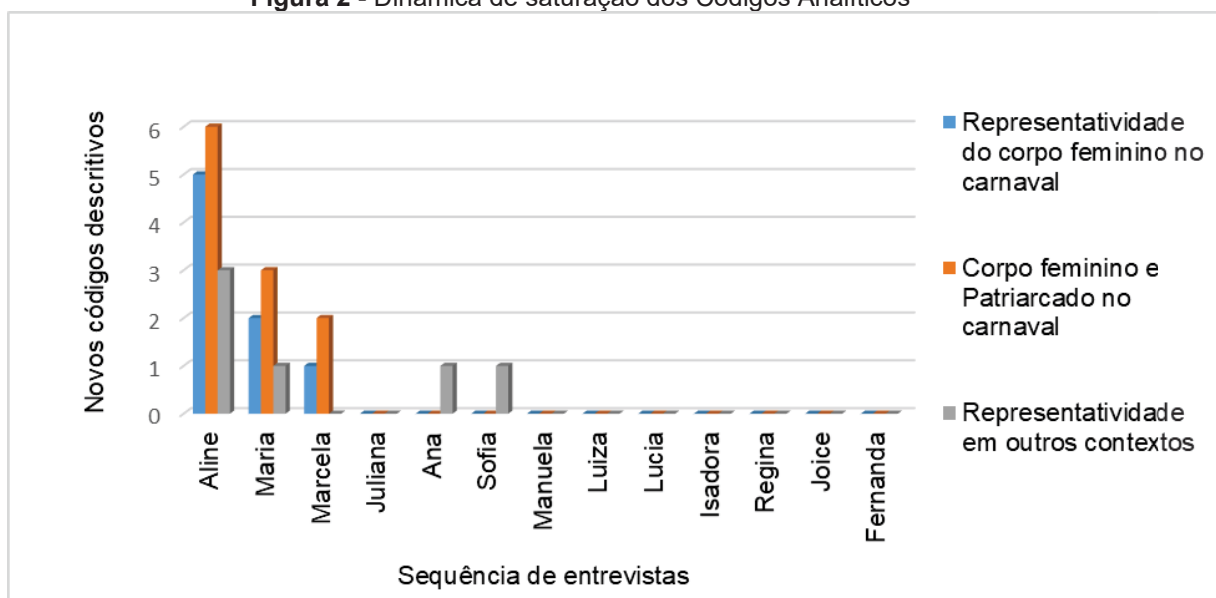
Realizaram-se as entrevistas individualmente por meio do roteiro semiestruturados (APÊNDICE B). Com a situação do distanciamento social, medida de prevenção à transmissão da COVID-19, todos os encontros individuais foram feitos na modalidade remota, por meio das plataformas eletrônicas Zoom e Google Meet, em conformidade com as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e as diretrizes estaduais e municipais. No início de cada entrevista, informou-se à participante o objetivo do estudo e realizou-se a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE C), com posterior solicitação de gravação do áudio. Assim, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

A saturação dos dados, nas entrevistas, conforme Nascimento *et al.* (2018), acontece quando não são encontrados elementos novos, e a inclusão de novas informações não é mais necessária, porque a compreensão do fenômeno pesquisado não é alterada. No entanto, optou-se por continuar com algumas

entrevistas agendadas previamente, mesmo após a saturação dos dados, pois a pesquisadora considerou que poderiam haver novas contribuições de mulheres com perfis diferentes das anteriormente entrevistadas.

Constatou-se a saturação teórica com a queda de ocorrências de novas categorias a partir da quarta entrevista, deixando de ocorrer na sétima entrevista. Fontanella *et al.* (2011) propõe que o entrevistador seja calibrado e qualificado no processo das entrevistas, melhorando com os entrevistados seguintes. Para maior clareza visual, segundo indica Fontanella *et al.* (2011), foi elaborada, em gráfico, a dinâmica de saturação dos Códigos Analíticos (Figura 2).

Figura 2 - Dinâmica de saturação dos Códigos Analíticos



Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 3, são apresentados os perfis das entrevistadas, com nomes fictícios a fim de preservar suas identidades.

Quadro 3 – Perfis das Entrevistadas

Nome Entrevistada (fictício)	Idade	Naturalidade	Perfil no Carnaval
Aline	41	João Monlevade	Idealizadora / Fundadora
Maria	32	Belo Horizonte	Participante alas de bateria
Marcela	70	São Paulo	Participante alas de bateria
Juliana	33	Belo Horizonte	Participante alas de bateria
Ana	49	Belo Horizonte	Participante alas de bateria
Sofia	34	Belo Horizonte	Idealizadora / Fundadora / Produtora
Manuela	41	Itabira	Participante alas de bateria
Luíza	32	Oliveira	Participante alas de bateria
Lúcia	32	Belo Horizonte	Vocalista Banda / Organizadora
Isadora	58	Belo Horizonte	Participante alas de bateria
Regina	37	Vespasiano	Produtora / Organizadora
Joice	36	Belo Horizonte	Líder / Regente alas de dança
Fernanda	33	Belo Horizonte	Líder / Regente alas de bateria

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistadas têm entre 32 e 70 anos de idade. Apesar de a maioria se encontrar na faixa etária dos 30 anos, não há restrição de idade para a participação nos blocos de carnaval de rua de Belo Horizonte, o que faz com que elas se sintam incluídas no grupo e motivadas a participar.

Grande parte das entrevistadas é natural da cidade de Belo Horizonte e apenas uma mulher não é nascida em Minas Gerais, no entanto, todas vivem na capital. Ser de outra cidade ou estado não impede a participação ativa nos blocos do carnaval de Belo Horizonte. E, tendo em vista essa abertura, a maioria das entrevistadas, participam, ainda, das alas de bateria e/ou dança, tocam instrumentos ou fazem coreografias, são vocalistas da banda do bloco ou fazem parte da organização dos blocos. As mulheres que estão no perfil de líder, fundadora ou idealizadora de blocos correspondem a 4 das 13 entrevistadas.

4.4 Análise dos dados

Após a realização das entrevistas em profundidade, foram transcritas, na íntegra, todas as falas das entrevistadas e utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para tratamento dos dados. A análise de conteúdo foi baseada no conceito de Bardin (2016) que a define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, tendo como função primordial o desvendar crítico, a fim de descrever, de forma objetiva e sistemática, o conteúdo retirado das comunicações e sua relativa interpretação.

Em um primeiro momento, realizou-se a leitura flutuante das transcrições e identificaram-se os trechos que iam ao encontro dos objetivos da pesquisa, delineando-se os temas, expressões que mais persistiram, conforme Silva, Gobbi e Simão (2005) denominam de recorte de conteúdo. Em seguida, foram identificados os códigos descritivos a partir dos trechos selecionados e, posteriormente, classificados em categorias. Os códigos analíticos foram criados utilizando o modelo misto sugerido por Silva, Gobbi e Simão (2005), no qual são estabelecidos, no início, os códigos analíticos; no entanto, a pesquisadora se permitiu alterá-los em função do que apontou a análise. Os códigos analíticos tiveram, como base, os objetivos específicos delimitados para esta dissertação.

Para categorizar e analisar o conteúdo, consoante à percepção da pesquisadora, seguiram-se as etapas propostas por Silva, Gobbi e Simão (2005): (i) *Open coding*, os dados foram decompostos para exame, comparação e categorização; (ii) *Labeling phenomena*, os fenômenos decompostos foram identificados e classificados em códigos descritivos; (iii) *Discovering categories*, os códigos descritivos foram agrupados conforme conceitos e representações dos fenômenos descobertos nos discursos; (iv) *Naming a category*, os grupos, ou categorias, foram nomeados de acordo com os dados que representaram; e (v) *Developing Categories in Terms of their properties and dimensions*, as categorias foram caracterizadas conforme suas propriedades e dimensão dentro da unidade de análise e dos códigos analíticos.

Após esta etapa, explorou-se o material conforme os sistemas de classificação, codificação e categorização, observando-se as conjecturas de Bardin (2016). Os trechos das falas das entrevistadas que tiveram seus códigos descritivos atribuídos e, posteriormente, categorizados, foram correlacionados ao referencial teórico aqui previamente enunciado.

No entanto, houve a necessidade de ampliação da pesquisa teórica, uma vez evidenciados novos elementos não descritos anteriormente. Dessa forma, fez-se uma revisão ampliada da literatura com propósito de confrontar estes elementos novos.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os códigos analíticos, as categorias e os códigos descritivos, identificados nas falas das entrevistadas, apresentam-se no Quadro 4. Nele os códigos analíticos representam os objetivos específicos desta dissertação, quais sejam: (i) Identificar e compreender, no contexto do carnaval, as mudanças significativas que ocorreram em relação ao corpo feminino ao longo dos anos; (ii) Compreender a relação entre corpo feminino e patriarcado no carnaval e; (iii) Analisar como as representações do corpo feminino, no carnaval, são extrapoladas para outros momentos ou contextos.

Quadro 4 – Códigos e Categorias

Códigos analíticos	Categorias	Códigos descritivos
Representatividade do corpo feminino no carnaval	Protagonismo	Representatividade feminina
		Mulher protagonista
	Permissividade	Liberdade no Carnaval
		Tolerância para mostrar o corpo
		Fantasiar
	Resistência	Feminismo
		Corpo como resistência
		Empoderamento feminino
	Corpo feminino e Patriarcado no carnaval	Relações de poder
Controle do corpo feminino		
Padrão de beleza		Ideologia da Beleza
		Influência da mídia
		Investimento no corpo
Objetificação e Erotização		Corpo como objeto
		Assédio
Representatividade em outros contextos	Carnaval Político	Ocupação do espaço público
		Blocos com viés político
		Alcance

Fonte: Elaborado pela autora.

5.1 Representatividade do corpo feminino no carnaval

Este código analítico compõe as representações do corpo feminino no carnaval de Belo Horizonte. Investigaram-se as entrevistadas em relação à percepção de mudanças significativas no carnaval, ao longo dos anos; em relação à participação

da mulher, assim como a consciência de mudanças relativas à percepção do próprio corpo durante sua vivência no carnaval. Dessa maneira, este código analítico foi composto por três categorias, cada qual com seus códigos descritivos: (i) Protagonismo; (ii) Permissividade e; (iii) Resistência.

5.1.1 Protagonismo

Dentre as categorias que surgiram com a investigação da representatividade do corpo feminino, no carnaval, tem-se a categoria Protagonismo que traz uma discussão com base nos seguintes códigos descritivos: Representatividade feminina e Mulher protagonista. A categoria Protagonismo mostrou que o crescimento exponencial do carnaval de Belo Horizonte inicia-se a partir de 2014, principalmente quanto ao aumento do número de blocos ocupando as ruas, fato confirmado por Andrade (2017) e pelos dados da Belotur; além de trazer à tona a participação feminina neste movimento.

Atualmente, segundo dados da Belotur (2020), o gênero feminino é maioria dentro e fora dos blocos como foliãs:

No início a grande maioria era homem, muitos homens nos instrumentos de sopro, e, por exemplo, na caixa, era um instrumento que eu queria muito...Depois desse movimento a gente começou a ter mais coragem de participar, e hoje, hoje que eu digo assim né!? O último ano foi o ano passado, de 2020, em todos esses blocos que eu participo já é o contrário, a grande maioria é mulher. (Ana)

Eu acho que as mulheres são assim a grande maioria, pelo menos nos blocos que eu frequento, é uma maioria esmagadora, muita mulher mesmo. (Isadora)

Dessa forma, o carnaval de Belo Horizonte mostra que a mulher tem ocupado espaços, principalmente de liderança, anteriormente atribuídos aos homens na construção do gênero, conforme explicitado por Figuerôa e Silva (2014). Para estes autores, espaços que reproduzem certas masculinidades dificultam a entrada da mulher, sendo necessárias quebras de fronteiras de gênero e até alterações no comportamento das mulheres a fim de se apresentar um estereótipo mais masculinizado.

A presença feminina no carnaval tem contribuído para o rompimento de determinações estruturadas pelo conceito de gênero. As mulheres estão criando blocos exclusivamente femininos no carnaval e/ou que carregam a bandeira do feminismo, com discursos contestatórios da teoria social (COSTA, 2002), o que faz com que as mulheres tenham mais interesse e se sintam mais motivadas e seguras para frequentarem esse tipo de ambiente, como descrito nas falas das entrevistadas.

Além de vários blocos belorizontinos serem majoritariamente de mulheres com temáticas feministas e realmente voltadas para mulheres [...] tem blocos que não são do meu interesse eu acabo não indo que as vezes não tem uma temática tão voltadas pra isso [...] são blocos onde me sinto muito bem, muito segura, porque realmente são majoritariamente feitos por mulheres. (Maria)

Tem o Sagrada Profana, Bruta Flor, Truck do Desejo, Bloco das Bruxas, só assim, rapidinho quatro na cabeça que são só de mulheres [...] eu acho que precisa ter cada vez mais [...] eu me sinto representada, a minha bandeira sendo carregada. (Aline)

Eu tenho uma percepção de que ao longo do tempo começaram a surgir mais blocos feministas, e isso me deixa muito feliz assim... do mesmo jeito que tem o Garotas, tem o Bruta Flor... tem vários blocos que são de mulheres mesmo né, tem o da Casa Tina Martins né, vários, vários movimentos que lá no comecinho não tinha tanto... aliás, no comecinho também não tinha tantos blocos em geral né, na verdade, mas eu vejo que foram surgindo esses movimentos das mulheres que eu acho super bacana. (Luíza)

Conheço o Garotas Solteiras, o Truck do Desejo, tem o Alô Abacaxi também, que fala bem do movimento feminista [...] nesses blocos eu me sinto segura, e me sinto parte também, eu sinto que aquilo ali me faz parte da sociedade, eu faço parte daquilo ali sabe. (Manuela)

As entrevistadas percebem que as mulheres estão em número cada vez maior nas ruas durante o carnaval.

Eu acho que mulher assumir papéis como protagonista a gente tá vendo cada vez mais [...] a partir de 2013 eu comecei a frequentar já os blocos [...] E eu acho que de lá para cá assim, eu lembro que nessa época eram só homens regentes, mulher já tocava, mas assim, era menos gente em tudo né, no geral, tocando fazendo qualquer coisa, então eu acho que menos mulheres tocavam também, conseqüentemente. E hoje, vários blocos tem mulher regente né, tem blocos só de mulheres. (Aline)

Eu percebo que a mulher está ativa inclusive em todas as áreas, a mulher está tocando, está coordenando, produzindo, na rua enquanto foliã, está articulando editais, conversando com grandes frentes do carnaval, a mulher está representando blocos. (Regina)

Fui cada vez vendo mais blocos com mulheres à frente, tanto regendo, quanto na banda e na bateria também, bastante equilibrado. (Maria)

Hoje a gente já tem várias mulheres regendo, muitas... e a cada ano vão aparecendo outras mulheres em posição de destaque, tem muitas mulheres na produção dos blocos também, nas baterias... em todos os lugares né, em todas as posições possíveis do carnaval de BH, tem muitas mulheres e tá aumentando cada dia mais esse número, e eu acho isso sensacional assim. (Joice)

A mulher, como protagonista do carnaval de Belo Horizonte, participando ativamente na construção do carnaval de rua, à frente de blocos, inclusive na regência de alas de dança e bateria, tem se mostrado bem relevante para a representatividade feminina, além de despertar, cada vez mais, o interesse em participação de outras mulheres de todas as idades:

A participação de mulheres foi aumentando, e a participação de mulheres mais velhas também. Por exemplo, quando eu comecei a tocar no ((nome do bloco ocultado)), eu comecei a tocar por causa da tia do meu namorado né, que a gente mora junto, ela que levou a gente, ela já tem mais de 60 anos... começou a tocar no grupo da igreja, aí do grupo da igreja levaram ela pro bloco e ela levou a gente, aí a gente foi e começou a tocar com ela. Então... isso é um trem que assim, uma mulher mais velha começar a tocar no carnaval, realmente ir nos ensaios e realmente participar do carnaval, isso foi uma coisa que eu só vi aqui em BH sabe. (Juliana)

E uma coisa que eu acho maravilhosa, é que os blocos são muito abertos pra mulher mais velha, não tem essa restrição. (Isadora)

Eu vejo as mulheres como figuras fortíssimas no carnaval e sem dúvida, essa força faz com que as outras mulheres também se sintam fortes né?! (Lúcia)

Nas análises feitas nesta categoria Protagonismo, identificou-se, no discurso das entrevistadas, que o homem detinha o papel principal no carnaval, na organização e nos papéis de destaque, no entanto, houve uma mudança. As mulheres têm se apropriado do seu espaço, produzindo blocos com participação exclusiva feminina e, mesmo os que não têm essa exclusividade têm mulheres na regência, na liderança e na produção. Acarretando, assim, o crescimento da presença feminina no carnaval de rua de Belo Horizonte, principalmente nos espaços de blocos feministas, à medida que elas se sentem mais representadas e seguras.

5.1.2 Permissividade

Na categoria Permissividade, buscou-se compreender qual a sensação que as mulheres sentem, em relação a seus corpos, durante os dias que participam do carnaval, e como isso se difere de outros momentos de suas vidas. Isso foi discutido com base nos três códigos descritivos: Liberdade no Carnaval, Fantasias e Tolerância para mostrar o corpo.

Para Damatta (2004), o carnaval é definido como liberdade, momento em que se tem a oportunidade de viver com igualdade, livre das obrigações, deveres e também do que é considerado pecado. Esses pontos de vista estão presentes em alguns trechos das entrevistas.

Essa liberdade que o carnaval propicia pras pessoas sabe, são cinco dias sem julgamento nenhum, sem crítica sem nada. [...] Não tem igual, não tem, não tem outro momento que seja parecido com carnaval, não tem. [...] O carnaval ele é tão mágico que eu acho que as pessoas se desconectam de qualquer julgamento, qualquer crítica sabe. [...] Até aconteceu uma vez também de um amigo nosso gay, tava muito bêbado, muito bêbado, e a gente foi pra um bloco que não era um bloco gay, e aí ele chegou agarrando um cara... na hora eu falei 'nossa, vai dar uma merda grande, vai dar briga', e o cara só abraçou ele, pôs a mão no peito dele e falou 'não vei, não sei o quê, sou hétero', eles se deram as mãos e tal, e saiu. Eu até falei pra minha namorada, eu jamais pensei que fosse acontecer isso, jamais. (Manuela)

Eu vejo a questão sexual por exemplo, eu acho que no carnaval, as mulheres, 'ah eu vou beijar mesmo sabe' muito mais do que em outras épocas sem se preocupar com julgamento. (Aline)

O corpo que é castigado durante o ano com trabalho e se torna instrumento de prazer e de beleza, promove um instrumento de hierarquia, o uniforme, em fantasia, permitindo a desconstrução, libertação e passagem para outros espaços (DAMATTA, 2004). A maior parte das entrevistadas percebe essa liberdade no carnaval, em relação a seus corpos, livres para se fantasiar e se vestir como quiserem, diferentemente do restante do ano. É um espaço, um momento, que segundo algumas entrevistadas, existe uma tolerância da sociedade, de forma geral, para se mostrar o corpo. No entanto, não existe essa tolerância da sociedade, mas sim o confronto destas mulheres com as regras impostas pela sociedade.

Eu acho que o carnaval dá essa liberdade para a gente, talvez um pouco também de querer se expressar, através da roupa, eu acho que o carnaval tem um pouco disso, da gente querer colocar na roupa, na fantasia, um pouco do que a gente pensa. (Aline)

Eu acho que no carnaval existe uma grande carta branca pra mostrar o corpo, o que é uma coisa muito engraçada assim... no sentido de, se eu sair com aquela mesma roupa num dia, numa segunda feira, aqui na rua... a minha rua é bem no meio de onde tem carnaval sabe, então se eu sair segunda feira na mesma rua que eu saí lá no dia no carnaval, eu vou ser vista de outra forma sim sabe. [...] O que eu quero dizer é que existe uma tolerância para a exposição do corpo. (Luíza)

Porque no carnaval vale tudo, no carnaval as mulheres estão se lixando para a opinião alheia sabe, se ela quiser sair pelada, de calcinha e peito de fora, ela vai sair e azar de quem falar alguma coisa. [...] eu acho que o carnaval ele faz a mulher perceber o corpo dela diferente. É um momento mágico, acho que pra todos os brasileiros, mas pra mulher em si acho que vem uma libertação muito grande nessa época do carnaval sabe. Então você vê mulher só de biquíni, vê mulher só com a calcinha de biquíni, ou às vezes só com um short e nada em cima, às vezes só um adesivo, e tá tudo bem sabe, seja mulher magra, gorda, preta, branca, baixa, alta, enfim... é uma libertação... [...] ela se liberta mais no carnaval, ela pode ser ela mesma sem pensar no tipo de roupa que ela tá saindo. (Manuela)

Não tem nada que te limite a isso... se você quer ficar sem camisa, você pode ficar sem camisa porque provavelmente as pessoas vão te julgar menos por isso do que te julgariam normalmente. (Juliana)

No entanto, a estrutura do carnaval, mais especificamente os banheiros, foi um item, mencionado por algumas entrevistadas, que não é pensado para as mulheres, o que faz questionar a liberdade e a igualdade no espaço do carnaval, independente do gênero. Quando há banheiros químicos, não são em quantidades suficientes e não oferecem condições confortáveis para a mulher, porque, de acordo com as entrevistadas, o homem, apesar de estar infringindo normas sociais, consegue não depender apenas de banheiro, faz xixi na rua sem ser importunado.

Já deixei de fazer xixi, mas não por me sentir reprimida, mas por não ter absoluta condição de fazer... por não ter banheiro, por não ter quem segure o surdo pra eu ir no banheiro... então eu acho que o que eu deixo de fazer no carnaval é xixi. (Isadora)

Todo ano, eu que tô no grupo do ((nome do bloco ocultado)), eu vejo a luta que é pra conseguir a mínima estrutura de banheiros e enfim... pra gente banheiro ainda é muito difícil, pra mulher é muito difícil, eles não pensam nisso. (Manuela)

Corroborando a ideia de Araújo (2020), na qual o carnaval anula normas sociais existentes, as pessoas permitem se fantasiar, fugir do cotidiano, rompendo as esferas do social e da festa, todos se tornam iguais, independente de gênero. Isso se confirma nos depoimentos da Lúcia e da Luíza:

Eu acho que tem um sentimento de poder ser muito presente na mulher no carnaval, porque a gente é tolhida durante todo o ano, de tudo! E aí, no carnaval, acho que todos se permitem, então eu vejo assim essa questão dos hotpants, no carnaval a gente vê muita bunda, muito decote, muito peito, muita perna, e não no sentido erótico do corpo, é no sentido de mostrar que eu quero usar isso e eu vou, independentemente de qualquer coisa, é único momento do ano que eu posso usar um hotpants sabe? [...] então eu acho que o carnaval é um momento de catarse, eu acho que tudo é tão explosivo, expansivo [...] vou me fantasiar de tudo porque é o único momento que eu posso fazer isso, porque o resto do ano eu tenho que seguir tenho que seguir o usual.. ah, é muito bom, eu sinto essa catarse essa energia, uma felicidade...fugir um pouco da obrigação, extravasar. (Lúcia)

Eu acho que o carnaval é um momento muito libertador. [...] acho que a coisa do fantasiar deixa a gente segura e feliz, porque é uma coisa que é lúdica né, é uma coisa que é o sair da realidade do dia a dia, e acho que isso deixa a gente feliz, e a gente feliz a gente fica mais segura também sabe. Eu acho que o carnaval é um momento que a gente se permite explorar coisas que a gente não faria no dia a dia. (Luíza)

Ao longo dos anos, no carnaval de rua de Belo Horizonte, conforme a fala das entrevistadas, cresceu uma tendência das mulheres em sair com seus corpos à mostra, utilizando roupas que não usariam no dia a dia, mesmo que estes corpos não estejam dentro do padrão imposto, aceitando suas “imperfeições” com mais generosidade.

Eu acho que me ajuda a ter um olhar mais generoso em relação ao meu corpo sabe. Porque eu acho que é esse momento que a gente se olha sem amarras sabe. Como é um momento de liberdade, é um momento que inclusive a própria sociedade tá dando aquele aval pra mostrar o corpo e tudo mais, a gente também, por outro lado, consegue se olhar no espelho sem amarras, sem esse crivo, sem essa crítica maior que a gente tem sabe. Eu sinto que eu venho na vida fazendo um exercício pra ser mais generosa com meu corpo todos os dias, mas no carnaval é mais fácil sabe, no carnaval é mais fácil ser mais generosa comigo, com meu corpo. Sem dúvida. Nossa, sem dúvida. [...] Eu sou uma mulher gorda, e eu sou uma mulher gorda que vem engordando ao longo dos anos, com o passar dos carnavais aí sabe. Então assim, quando eu tava lá na faculdade eu era magra, eu era magra e eu tinha milhares de travas com o meu corpo e tudo mais. E no carnaval... O carnaval eu acho que ele é um movimento libertador pra todo mundo assim, e uma das grandes magias do carnaval é isso. (Luíza)

Eu tenho uma amiga que até conta isso pra mim assim, que é uma amiga que tem um corpo assim dentro dos padrões assim, e ela fala isso comigo, ela fala que a primeira vez que ela me viu ela 'nossa, que menina sem noção, não sei o quê', e que a partir do momento em que o tempo foi passando e ela foi me vendo de novo ela começou a olhar de outro jeito, e pensar, e entender que na verdade 'nossa, que sem noção não, que sensacional', e acho que isso ajudou ela inclusive a enxergar de forma diferente alguns incômodos que ela tinha com o corpo dela. Já teve foto minha no jornal que... é uma foto que eu tava sem blusa, só com teta e uma fita aqui no meio assim, tava seminua assim, e aí uma pessoa comentou 'que aberração é essa?'. Mal-vista no sentido de uma mulher gorda tinha que tá tampada, tinha que tá infeliz tentando emagrecer... como assim ela tá ali feliz, ela tá dançando, ela tá subindo no palco, ela tá puxando ela de dança, ela tá descendo até o chão, ela tá com a bunda pra cima, ela tá de calcinha na rua, tipo assim... como assim?! Pra mim, tendo em vista a minha história com o meu corpo, as minhas questões com o meu corpo... as primeiras vezes que eu consegui sair só de top, ou sem blusa, no carnaval, foram coisas muito grandes pra mim. Acho que quem nunca teve questões com o corpo, quem sempre teve mais próximo do padrão, não entende o que é isso. [...] quando a gente vê uma mulher lidando bem com o corpo dela, eu acho que isso faz... isso inspira, não é inspira a palavra, mas é como se contagiasse, como se ligasse uma chavinha e a gente começa a pensar 'ué, por que que eu não me sinto assim?' (Joice)

Essa permissividade e liberdade em mostrar o corpo para sociedade foi, inclusive, comparada pela entrevistada Luíza com o estado de gravidez. De acordo com Vargas (2012), existe uma exposição pela mídia do corpo grávido no sentido de valorizar a maternidade, como forma de autorrealização. Dessa forma, há uma certa permissão da sociedade para deixar a barriga grávida à mostra, ou seja, é valorizada essa exposição do corpo feminino que remete à reprodução da família.

Eu acho que algumas coisas pontuais assim que ajudam a gente a ter esses momentos assim libertadores. Sendo bem sincera, por exemplo, na minha gestação... olha a comparação, mas é isso... quando de repente eu fiquei com aquele barrigão enorme, aí você fica naquela expectativa – pelo menos eu fiquei – eu falei 'gente, vai ser horrível', eu fiquei obesa [...] de repente foi lindo[...] uma das coisas mais libertadoras enquanto mulher no carnaval foi o ano que eu toquei muito, grávida de 7 meses, daquelas coisas da sua avó querer te esganar assim. Barrigão enorme, o surdo... ficava debaixo da barriga o surdo. E no ano seguinte, que acho que foi mais ainda, que foi o ano que eu toquei com a minha filha bem pequenininha. (Luíza)

A proposição de Araújo (2020) vai ao encontro da trajetória da entrevistada Fernanda, de que, no carnaval, não há uma completa separação entre o mundo festivo e a ordem social do cotidiano; há uma influência entre as esferas social e

festiva, ou seja, uma interfere e atua sobre a outra, gerando mudanças mútuas, reconstruindo a estrutura cultural de uma sociedade.

O carnaval foi completamente transformador pra mim, tanto no sentido de ser quem eu sou quanto mulher, tanto no sentido corporal mesmo, assim, de me ver mais livre, de enfim, ter mais liberdade de ocupar espaços e liberdade com meu próprio corpo, sem dúvida. (Fernanda)

Corroborando com Araújo (2020), a entrevistada Regina, como produtora de blocos, inclusive de blocos feministas, traz também a ideia de reverberação dessa liberdade conquistada durante o carnaval para o restante do ano.

No carnaval essas regras todas que nós temos, sociais, são tolhidas [...] é um momento em que as pessoas podem exacerbar suas alegrias suas frustrações, podem inclusive ser outras pessoas que elas não podem ser durante o ano, então automaticamente quando você se desveste dessas amarras todas, e você tem um período de tempo que você pode ser quem você é, você vai ser mesmo né?! O que é maravilhoso, o que a gente tenta fazer inclusive com essas pessoas pretas, com essas mulheres que se autocaracterizam como feministas é empoderar essas mulheres para que elas atuem com essa expressão de liberdade não só no corpo né, mas com suas ações, durante todo ano. (Regina)

Os relatos das entrevistadas mostram, também, que houve uma mudança gradual ao longo dos anos em relação a essa tolerância para mostrar o corpo, a liberdade que o carnaval traz, a possibilidade de se fantasiar nesse espaço, principalmente para as mulheres no carnaval de Belo Horizonte.

No início usava, as vezes uma sainha né, algo assim, e os últimos já não, eu já tenho tranquilidade de sair com menos cobertura sobre o corpo. Teve uma mudança gradual. (Fernanda)

É engraçado até isso né, teve um ano que eu fiquei pensando assim 'como que eu vou com uma saia curta num bloco?', né?! Eu falei eu não vou ter muita coragem. [...] Aí o quê que eu fiz, eu coloquei um colã por baixo, botei a saia curta em cima e fui. Depois no outro ano, eu falei ó quer saber de uma coisa? dane-se. Eu comprei uma meia arrastão e amarrei [...] aquelas canga, uma canga preta de caveirinha branca. Amarrei a canga aqui e fui de meia calça com a canga amarrada, e falei ó dane-se. E no ano passado [...] eu fui de meia arrastão de novo, comprei um short preto, coloquei um top e fui. (Marcela)

Para Mendoza-Canales (2020), a fantasia provoca uma divisão do ego, porque separa da consciência atual – o eu real – uma consciência que vivencia seus

objetos em uma quase-temporalidade, o eu imaginário. Assim, para o autor, a fantasia é uma modificação geral da consciência.

Eu acho que a festa mesmo ela já é isso, a festa da carne né?! É a festa que... eu não sei te falar muito da origem, mas um pouco que eu penso é muito por isso... penso que as pessoas extravasam né, é a festa de extravasar, de deixar – enquanto psicóloga né – de deixar o id falar mais alto né, que o id é o princípio do prazer pra psicanálise, né?! (Ana)

Os motivos citados convergem com a categoria 5.1.1 Protagonismo, anteriormente apresentada nesta análise, em relação à representatividade feminina. Quando uma mulher observa mais mulheres se sentindo livres e à vontade com seus próprios corpos, ela é incentivada a se sentir assim também.

Em 2012 a gente não via, a gente via as mulheres fantasiadas, às vezes roupa curta e tal, mas assim, dentro do que era normal, vamos dizer assim. E hoje não, hoje a mulher ela tá livre pra ela sair como ela quiser, sem julgamento nenhum. Eu sou muito tradicional com roupa assim, até roupa colorida eu não sou de usar, então assim, no carnaval é short e camiseta. Mas no último carnaval, eu fui de calcinha mesmo, que eu até me admirei assim sabe, eu fui de calcinha, uma calcinha daquelas maiorzinhas né, e sutiã, e fui embora sabe. Eu acho que as mulheres elas incentivam umas às outras sabe, então eu tive essa coragem e me senti muito bem, fui muito bem acolhida por todo mundo. (Manuela)

Só que o que eu considero que foi mais ousado foram nos dois, três, últimos anos que aí eu já conseguia, por exemplo, colocar um top, pegava um sutiã e tal colocava lantejola... saia de havaiana, aí por baixo eu colocava calcinha de biquíni... então eu fui me sentindo mais à vontade né vendo outras pessoas e tal usando [...]. Primeiro, eu comecei a perceber que no carnaval mulheres de diversas idades e corpos diferentes usavam as roupas que queriam. (Ana)

Tem uma moça que participa do nosso bloco, ela é bem jovem, bem jovem, e ela é muito gorda, e ela no ano retrasado ela tava grávida [...] e ela foi de maiô. Super corajosa [...] eu fiquei gente, mas que coisa legal, que pessoa corajosa sabe assim... essas coisas assim dá um orgulho, dá um orgulho da gente ser mulher e ver o quanto as mulheres tão evoluindo, o quanto que as mulheres jovens elas tão sabe, se libertando desse monte de coisa que faz a gente ficar quase que empacotado né, assim, você não pode sair da sua caixinha... você é mulher, você se comporta dessa maneira, você não pode sair assim, não pode sair desse jeito... (Marcela)

As entrevistadas consideram, portanto, o carnaval como um espaço paralelo de um certo grupo que está ali por um objetivo em comum que torna segura qualquer forma de manifestação corporal, o que sustenta os argumentos de Araújo (2020) que definem o momento festivo de um coletivo que, representativamente, projeta

sua concepção de mundo, neste caso, o carnaval. No entanto, não é o carnaval no geral, mas sim o espaço que elas criam dentro do carnaval para que isso seja refletido.

Nossa, eu acho que teve grandes mudanças, na verdade, ao longo dos anos. Pensando assim desde sempre pra cá [...] sobre essa questão de ser libertador, eu acho que desde que começou esse movimento de 'existe de fato um carnaval de BH', como ele existe hoje em dia, com blocos, todo esse movimento político e tudo mais, eu acho que ele tinha um cunho libertador. (Luíza)

Eu acho que o carnaval, os blocos, principalmente os que eu frequento assim, eles são como se fosse um espaço paralelo, sabe? Eu acho que os blocos se tornam um espaço seguro, assim. [...] eu acho que a gente vivencia um espaço, com pessoas que tem pensamentos parecidos, enfim... que a gente acaba se sentindo mais segura, mais à vontade nesses lugares. Então o fato de eu usar algum tipo de roupa naquele lugar, naquele momento, tem muito a ver com quem está ao meu redor e como eu me sinto mais à vontade naquele espaço, com as pessoas que estão ali também, que também se colocam ali dessa forma. (Fernanda)

De acordo com as análises apresentadas, tem existido, no carnaval de Belo Horizonte, uma permissividade em se mostrar o corpo, em se sentir livre para agir da forma que se quiser, sem pensar em julgamentos alheios, mais do que em outros momentos do ano. Essa liberdade que o carnaval fornece às mulheres vem sendo construída e aprofundada a cada ano que se passa, diante da representatividade feminina e do espaço paralelo que é construído por elas dentro dos blocos de rua.

5.1.3 Resistência

Na categoria Resistência, houve a discussão baseada nos três códigos seguintes: Feminismo, Corpo como Resistência e Empoderamento feminino. Conforme Carvalho (2020), o carnaval pode ser considerado como um movimento político-social e ato ou manifesto de resistência. Nesse sentido, o feminismo como discurso contestatório, praticado no carnaval de rua em Belo Horizonte, possibilita ao sujeito resistir e se opor às opressões mais concretas (COSTA, 2002), ilustrado pela fala da entrevistada Isadora.

É um momento específico do ano em que eu, pelo menos, me sinto muito à vontade pra me expor. [...] Eu acho que isso é um reflexo de uma luta de várias mulheres que buscaram isso né, que trabalharam por isso [...] tem a ver com esse movimento, com o movimento feminista [...] E esses grupos se manifestam de uma forma mais transparente, ou mais empática no carnaval, porque aí... não tá circunscrito a um determinado local, a um determinado gueto, o carnaval hoje ele tá mais dominado, ele tá espalhado pela cidade, então é possível isso acontecer de forma mais aberta. (Isadora)

A mulher sujeita-se a constrangimentos e restrições nos quais o homem não está sujeito: uma delas é sair às ruas com poucas roupas, ou seja, com o corpo mais à mostra (BAUMEL *et al.*, 2019). Como forma de confrontar essas regras, movimentos feministas como o “não é não” e “meu corpo, minhas regras” estão presentes no carnaval de Belo Horizonte. As mulheres carregam no corpo adesivos e tatuagens com dizeres no formato de manifestos, como forma de expressão do corpo e resistência, delimitando seu espaço e seu corpo no ambiente do bloco de rua que está inserido em um evento maior, o carnaval, cuja sociedade é formada por relações de gênero.

Tem um bloco que chama Bruta Flor [...] um bloco só de mulheres, ele sai no pré-carnaval, ele sai ali na Praça da Estação e vai indo sentido da Guaicurus – nós saímos com muitos adesivos dizendo... com aquelas frases ‘o corpo é meu’ né, [...] eu uso o corpo da maneira que eu quiser, eu visto o que eu quero né, então o corpo é meu eu faço o que eu bem quiser com ele... e eu vejo isso muito lá. Então lá foi um bloco em que eu comecei a observar assim que as mulheres se sentiam à vontade. E o quê que aconteceu, o bloco era só de mulheres, mas aquele cordão que separa o bloco do público né, que algumas pessoas chamam de cordão do amor, enfim... lá não tem corda, mas os voluntários pra nos fazer essa proteção a maioria era homem... que o homem perguntava se podia participar o grupo já dizia ‘pode, mas você ou vai fazer esse cordão ou vai servir água pras meninas’ e tal. E eu observo muito isso né, que as mulheres têm feito isso né, usam roupas bem ousadas e mostram o corpo, e querem mostrar, e querem fazer a festa do jeito que elas se sentem bem, o que é muito bacana. (Ana)

No bloco de rua, feito exclusivamente por e para mulheres, citado pela entrevistada Ana, ainda há a delimitação do espaço físico entre o homem e a mulher por meio do cordão e das tarefas executadas por cada um no dia do cortejo.

Eu saio sempre com as tatuagens do não é não, até a própria roupa que eu uso ela é uma forma de confrontar a sociedade, e mostrar ‘olha, o corpo é meu, e se eu quiser mostrar ele todo é meu direito’, então eu

acho que tem essa questão de expressão, de me sentir livre pra fazer o que eu tiver vontade [...] eles (estes movimentos) vem escancarar pra sociedade uma luta que não começou no carnaval, nem nesse século, nem no século passado, vem pra quebrar um pouco de padrão, quebrar essa construção estigmatizada, do que é a mulher feminista, do que é o feminismo. (Maria)

Às vezes o óbvio não é óbvio pra alguém, então precisa isso acontecer sim, precisa ter movimento feminista, precisa ter movimento de 'não é não', enfim... qualquer movimento que seja pra libertar a mulher eu acho super válido, super válido. Porque às vezes a pessoa... você consegue desmistificar muita coisa na cabeça de uma pessoa preconceituosa, e às vezes a pessoa não tem o preconceito, mas ela também não pensou sobre, e aí quando ela ouve ela 'gente, é mesmo, a mulher passa por isso, isso, e isso, eu não tinha ideia disso...' sabe, aí começa a mudar a mente das pessoas. Se não muda a mente, pelo menos a pessoa é obrigada a respeitar. (Manuela)

A possibilidade de resistência existe para cada forma de opressão, dessa maneira, a resistência consiste nestes atos de transgressão das condições submetidas pelos sujeitos a fim de se emanciparem como indivíduos, visando reverter o poder (CASTRO; SIQUEIRA, 2020). As relações de gênero, para Cappelle *et al.* (2004, p.6), “devem ser consideradas como práticas discursivas que refletem e distribuem manifestações de poder e resistência entre as pessoas, de acordo com os interesses dos grupos que se organizam e se enfrentam em campos de disputas sociais”. Assim, estas contestações eclodidas no carnaval, ou seja, os corpos usados como forma de resistência à dominação de gênero pelas mulheres, mostram a conquista de consciência e atuam provocando a transformação nas relações de gênero.

Teve um dia que eu e minha irmã saímos, minha irmã saiu só com adesivo no peito, no outro dia eu saí com um sutiã, na verdade não é um sutiã é só um arame com um tassel assim sabe... [...] E aí pontuando mais uma vez que eu sou uma mulher gorda, então acho que aí que tá o ponto talvez da coisa toda né?! Porque talvez se eu fosse uma mulher padrãozinha talvez eu acho que não fosse tão libertador, mas quando a gente tá falando de uma mulher gorda, um corpo gordo, é bem diferente quando a gente fala disso né?! E [...] acho que é um jeito de ser resistência assim sabe. (Luíza)

Um agrupamento de discursos e práticas sociais historicamente construídos que adestram a mente e o corpo de grupos e indivíduos pode ser concebido como poder (CAPPELLE, 2004). Na maioria das falas, percebe-se que as mulheres utilizam pouca roupa no corpo como contestação e resistência contra essas

práticas sociais impostas, mostrando mais o corpo no carnaval do que em outros momentos, como no trabalho, no qual poderiam ser reprimidas, principalmente pertencendo corpos fora do padrão tido como ideal de beleza. Considerando, ainda, a idade da entrevistada Marcela (70 anos), a época em que viveu sua juventude e suas falas, apenas pelo fato de estar com seu corpo nas ruas, no período do carnaval, já é um ato de resistência.

Eu andar na Avenida Afonso Pena, com aquele corpete de renda, com sutiã por baixo, todo visível, e fantasiada, e andando ali no Afonso Pena, na primeira fila, que eu tava tocando caixa lá, gente... aquilo pra mim era me sentir a poderosa sabe [...] porque eu já trabalhei muitos anos com RH, eu andava vestida de uma maneira muito formal, que esses lugares exigiam muita formalidade, então assim... eu me senti empoderada. (Ana)

Eu vou com a bunda de fora mesmo, com hotpant mesmo, pra mim é um avanço, eu vejo que, inclusive, eu fiz um post que é uma das fotos mais curtidas do meu instagram que eu tô de hotpant e fiz todo um texto, corpos livres, as mulheres livres, ah essas coisas das bruxas aí que tá super em alta, tem se falado muito disso, então, bruxa mesmo! é isso... eu acho que sim, já fiz e faço... e por isso que eu me esforço pra ficar confortável com isso porque eu acho que é um manifesto. (Lúcia)

Eu me sinto à vontade pra poder usar pouca roupa. É uma questão de conforto e liberdade, e também vai muito de querer [...] bater de frente com essa sociedade que vê a mulher de pouca roupa como uma mulher, ou que está pedindo pra ser agredida ou que tem pouca moral no conceito da sociedade. [...] eu reconheço que tem maneiras de você mostrar o seu corpo, e você pode ficar nua numa forma de protesto, numa forma de chamar uma atenção pra alguma coisa que você queira que tenha uma finalidade, que tenha um cunho social, que tenha um cunho de responsabilidade, de você mostrar, de você reclamar de alguma coisa, eu acho que isso exista... [...] as mulheres mostrando o corpo como forma de protesto tem no carnaval. (Marcela)

Os corpos sempre foram usados como recursos políticos em movimentos sociais e o uso da nudez ou de artefatos sensuais representam formas de utilização desse corpo para gerar mensagens acerca, por exemplo, da sexualidade (GOMES, 2017). Nas relações de gênero, os homens detêm o poder de definir os padrões de sexualidade feminina desejável e necessário (BARRETO, 2016), assim, as mulheres usam seus corpos políticos no carnaval de Belo Horizonte como forma de transgressão e resistência a este controle.

Nossa, tirar a blusa no meio de um bloco era uma coisa assim 'nossa, que transgressora', que maravilhoso, que liberdade... uma sensação e escolha, 'nossa, finalmente eu posso escolher o que eu faço'. [...] Pra mim, o meu corpo é um corpo político. Eu não consigo separar isso sabe, eu acho que o fato de eu estar na frente de uma ala de dança já é uma manifestação, ainda que eu não... ainda que eu não trate aquele momento como uma performance em si, como uma manifestação em si, pra mim é uma questão política. Da mesma forma que uma mulher gorda estar regendo um bloco, sabe. Eu acho que os nossos corpos são políticos, e isso não é.... acho que é intrínseco, acho que isso não é separável assim..." (Joice)

O pole dance, como exemplo citado pela entrevistada Ana, é uma atividade que mistura ginástica com dança e que traz para seus praticantes capacidade de libertação do corpo e da mente (ALVES; NÓBREGA, 2020). No entanto, ainda para Alves e Nóbrega (2020), o pole dance carrega preconceitos e julgamentos machistas, sexistas e misóginos. Por conseguinte, ter sido realizada, em um bloco de carnaval de rua, pelas mulheres ali presentes representou uma ação de resistência.

O bloco da Gabi, do Seu Pai e Filhos de Gabi, a Gabi é uma senhora, acho que ela agora vai fazer 65 anos, [...] alugou um pole dance pra usar no carnaval, mas a princípio a gente achou que era ela que ia no pole dance, e aí no entanto ela começou a chamar as mulheres pra dançarem lá no pole dance. Eu falei 'gente, mas eu não vou ter coragem de fazer isso'. E eu acho que foi um momento da gente falar assim 'olha, aqui a gente pode'. E aí acabou que eu dei conta de subir, de dançar no pole dance, eu acho que foi uma forma de manifestação, de mostrar que a gente tem poder mesmo, de tá ali fazendo aquilo que a gente tá com vontade de fazer. (Ana)

Pela fala da entrevistada Isadora, essas manifestações são realizadas com mais facilidade no carnaval de rua de Belo Horizonte, pela forma como este foi construído e por seu caráter político-festivo.

No carnaval esses grupos que defendem o empoderamento feminino, as possibilidades da mulher ser outra coisa além de bela e gostosa, eles estão mais presentes no carnaval, então o carnaval potencializa esse momento [...] o carnaval de Belo Horizonte né, foi feito pelos movimentos de esquerda, pelo movimento feminista [...] movimentos sociais, ocupação de espaço urbano, movimentos de esquerda de um modo geral, eles tavam ali na base do carnaval né, lá no nascimento, no renascimento desse carnaval de Belo Horizonte. Não foi um carnaval feito assim... 'ah, um monte de playboy heterossexual nós vamos fazer um carnaval', não começou por essas pessoas, começou nesses outros grupos, então é por isso que eles estão mais presentes no carnaval. (Isadora)

Esse conscientizar das mulheres é o primeiro passo para transformar a situação em relação à discriminação de gênero, no despertar do direito à igualdade que precisa ser mostrado (SIMON; BOEIRA, 2021). Segundo Simon e Boeira (2021, p. 118), para efetivação da igualdade entre homens e mulheres, é necessário o empoderamento que é definido como acréscimo de poder,

[...] é um processo no qual as próprias mulheres conseguem aprimorar sua capacidade de conduzir suas vidas e conformar o entorno, promovendo uma evolução no processo de conscientização delas mesmas, bem como de suas relações sociais.

Isto posto, é importante, para os autores, relacionar o contexto com aspectos políticos e ações coletivas.

Quando as mulheres compartilham as conquistas, dificuldades e problemas, há uma socialização da experiência (SIMON; BOEIRA, 2021). As mulheres criaram no carnaval de Belo Horizonte, um espaço para desenvolverem o empoderamento, ocasionando mudanças profundas em suas vidas.

As mulheres estão cada vez mais livres, os corpos estão cada vez mais empoderados, cada vez mais expostos, porque nós entendemos que nosso corpo é fruto da nossa própria liberdade, se a gente esconde o nosso corpo porque nós não queremos ser incomodadas pelo outro, temos problemas nessa linha aí do que é liberdade, do que é direito, do que é espaço, então nosso corpo é um corpo político é utilizado pra que a gente possa se manifestar político socialmente e as mulheres estão tomando cada vez mais frente, cada vez mais categorizadas com essa relação do corpo político, do espaço político, do espaço público e as mulheres estão sim, cada vez mais a vontade, cada vez mais seguras, inclusive querendo se despír mesmo, dessas amarras que a própria sociedade nos diz que nós temos que estar vestidas, assim, dessa forma. (Regina)

Mas eu sinto que esse levante dessas mulheres, nesses blocos de carnaval, essa coisa que já não é só restrita ao carnaval, essa conversa, essas rodas de mulheres que se unem e se fortalecem acho que isso tem feito do carnaval um lugar mais acolhedor pras mulheres [...] essa liberdade, esse levante feminino que tem no carnaval, que está tendo no carnaval, essas coisas das roupas mesmo, da liberdade dos corpos, essas bandeiras com esse viés [...] porque se não fosse o caso eu ia continuar saindo com as mesmas roupas. (Lúcia)

O carnaval de Belo Horizonte, na forma de blocos de rua, tem se mostrado cada vez mais uma oportunidade que possibilita às mulheres praticar, entender e

reverberar o feminismo e o empoderamento feminino por meio dos seus corpos *seminus*. Conforme posto nas falas das entrevistadas, seus corpos são utilizados para este fim, como forma de resistência e emancipação como sujeitos, objetivando reverter o poder praticado sobre elas nas relações de gênero.

5.2 Corpo feminino e patriarcado no carnaval

No código analítico Corpo feminino e patriarcado no carnaval, as entrevistadas foram investigadas em relação às representações do seu corpo na sociedade patriarcal dentro do carnaval. Neste código analítico, apresentaram-se quatro categorias: (i) Relações de poder - com a discussão da hierarquia de gênero no patriarcado no contexto do carnaval; (ii) Padrão de beleza - que identifica as consequências das representações padrão do feminino e; (iii) Objetificação e Erotização - que apresenta as consequências que as mulheres sentem no carnaval com seus corpos.

5.2.1 Relações de poder

A categoria Relações de poder, aqui descrita, refere-se à construção do gênero, experimentada no espaço de interação social e traz uma discussão com base em dois códigos descritivos concernente ao Patriarcado e Controle do corpo. Para Cappelle *et al.* (2004), discursos e elementos que promovem dominação e mediam contradições entre os agentes sociais nas relações de poder promovem a compreensão das relações de gênero.

O patriarcado, para Lourenço (2004), que existe há milênios na sociedade, determina uma dominação da mulher pelo homem, abrangendo poder político e econômico, assim como tomadas de decisão. Corroborando a ideia da autora, a entrevistada Marcela, em sua fala, admite que, pelo conservadorismo e machismo existente no patriarcado, os maridos não deixavam as mulheres participarem do carnaval. A presença de mulheres no carnaval era tida como lasciva, havia preconceito pelo fato de elas estarem sozinhas. No entanto, segundo a

entrevistada, isso tem mudado, as mulheres estão resistindo ao patriarcado, impondo-se e participando do carnaval de todas as formas.

Assim, eu acho que pela minha idade eu vejo algumas senhoras chegando no bloco, no ((nome do bloco ocultado)), por exemplo começaram a chegar pessoas, eu não sei se elas têm a minha idade, mas pessoas mais velhas, sozinhas, que não precisam de tá acompanhadas de ninguém, e essas pessoas são aceitas. Então assim, eu acho que tem uma diferença daquele preconceito mesmo que existia com mulher sozinha no carnaval, como se ela tivesse se oferecendo, como se fosse uma coisa assim lasciva sabe [...] você não pode sair da sua caixinha... você é mulher, você se comporta dessa maneira, você não pode sair assim, não pode sair desse jeito... [...] tem uma moça que participa do nosso bloco, ela é bem jovem - ela é bem jovem, bem jovem, e ela é muito gorda, e ela no ano retrasado ela tava grávida, e a gente não percebeu a gravidez porque ela é muito gorda, e ela foi de maiô. Super corajosa. E ela foi no bloco e tocou, e no ano passado que ela tava com a neném novinha, o marido dela tava com a neném do lado dela lá e ela tocando lá... uma coisa muito interessante, muito interessante. No meu tempo minhas amigas nunca fariam uma coisa dessas. Aliás, elas nem participam de carnaval, elas acham tudo novo, os maridos então nem pensar. (Marcela)

Apesar do trabalho feminino ter sido incorporado e aceito verdadeiramente em alguns setores econômicos, não obstante, há hegemonia masculina no mundo do trabalho, e as mulheres ainda enfrentam dificuldades para inserção no mercado, necessitando de autorregulação e reconstrução das maneiras de expressão de homens e mulheres (CAPELLE; MELO, 2010). Para as entrevistadas, no carnaval de Belo Horizonte, a mulher encontra desafios para a construção de um bloco em que não haja homens envolvidos na coordenação:

Desde a questão financeira até a questão de... sei lá, a gente passou por um problema com conseguir um trio porque todos os trios são de homens, e falar com homens... a *hold* teve um problema que ligou pro cara perguntando quais equipamentos ele tinha, e ele falou pra ela que ia mandar por escrito porque talvez ela não fosse entender... sabe, tipo assim ela é *hold*, ela sabe quais equipamentos que precisa, e ela precisou tipo assim falar, e eu precisei intermediar, porque como eu era a responsável e tava no meu nome, no meu CPF, e eu ia fazer a parte que interessava a eles, que é o pagamento, eu tive que intermediar isso e falar 'olha, se você não respeitar a gente não vai fazer com você, vai fazer com outra pessoa', mas aí também tem um problema que não tem muitos, então... sabe, a gente ter que ficar mediando o mínimo sabe, o mínimo de respeito pra gente conseguir fazer as coisas. Então a gente teve muito esses problemas, de machismo, muito grande assim, que blocos de homens não tem sabe. Inclusive no dia do bloco sair, a gente colocou um companheiro nosso, parceiro do movimento e etc, pra ser a pessoa que ia ficar falando com o motorista, pra gente não se desgastar, porque eu falei 'olha, já é tão desgastante, que aí no dia que a gente vai

sair, já vai ter toda a ansiedade de literalmente colocar o bloco na rua, a gente ter que se desgastar com isso... eu falei 'olha, vou colocar você, porque se precisar brigar e gritar você que vai fazer isso, pra gente não ter que ficar se desgastando sabe... e deu tudo certo, ninguém brigou, ninguém precisou gritar, mas talvez se tivesse sido mulher teria tido problema né?! (Sofia)

A prática social designava a mulher à dependência masculina e restrição ao ambiente doméstico (ROSA, 2018). O tradicionalismo da cultura patriarcal é tido como um dos princípios que organizavam a sociedade da era moderna, em que os valores femininos eram dominados pelos masculinos (CAPPELE; MELO, 2010). Nas falas das entrevistadas, percebe-se que existe também, no meio musical do carnaval, uma restrição às mulheres de tocarem instrumentos musicais, e de se colocarem em algumas posições de destaque e liderança como a regência de uma ala de bateria ou dança, no entanto, isso tem sofrido modificações ao longo dos anos. Para Cappelle e Melo (2004), as mulheres começaram a se organizar e a tomar uma consciência maior de sua condição, assim, como o movimento feminista que envolve o processo de atualização organizacional, uma vez que questiona e transforma a esfera social determinada pelo patriarcalismo.

Eu acho que essa questão da bateria sempre foi uma coisa masculina né, de o homem é que toca. (Juliana)

Eu já passei por situações que eu senti questionada enquanto regente, e eu senti muito que era pelo fato de eu ser mulher, sabe? Algumas orientações que eu dei, senti pessoas questionando sobre o que eu tava falando, sabe... De me levar a sério, pontualmente eu já senti esse tipo de situação. Eu já percebi uma certa dificuldade de me colocar, de me impor. (Fernanda)

Existem mulheres em todos os blocos sendo representadas, estando representadas e existe também uma certa passividade dos homens para que as mulheres possam chegar, para que as mulheres possam atuar, porque antigamente eu percebia que as mulheres não eram tão bem quistas, os homens achavam que as mulheres não tocavam tanto, e aí eu acho que graças a esse movimento feminista que tá acontecendo agora, os homens estão entendendo a necessidade do feminismo e a mulher tem encontrado mais espaço pra atuar. (Regina)

Por conseguinte, o patriarcado é aparente nas falas das entrevistadas, porque mostra relações que beneficiam o homem em detrimento da mulher. Da mesma maneira, o patriarcado tem um aspecto de poder e controle sobre os corpos, no

caso, o corpo feminino, do modo como se vestem e como se comportam (NICHOLSON, 2000; SILVA; MONTEFUSCO, 2017).

Eu fui criada assim, né – meninas tem que comportar, tem que usar uma roupa adequada, não deve se expor, não pode falar muito, você tem que saber sua hora... E acontece sabe que eu peguei uma mudança, uma mudança social, uma mudança... assim, foi uma coisa muito grande, porque eu peguei toda a ditadura na faculdade, antes disso eu morei do lado do DOI-CODI em São Paulo, onde as pessoas foram torturadas e mortas... na faculdade nós tivemos amigos presos, amigo que morreu, que foi torturado e morto. Nesse mesmo momento tava acontecendo o quê? Amor livre, feminismo, queima sutiã... e eu tinha o meu pai, meu pai não deixava eu usar biquíni, eu usava biquíni escondido, tinha que usar maiô [...] então você é criado com um monte... sabe, essas coisas pra você tirar da sua cabeça demora um tempo, sabe, mulher casava virgem. Se a menina fosse muito saidinha ela não casava. Minhas amigas assim, boa parte delas, elas nem fez faculdade... elas faziam aquele curso normal, que a gente chamava de espera marido, então terminava o curso, ficava noiva, casava, e ia ter filho. E eu não queria nada disso, eu queria fazer geologia e meu pai não queria que eu fizesse, eu fiz contra a vontade dele [...] aí eu entro no bloco começo a ver essas coisas, começo a conhecer essas pessoas [...] aos poucos, Isabella, tudo foi caindo, tudo foi desmoronando, eu fui me despindo sabe de todas essas coisas que me ensinaram, que me botaram na minha cabeça, que eu tinha que fazer como mulher. Foi uma prova mesmo, eu acho que foi uma bênção, foi assim como se eu fizesse uma pós-graduação, uma pós-graduação em Sociologia, sei lá... Psicologia, Sociologia, um pouquinho de cada coisa... porque, aos poucos eu fui perdendo isso. (Marcela)

Para as entrevistadas, no carnaval, há uma tentativa de luta contra o sistema patriarcal e o machismo, uma busca pela libertação desses corpos pelas mulheres e, por meio dos blocos ativistas que reverberam inclusive para outros momentos além do carnaval.

Eu acho que existe sempre uma tentativa muito grande de controle né, de tudo que tenha a ver com o corpo feminino assim. É como se a gente não fosse dona do próprio corpo né, da nossa vida né. A forma que nossa sociedade foi sendo construída ao longo dos anos, machista, patriarcal, então eu acho que existe sempre essa tentativa da gente ser controlada, dominada de alguma forma. E isso passa pelo nosso corpo também, a forma que a gente se veste, o que a gente faz né com nosso corpo, com nossa vida, existe essa tentativa de controle. Eu acho que a gente luta muito no carnaval para que mude isso sabe? Eu vejo os blocos que eu participo assim, bastante ativistas né, com essas causas. A gente vê que as pessoas que são mais próximas que frequentam ali, acabam tendo um pensamento parecido ou aprendendo né, com esse grupo, é muito comum isso. A gente vai ganhando mais respeito com isso. (Fernanda)

Só pelo fato de colocar um bloco feminista na rua, um bloco composto por mais ou menos 150 mulheres, de todos os tipos, de todos os crédulos, mulheres de várias opções sexuais, e só de estar na rua com

bloco só de mulher, em contramão a vários questionamentos sociais inclusive de que a mulher não sabe tocar, que a mulher não pode estar na rua com seu corpo, porque os maridos, os namorados não deixam... então isso já é um grande feito, pra gente principalmente que nunca pode estar ou que nunca teve um bloco com esse tipo de formação já é um grande ato, mas para além disso, eu acho que nós somos seres que podemos transformar qualquer momento não só no carnaval. (Regina)

Porque a minha percepção ao longo dos anos é que quem tá ali desde começo... [...] eu sinto que quem tá no centro disso tá pensando muito politicamente e pensando muito em prol das mulheres, em prol de proteger o nosso corpo, em prol de lutar contra o machismo, de usar isso tudo como uma ferramenta mesmo pra fazer esse barulho que é tão importante. (Luíza)

Do mesmo modo, como tentativa de resistir ao padrão de controle do corpo e comportamento no patriarcado, no qual a mulher não faz xixi em pé, foi criado, por uma das entrevistadas, um produto que possibilita à mulher fazer xixi em pé.

E em 2016 também, [...] a gente produziu um produto pra mulher fazer xixi em pé nos carnavais, então a gente desenvolveu um produto e a gente vende no carnaval. A gente vende durante o ano todo, mas principalmente né, no carnaval. Então além de se divertir a gente faz esse trabalho também, a gente contrata as meninas e tal, mas a gente também trabalha. ((nome ocultado))

Igual tem aquelas meninas que tem o 'Free pee', que tem a questão do 'ah, é direito da mulher fazer xixi em pé'. (Juliana)

O corpo feminino é historicamente interpretado, desde a infância, como estando em uma posição de inferioridade e submissão em relação ao homem, e não apenas como um corpo, na qualidade de organismo, que baseia a construção da mulher, influenciando sua condição feminina continuamente (ROSA, 2018). No carnaval, as mulheres conseguem quebrar, brevemente, essa condição de submissão.

A mulher sempre foi condicionada a usar a roupa pro ambiente [...] é muito doido isso né porque no dia a dia você acaba tendo que ter uma postura de uma formalidade, por exemplo, uma coisa que foi impactante pra mim e na hora eu não soube como reagir, mas depois eu achei que tinha que ter falado alguma coisa. Eu tava indo trabalhar, eu tava indo pro hospital e eu tinha dormido na casa de uma amiga na noite anterior, e eu estava com uma calça jeans que tem um rasgo no joelho e uma blusa regata, um cropped de botão, mas não é tão curta, não parecia barriga porque a calça era cintura alta. E o porteiro do hospital onde eu trabalho me barrou e falou que aquela roupa não podia usar e ele sabia que eu era médica do hospital, eu tava sem crachá no dia, porque eu tinha esquecido em casa e eu não dormi em casa, e ele me barrou falando que

eu não podia usar aquela roupa. Ele falou, 'não doutora é porque essa roupa não é adequada' [...] eu levei um choque e não sabia o que falar, aí eu fui falar com a minha chefe, chefe da enfermagem e elas entraram em choque também, falaram que ele jamais podia ter te barrado [...] aquilo foi uma decisão dele, ninguém tinha orientado ele a barrar ninguém por causa da roupa. Então no dia a dia a gente tem que entrar dentro de um molde, do que é se vestir adequadamente a um ambiente de trabalho né, mas no carnaval a gente quebra tudo isso. [...] eu tenho certeza que ele falou pelo fato de eu ser mulher, nova no serviço, nova de idade, [...] eu achei que foi uma postura bem machista, barrou porque eu sou mulher, e ele não teria feito a mesma coisa com um profissional homem [...] mas o que eu vejo que as pessoas veem hoje em dia, a sociedade vê com um pouco mais de naturalidade, pessoas que saem às ruas com roupas quase de praia, verão, no período do carnaval. A gente se sente livre pra viver e pra ser quem a gente quiser. Isso é muito importante, porque no resto do ano inteiro a gente fica condicionado a viver dentro de um padrão, de comportamento, de vestuário e tudo mais. (Maria)

Os depoimentos das entrevistadas mostram o que elas enfrentam, situações de machismo e controle de seus corpos em todos os momentos de suas vidas. O carnaval de Belo Horizonte, apesar de ainda manifestar situações que reforçam o patriarcado, por ter um cunho político, desperta como um espaço de tentativa de luta dessas mulheres contra esse sistema.

5.2.2 Padrão de beleza

A categoria Padrão de beleza tem por objetivo compreender como as mulheres lidam, no carnaval, com o modelo de corpo criado e incentivado pela mídia e pelo consumo a partir dos três códigos descritivos: Ideologia da beleza, Influência da mídia e Investimento no corpo.

Percebeu-se, na fala das entrevistadas, ênfase ao Padrão de beleza, também, fora do contexto do carnaval. Assim, realizou-se a análise partindo do contexto geral, seguido do contexto do carnaval de Belo Horizonte.

O consumismo distorceu os conceitos de saúde e doença, definindo uma beleza mercantilizada como saúde, enquanto a velhice madura é fortalecida como doença (MALIK, 2014). Essa ideologia da beleza, para a autora, estimula as mulheres à adesão de uma aparência física padronizada, impulsionada pelo consumo exacerbado a fim de se venderem produtos aos consumidores. Incentiva-se a

busca pela perfeição, no entanto, é uma busca inalcançável (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2013).

É a imagem de um corpo que não existe, de uma realidade inalcançável, até porque você nunca vai estar perfeita – quê que seria também essa perfeição né?! – mas dentro da mídia é muito isso assim... sempre o que você tá fazendo vai ser pouco. Então é isso assim... você tá extremamente magra, com a barriga chapada, aí surge um outro negócio que além da barriga tá chapada ela tem que tá trincada... e vão surgindo milhões de procedimentos né, então como que a estética também, junto com a mídia, junto com milhões de produtos aí, fazem essa pressão na mulher, essa pressão de estética, inclusive até com o autocuidado né, coloca que autocuidado é você estar dentro de um padrão que alguém estipulou, que é um padrão de perfeição de corpo perfeito, de mulher perfeita, uma idealização de uma coisa que você vai conseguir à muitos custos e... a custo da sua saúde mental, da sua saúde física, da sua felicidade... enfim, eu acho que é uma pressão extremamente perversa assim pra mulher, e coloca isso como cuidado. A gente sabe que o autocuidado não é só você cuidar da sua pele, do seu cabelo, da sua barriga, do seu corpo, de uma celulite, de uma estria né, o autocuidado é você estar bem com você, com os outros, é você estar bem psicologicamente, ter uma saúde mental também né, porque não é o que acontece com a grande maioria das mulheres que tentam se enquadrar e se colocar nesse padrão, nesse molde de corpo perfeito... Porque vai ser sempre isso né, hoje tá entre aspas 'na moda' você ter... sei lá, um peito enorme, uma cintura fina, uma bunda grande, amanhã já não é mais o padrão isso, então assim... todo dia muda alguma coisa ali porque é algo inalcançável né, é só mais uma forma de mídia ganhar dinheiro e dessas indústrias aí de estética também. (Sofia)

A beleza é um produto de arranjo estético para viabilizar um gasto monetário e não tanto um dado biológico (MIZRAHI, 2015). A entrevistada Sofia, em seu discurso, afirma como é perversa a pressão estética que a mulher sofre, com o modelo de corpo, imposto pela mídia, um padrão inalcançável, pois está sempre em mutação. Malik (2014) explica que estimula o consumo de produtos de beleza para um falso “autocuidado” e procedimentos estéticos.

A gente tem um padrão que é muito cruel... eu sou personal trainer, eu trabalho com isso, e eu vejo assim... 100% das alunas mulheres que eu tenho elas querem emagrecer, mesmo sendo magras sabe, então é uma cobrança muito grande que a gente sofre todos os dias, dentro de casa, desde a nossa mãe falando 'ó, você engordou um pouquinho', ou o marido, ou enfim... o namorado, ou até na rua mesmo. [...] Então a gente vem de uma cobrança muito grande que gera muitos problemas mentais, problemas que tem como consequência relacionamento, relacionamento com amigos, relacionamentos com namorados e namoradas, desde a hora que ela liga a televisão, ou ela acessa a internet, todas as mulheres, entre aspas 'bem-sucedidas', são magras. Então, por exemplo, na televisão, se você olha você vai achar uma ou duas acima do peso ou

fora dos padrões, a maioria é tudo magra. Aí você entra na rede social, as mulheres bem-sucedidas, as blogueiras, as sei lá, são todas magras, grande maioria né [...] E, infelizmente, tem uns homens muito machistas que cobram da mulher né, da sua companheira, ser magra... 'olha, você tá gorda', 'olha, não sei o quê', 'olha, vai pra academia'. [...] A mulher magra, a mulher bronzeada, e a mulher... eu acho assim, que por ela ser assim, por ela ser magra, por ela ser bronzeada, tá sempre maquiada, com uma pele muito lisa, ela é rica, ela consegue tudo o que ela quer [...] Por exemplo, você chega no carnaval, você vai olhar essas famosas, elas tão num iate, elas estão sei lá, na Grécia, elas estão num camarote muito VIP... eu acredito que pra muitas mulheres é isso, se você for magra, e se você for bonita de acordo com os padrões da sociedade, você vai ser bem-sucedida. (Manuela)

O padrão de beleza, incentivado às mulheres e mencionado pelas entrevistadas, é de um corpo magro, com 'barriga chapada', seios grandes, 'bunda' grande, cintura fina, pele bronzeada e lisa. Todo esse padrão está associado ao sucesso e à riqueza, reforçando a ideia de Malik (2014) de que a beleza padronizada está associada à energia e autoconfiança. É o que se mostra na mídia, na televisão, nas propagandas. A autora ainda explica que a indústria cosmética contribui para a ideologia sexista, ao expor as mulheres que ficam aquém do padrão estético construído pelos meios de comunicação em massa, ratificando a fala da entrevistada Manuela, que afirma que existe uma cobrança do homem e da sociedade, no geral, para a mulher estar em um determinado padrão de beleza.

A mídia acaba expondo os corpos padrões [...] Eu acho que esse corpo exposto acaba servindo sim ao patriarcado, a mídia e tudo mais vai expor o que é o padrão e tudo mais. [...] o que a mídia faz é isso, é alimentar isso. A mídia vai usar esse corpo exposto padrão pra alimentar o patriarcado, que alimenta a mídia também né, porque o que vai vender é esse corpo padrão exposto ali, enfim. (Lúcia)

A entrevistada Lúcia sugere que a exposição de corpos padrão pela mídia alimenta o patriarcado que alimenta a mídia, ou seja, um ciclo sem fim. Segundo Malik (2014), se algo condenável acontece de forma predominante e se tornou comum, tal situação faz com que as pessoas acreditem que não há nada errado. As mulheres acreditam que o certo é estar no padrão, ou seja, ter um corpo magro, isso independe se está com saúde ou não.

Eu tinha uma aluna, que ela estava acima do peso, e ela é linda, linda, linda, linda, linda, linda. E ela virou pra mim muito estressada e falou '((nome ocultado)), eu preciso emagrecer', mas eu falei pra ela 'mas você precisa,

ou você quer emagrecer?', ela não soube me responder. Porque eu falei, 'porque se você quiser emagrecer, a gente vai trabalhar pra isso, agora se você precisa por causa de outras pessoas, aí a gente tem que começar a trabalhar outra coisa', trabalhar a cabeça primeiro pra entender o que você quer. Então isso me chocou muito assim sabe, eu comecei a refletir muito por causa disso. Ela super estressada por que precisa emagrecer, mas precisa pra quê sabe, eu perguntei a ela 'seus exames estão ok? tá tudo certinho?', 'tá', 'então pra quê que você precisa emagrecer?', e ela ficou pensando... 'é, realmente' e tal... então isso me tocou muito assim. (Manuela)

A mulher busca um corpo ideal, indicativo do excesso do consumo, provocando danos psíquicos inalcançáveis (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2013). Para Lima, Batista e Lara Junior (2013), a busca é pelo corpo perfeito e por se fazer desejada pelos homens. Por outro lado, o homem, na visão das entrevistadas, não tem essa preocupação com o corpo da mesma forma que a mulher tem.

O que eu sinto é que o corpo do homem ele tem muito mais aval pra não ser perfeito, a verdade é essa assim. O meu boy nunca vai ser cobrado pelo corpo dele como eu sou cobrada pelo meu. [...] não dá pra comparar o que rola com eles com o que rola com as mulheres, porque não tá no mesmo nível assim. (Luíza)

As mídias influenciam na subjetividade e na formação da história da mulher que, sob amparo da sociedade de consumo, induzem as mulheres a consumir e viver conforme o que é mostrado como ideal (NASCIMENTO; PRÓCHNO; SILVA, 2012). O que não significa que os homens não estão sujeitos a esse tipo de influência. Nascimento, Próchno e Silva (2012) afirmam que as mulheres são as mais afetadas, uma vez que o foco da publicidade, que evidencia os padrões criados sobre o corpo feminino na contemporaneidade e o seu lugar cultural, é mais voltado para mulheres que respondem pela maioria das decisões de consumo no país.

Existe ainda uma divulgação em massa da imagem pessoal na internet – um espaço acessível para exteriorização de sexualidades – em torno de todas as ocasiões da vida das pessoas não públicas, concomitante à reprodução social de busca pela fama, a mercantilização da vida e a cultura do espetáculo (MENEZES; CAVALCANTI, 2017). Dessa forma, deve ser considerado o viés de gênero, pois tal conjuntura confirma a sexualização e objetificação do corpo feminino e

transparece o patriarcado ainda vigente (MENEZES; CAVALCANTE, 2017). Esta cultura pode ser estendida às crianças que também sofrem com esse bombardeamento de publicidade a despeito do que é o padrão de corpo feminino.

O homem gordo é fofinho a mulher gorda é nojenta, os homens não têm essa pressão que a mulher tem, não é bombardeado pelas Beyoncé, Kim Kardashians, Pugliesis... pessoas que vendem mentiras porque a perfeição simplesmente não existe nesse aspecto estético, e elas ainda alimentam essa indústria. A mulher acabou de fazer uma lipo e falando de produto orgânico que emagrece né, então me poupe! Eu trabalho com pré adolescente e adolescente, eu vejo que isso tem cada vez mais um aspecto profundo nas meninas, essa rejeição ao corpo, isso tá vindo de uma forma muito forte, porque elas são bombardeadas o dia inteiro com corpos perfeitos, filtros, lipoaspirações no photoshop, ai você vai pra frente do espelho, se olha e você não é nada daquilo que você vê o dia inteiro, o corpo lindo maravilhoso das redes sociais. A mulher sempre foi comparada a outras e obrigada a cumprir certos padrões. A Marie Claire tá aí, a Playboy tá aí pra esfregar na nossa cara que a gente não é nada, pelo menos na nossa época né....por isso eu acho muito importante ter esses movimentos feministas, [...] acho que isso tem que chegar cada vez mais cedo nas nossas meninas, porque a lavagem cerebral é muito grande. (Lúcia)

Desde o final do século XIX, para Kobayashi (2018), a publicidade, voltada para as mulheres que tinham o papel demarcado de dona de casa, esposa e mãe era sempre para os cuidados com a higiene da casa e dos corpos.

O homem ele pode ser de qualquer jeito. Ele pode ser de qualquer jeito. Só que ainda tem uma pressão pro homem, que é ele pode ser de qualquer jeito, ele pode ser do avesso, mas se ele tiver dinheiro tá tudo bem. Então acho que o homem sofre essa pressão mais de grana assim. Porque se ele for de qualquer forma e ele tiver dinheiro, ele tá bem na fita, ele vai ficar com a mulher que ele quiser, enfim... porque antes era errado homem ser vaidoso né, agora não, agora o homem tem aval pra ser vaidoso, tudo bem, pode, mas é opcional né?! Assim, você pode ser vaidoso se você quiser. Agora, a mulher não. A mulher que não depila ela é horrorosa, a mulher que não... né, posso fazer uma lista aqui gigante de todas as vaidades, que na verdade não são vaidades, são obrigações, a gente é obrigada a fazer um monte de coisa pra ser tida como mulher, pra ser feminina. (Manuela)

Historicamente, é atribuído ao homem o papel de provedor e mantenedor da família, e às mulheres, devotas ao lar e ao marido (KOBAYASHI, 2018). Isso reverbera até hoje, conforme a fala da entrevistada Manuela, que afirma que o homem não precisa se preocupar com seu corpo desde que ele tenha dinheiro, ou seja, ele cumprindo seu papel de provedor para a mulher, não é importante a sua

aparência. Por outro lado, à mulher ocorre o oposto, como ela detinha o papel de ser devota ao homem, cabe a ela unicamente se preocupar com as aparências.

Acho que é muito alimentado por essa questão machista mesmo né, que a mulher tem que tá ali bonita pra... vou usar um termo que não é nada do feminismo, mas assim, do ponto de vista do homem, a mulher tem que estar bonita pra atrair alguém, no caso deles eles acham que é pra atrair a eles né?! (Ana)

Essa preocupação com o corpo ecoa também no carnaval. Há, historicamente, a representação do rei momo, como um homem gordo, fora do corpo magro, considerado padrão, rodeado de mulheres dentro do padrão de beleza, isto é, corpos magros. No carnaval de Belo Horizonte, houve uma tentativa de quebra desse padrão, apresentando-se um rei momo magro, porém sem mudança na representatividade do corpo magro da mulher, para este caso. É importante ressaltar que os festejos que coroam o rei momo não estão no carnaval de rua, mas sim, dentro das escolas de samba. Assunto que será tratado na categoria 5.3.1 Carnaval Político.

Assim como todos os privilégios que os homens carregam, por exemplo, a gente tinha aí a imagem do rei momo ele era um homem gordo, sempre foi um homem gordo, o que caracterizava o rei momo pra ser rei momo? Ele tinha que ser gordo, agora a gente nunca teve uma rainha, ou uma passista gorda nesse lugar. Porque o rei momo, por exemplo, ele é homem e tá rodeado de mulheres mulatas passistas maravilhosas entende? Agora o carnaval de BH resolveu mudar essa ótica, resolveu colocar um rei momo magro. Porque muda também esse lugar do olhar do homem gordo com esse lugar de um rei de uma corte momesca, de um rei que tá ali só naquele momento, de um corpo que está ali aceito como gordo só no carnaval. Então inverteu-se o jogo, colocou um rei momo magro. Mas as mulheres que acompanham o rei momo, elas sempre são magras, sempre são musas. (Regina)

Um exemplo que sempre me passa na minha cabeça é a Bruna Marquezine, ela tá extremamente magra, se ela tá saudável e se ela tá feliz ok, vai viver a vida dela, mas as mulheres pegam isso como uma referência e se matam em academia, se matam em alimentação, pra chegar naquele corpo. E aí vai pro carnaval, chega no carnaval vai pra televisão, uma rede social, as mulheres magras estão super bem-sucedidas no carnaval. (Manuela)

A imagem que a mídia mostra da mulher no carnaval prevalece a de um corpo padrão, conforme as falas da maioria das entrevistadas. No entanto, existe uma

tendência de libertação dos padrões pelas mulheres no carnaval de rua de Belo Horizonte.

Quando a gente pensa em carnaval assim, pelo menos nas minhas lembranças mais antigas de carnaval, televisão, era a globeleza, aí você vê a globeleza uma mulher com um corpaço, sambando, pelada, na televisão, é esse tipo de imagem né. Não só a própria globeleza, mas as passistas das escolas de samba, sempre teve muito disso né. [...] mas minha impressão é que de uns tempos pra cá isso vem sendo desconstruído, ver mulheres com outros tipos de corpos, ocupando esses espaços assim. Mas eu não sei como é que tá isso nessas escolas de samba. Mas no carnaval de Belo Horizonte que sempre teve uma raiz muito política né, é mais comum a gente ver, no próprio Daquele Jeito que é esse bloco que eu te falando, a regente da ala de dança é uma mulher gorda, tem uma ala de dança com corpos super diversos, então é mais comum pra gente ver isso, talvez por isso mesmo que a gente se sintam mais à vontade nesses espaços, né?! (Fernanda)

Eu morava no centro ano passado no carnaval e eu tenho uma boa relação com os porteiros do meu prédio e eles me conhecem por doutora, tem uma relação muito respeitosa, e eu subi e desci durante cinco dias de biquíni e eu não tive pudor e vergonha, é um período que você quebra todo esse tipo de padrão, de preconceito, tanto do que é feito pra gente, do que eu não gosto no meu corpo, ali eu extrapolo, e falo não 'quero nem saber, vou usar mesmo assim, vou mostrar minhas celulites, minha perna, minha barriga', então acho que tem uma questão muito de auto permissão de se libertar desses padrões que a gente vive no resto do ano. Que normalmente eu acabo até mesmo me reprimindo e não me aceitando tão bem. O que eu vejo é que realmente a gente se permite bastante no carnaval, se libertar desses padrões de bonito e feio, certo e errado [...] o carnaval é totalmente permissivo, eu acho que é uma festa que traz isso, a questão da libertação. No carnaval de Belo Horizonte que eu via assim, isso foi mudando, cada vez mais as pessoas estão se sentindo mais à vontade pra saírem às ruas como quiserem. (Maria)

Questionadas se fazem algum tipo de intervenção, dieta, procedimento estético ou investimento no corpo para o carnaval, a maioria das entrevistadas respondeu que não.

Não é uma coisa que eu valorizo assim... tem outras coisas que eu prezo mais, tipo assim... é o meu jeito tá, mas eu sou muito do prazer assim, eu não vou deixar de comer uma coisa que eu quero porque eu quero ter um corpo de carnaval sabe. [...] a gente vive numa sociedade que tá aí pra nos deixar neuradas com o nosso corpo, pra gente não ter tempo pra pensar em outras coisas, tipo libertar do patriarcado. Então, sabendo disso, eu acho que eu não quero investir a minha energia nisso sabe, eu quero investir a minha energia em ser livre sabe, exatamente isso. (Luíza)

No entanto, duas entrevistadas, Aline e Lúcia, relataram que se preparam para esse período específico do carnaval. Intensificando dieta e academia para

conseguirem se sentir bem com o corpo; tê-lo o mais dentro do padrão possível para saírem às ruas com as roupas que tiverem vontade. O carnaval e a moda, para Araújo (2019), favorecem um equilíbrio nas buscas por modificações corporais amplas, ou seja, ansiar pelo belo com as possibilidades de vestuário e metamorfose corporal, mas também no seu significado existencial mais completo.

Eu acho que o início do ano depois do natal sempre é um período de tipo, correr atrás, para dar uma segurada pro carnaval, uma dietinha, malhar... alguma coisa de última hora, para tentar chegar mais magrinha no carnaval. Porque eu sei que o carnaval é um momento que eu vou mostrar o meu corpo e tem essa cobrança de ter um corpo bonito, de não se sentir à vontade para vestir para pôr a barriga de fora, se a sua barriga não tiver assim assado, não é isso? Se eu não tiver satisfeita com meu corpo com meu peso, e com a balança eu não vou vestir certas roupas. (Aline)

Eu me preparo pra usar essas roupas, eu faço toda uma dieta, academia, tento me sentir o mais à vontade possível, porque acaba que a gente também é muito ensinada a não se sentir à vontade no próprio corpo né, não aceitar as gordurinhas, celulites e tudo. Então [...] durante o carnaval eu me sinto à vontade, caso eu tenha feito um para-casa, se eu não tiver feito, boto uma legging um short mais comprido. É uma distorção mesmo da minha autoimagem, eu só conseguir imaginar aquela roupa aquela bunda de fora, barriga de fora se não for uma bunda com muita celulite, se for uma barriga aceitável, se for um braço menos gordo que o meu, então são várias questões de autoimagem mesmo, dessa leitura social do que é bonito, qual que é um corpo bonito e qual que não é um corpo bonito, o que é aceitável e o que não é. O que eu posso usar e o que eu não posso usar, sendo mais gordinha. Então assim, é um processo castrador mesmo assim, sabe? É uma falsa liberdade, porque não é genuína, eu não sou uma pessoa confortável no próprio corpo. (Lúcia)

Dessa forma, observou-se que o consumo exagerado, concomitante à divulgação em massa, pela mídia, de corpos perfeitos, alimenta um padrão de beleza a ser seguido pelas mulheres e traz consequências graves à saúde feminina. Para os homens não é exigido esse padrão de forma tão abrupta, devido às raízes históricas. No entanto, no carnaval de rua de Belo Horizonte, por ter um caráter político, existe uma tendência à libertação desses padrões, pois as mulheres criaram um espaço onde passaram a expor seus corpos, apesar da pressão estética sofrida pela sociedade e mesmo não estando no padrão.

5.2.3 Objetificação e erotização

Outro aspecto a ser considerado na relação entre corpo feminino e patriarcado, no carnaval, é tratado nesta categoria Objetificação e Erotização. A busca é por compreender como o corpo feminino é lido pela sociedade fora do carnaval e como se diferencia dentro dele. Esta categoria apresenta os códigos descritivos: Corpo como objeto e Assédio.

Todas as entrevistadas declararam se sentirem objetificadas pela a sociedade no geral, ou seja, a sociedade ainda lê o corpo feminino como um objeto. Existe na objetificação uma relação de dominação pelo considerado objetificador que impõe sua vontade, seus desejos, em detrimento de outrem, transportando a mulher para o universo das coisas, em que elas perdem seus valores e características humanas (BARBOSA; ROMANI-DIAS; VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2020).

O corpo feminino, e o meu corpo obviamente dentro disso, é aquele corpo que tá ali pra... acho que resumindo, pra satisfazer desejos alheios sabe. Sejam eles desejos sexuais de algum homem, sejam eles os desejos da própria sociedade, de reprodução né, de que tem que ter filho... sejam eles os desejos e necessidades de cuidado, seja do filho, da mãe, da vó né, porque sempre vai recair aí sobre uma mulher, o cuidado seja de quem for. Então acho que é isso, fazendo um grande resumo é isso, um grande objeto de satisfação dos desejos e necessidades alheios assim. (Luíza)

E ainda, a mulher, quando auto-objetificada, passa a valorar e se preocupar excessivamente com a sua aparência física, o que leva a um aumento de cirurgias plásticas (BARBOSA; ROMANI-DIAS; VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2020), na busca de sempre se encaixar em um padrão estético de corpo perfeito, como discutido na categoria 5.2.2 Padrão de beleza.

A gente é extremamente objetificada, e, inclusive, essa é a dificuldade que grande parte das mulheres têm em se sentir bem né, com uma roupa, em se sentir bem em um espaço, em se sentir bem em estar sozinha ou não, ou estar acompanhada... acho que tudo isso faz parte desse processo né, de como a sociedade... aonde a sociedade nos coloca nesses espaços públicos né, porque a gente fica muito à vontade no privado porque é o lugar que a sociedade gosta de nos colocar, quando você tá no público a gente fica aí mais à mercê dos apontamentos da sociedade né?! (Sofia)

O corpo feminino de um modo geral ele é muito objetificado né, ele é visto como um objeto de beleza, de desejo, como alguma coisa... E muitas vezes a própria mulher ela vê o corpo da outra como algo que ela quer alcançar, e acha que o dela tá ruim porque não tá dentro daquele padrão né, isso é vendido pela mídia, e a gente compra, internaliza, o tempo todo né?! Se eu não internalizasse tudo eu não teria vergonha da minha gordurinha, das minhas banhas sobrando, né, isso a gente internaliza. (Isadora)

Além do padrão de corpo magro, existe o estereótipo da mulher brasileira que é, inclusive, vendido fora do país e propagado pela mídia, um corpo enquanto objeto de desejo masculino, uma imagem que remete à sensualidade e a uma sexualidade aflorada, o que influencia também no processo de construção de identidade das mulheres (PINTO; CASTRO, 2014). Inclusive, as mulheres seminuas, conforme Pinto e Castro (2014), são exibidas em catálogos de turismo como atrativos das festas carnavalescas brasileiras.

O que a maioria das vezes mostra são as mulheres que estão usando as fantasias né, as passistas que usam tampão, só o tapa sexo, tapa mamilo, essas coisas. Evidencia muito, tanto que no exterior o Brasil tem muito esse estereótipo né da mulher lá do carnaval, sambista... tanto que as mulheres quando vão pra outros países eles confundem que algumas mulheres são esse objeto né?! (Ana)

As entrevistadas, questionadas sobre a imagem da mulher que elas percebem passar pela mídia no carnaval, corroboram, em suas falas, com essa afirmativa e mostram entenderem que o que é mostrado pela mídia não é a realidade do carnaval de Belo Horizonte.

É o que mostram na televisão, é o que filmam é isso aí, eles vão em cima de uma mulher, normalmente essas mulher toda cheia de silicone, melões né, aquelas coisas assim, então é isso que eles mostram... e na realidade não é assim né, a gente vê tanta gente legal, se divertindo, família, casal, gente com crianças, com os filhos, que vai pra se divertir, e a mulher tá lá junto com seu companheiro, com sua companheira, se divertindo, dançando, cantando... Isso que é legal de ver, isso que é bom de ver. [...] porque assim, eu acho que a mídia ainda não respeita a mulher, não respeita a condição feminina [...] essa necessidade que tem de pegar o corpo da mulher e transformar ele numa coisa assim... é quase como se, sei lá, você tivesse numa feira e tivesse expondo cacho de banana... é uma coisa assim, é muito triste isso sabe, é muito triste. (Marcela)

Acho que a mulher é muito destacada pela questão da beleza né, porque é uma coisa de... da gente ser objetificada né, a gente é só um negócio bonito, sendo que nossa tem tanta coisa pra falar de mulher no carnaval,

a gente é foda, poxa vida, vai ficar só colocando fotinha bonita?! Fala das mulheres que são foda na regência, fala das mulheres que são foda na produção, sabe, fala das funções da mulher no carnaval, do trampo... mas eu acho que de uma forma geral todas as vezes que a mulher aparece na mídia é nesse lugar de beleza né, tipo assim, ai 'as 10 mulheres mais bonitas no carnaval', sabe, acho que é meio nesse lugar assim, as fotos que eu lembro de ver assim tipo capa de jornal e tal, são fotos assim, das meninas mais padãozinho, e aí eu acho meio... poxa vida, ainda tamo nessa. [...] os caras são, geralmente os homens são vistos de outra maneira né, nós somos objetos eles são 'foda'. (Joice)

Eu acho que a imagem da mulher exposta pela mídia sempre foi muito sexualizada, eu lembro tipo, da minha infância, da coisa das escolas de samba, tava sempre as mulheres seminuas ou nuas, só no carnaval, Rio de Janeiro, um lugar que se você for de *top less* na praia você vai presa, mas no carnaval você pode sair de *top less* em cima de um trio, então eu acho que sempre foi muito sexualizada, tinha a globeleza e que agora eles tão por conta de todas essas disfunções, acho que a mídia tá tentando encobrir isso um pouco, não ser tão escancarado assim, mas ainda é. (Aline)

A auto-objetificação da mulher pode diminuir sua competência, seus talentos e percepção como indivíduo, afirmam Barbosa, Romani-Dias e Veludo-de-Oliveira (2020). Conforme análise e fala das entrevistadas, as mulheres que mostram muito o corpo de maneira sexualizada tendem a ser reduzidas a um objeto sexual, e é isso que a mídia difunde. Para Maria, à medida que foi aumentando o debate acerca da representação do corpo feminino isso foi mudando. Para Lúcia, no carnaval de Belo Horizonte, é como se fosse criado um espaço de abertura para sexualização do corpo sem esse viés de objeto.

Acho que isso foi um padrão durante muitos anos e continua sendo na mídia tradicional, a própria personagem da globeleza foi uma questão bem discutida nesse sentido, teve uma objetificação muito grande, as meninas que saem em escola de samba, com quase nenhuma roupa, e ao mesmo tempo era muito bonito de se ver, existia um julgamento muito grande sobre aquilo porque era uma forma de lucro, existiu uma comercialização da nudez feminina muito grande, com isso existiu durante algum tempo as pessoas não quiseram sair com pouca roupa, não quiseram se vestir daquela forma senão iam ser julgadas como alguém que não merecia respeito, mas ao mesmo tempo acho que com os anos 2000 isso foi mudando um pouco, foi trazendo essa questão desse debate, o que o corpo feminino representa, como a gente se empoderando, tomando pra nós o nosso corpo, nosso poder de decisão sobre a gente mesma e isso foi caindo por terra, pelo que eu vejo. (Maria)

No carnaval a gente se permite, no meu caso, que sou uma pessoa que tem pouca conexão com o corpo como um artifício erótico, como um artifício de sexualizar mesmo o corpo, eu tento ficar longe dessa imagem durante o ano. Eu não quero, porque é muito preconceito pra mim também, é um preconceito meu, é aquela coisa que colocaram na nossa

cabeça que a mulher pra ser inteligente ou boa no que ela faz ela não pode ser gostosa, e não pode andar pelada né. Não pode se vestir com roupas curtas, decotes e afins então acaba que eu tenho isso introjetado na minha cabeça, eu não gosto de ser, não gosto não acho que eu tenho perfil também, mas durante o carnaval sim. A mulher no geral, o corpo dela é visto sempre insatisfatório, representa só um corpo, um corpo a servir outro corpo, masculino, no caso né... no carnaval não acho, eu acho que no carnaval, não que isso se inverta, mas eu acho que isso tenta se equiparar. Eu não acho que passe a não ser, e nem que seja, que inverta o papel, mas eu acho que chega num ponto próximo de equidade assim. (Lúcia)

O controle do corpo feminino no patriarcado e sua mercantilização fazem com que não seja dada importância à saúde, à integridade física e ao bem-estar das mulheres mercantilizadas, porque são consideradas seres reprodutivos ao não valorizarem suas características humanas, o que abre caminho para reações masculinas como a violência contra a mulher, estupros e assédios. (NICHOLSON, 2000; BARBOSA; ROMANI-DIAS; VELUDO-DE-OLIVEIRA, 2020). No carnaval, pelo fato de se permitirem ir às ruas com seus corpos mais à mostra, e por ser uma festa da carne que traz a ideia romantizada de que ‘tudo é liberado’, a maioria das mulheres entrevistadas ainda se sente com medo de ser assediada.

Eu não deixo de ter medo de andar na rua só porque é carnaval, pelo contrário, dependendo de onde eu tô e de como eu estou vestida, sabe, é uma coisa que no carnaval eu saí de maiô, mas eu tava com uma turma, eu não saio sozinha. Ah eu vou pegar um ônibus do jeito que eu tô, ou andar para algum bairro, nesse quesito acho que não muda nada, talvez eu me sinta até mais intimidada. Por questão de roupa por exemplo, eu sair de calça jeans na rua é uma coisa, eu sair de maiô é outra. Então eu vou pro carnaval assim, quando eu tô no meio do bloco do carnaval, agora meu caminho até lá ou de volta eu tenho que estar com alguém, não entro no uber de maio no carnaval sozinha. (Aline)

Sozinha eu não fico... fico com medo sabe [...] medo de homem mesmo, a real é essa. Uai... infelizmente a gente sabe assim, tipo... uma mulher sozinha pode chegar um ou vários caras e pode me abusar, pode ser rude, minimamente o cara pode ser rude comigo, o mínimo, ser rude, me bater, isso é o mínimo. Mas pode me abusar, pode me estuprar, pode me sequestrar, pode um milhão de coisas assim. [...] se eu tô com o corpo mais a mostra, mas eu tô acompanhada, tô com uma galera, e eu não vou ficar sozinha, eu me sinto mais segura. Agora, se eu tô sozinha eu redobro um pouco o cuidado nesse sentido. (Luíza)

Então, por exemplo, quando eu saio pro carnaval, eu vou de aplicativo... a gente tem até uma mochilinha que a gente usa pro carnaval... eu coloquei um vestido bem levinho por cima, eu não tive coragem de entrar no aplicativo com aquela roupa. Eu já fui desrespeitada por vizinhos né?! Então, tem um ano que eu mudei pro bairro que eu moro hoje. Tinha uma semana que eu estava morando aqui, o vizinho de cima – que é casado,

tem idade pra ser meu pai – ele me assediou na porta da minha casa, ele veio até a porta da minha casa, porque ele já tinha me observado da janela da casa dele... eu moro numa área privativa. Então eu acho assim, eu tenho muita aversão a essas coisas. Então acho que o homem ainda tem isso, embora tenha um grupo que já tá melhor em relação a isso né, que não vê a gente só como objeto, que valoriza né a mulher com todas as qualidades que ela tem. (Ana)

A insegurança, citada pela maior parte das entrevistadas, é pelo fato de estarem sozinhas no trajeto de suas casas até o bloco de carnaval. Dessa forma, elas evitam estar desacompanhadas. Barbosa, Romani-Dias e Veludo-de-Oliveira (2020) afirmam, no sentido de mercantilização, que os homens acreditam que, em determinadas situações, as mulheres são suas propriedades, e, quando elas estão sozinhas, seus corpos ficam disponíveis para serem possuídos por outros homens. No fato ilustrado pela entrevistada Lúcia, ao ser abordada por um homem e este perceber que ela estava acompanhada pediu desculpas ao namorado dela pela abordagem, e não a ela, demonstrando, dessa forma, que ela pertencia ao namorado e que invadira sua propriedade.

Sempre senti muita liberdade. Eu acho que durante o momento que tá tendo o carnaval, por mais que o deslocamento seja uma questão, eu acho que existe uma vibe diferente na cidade, que é mais compreensível assim. Da gente tá fantasiada, sabe? Mas eu não vou falar pra você que eu fico tranquila o tempo inteiro, mas é uma coisa que eu banco. Eu falo não, eu vou, é assim que eu vou, não vou levar calça... mas a gente tenta sempre andar acompanhada, pegar o uber com alguém, não ficar completamente sozinha principalmente mais a noite, mas acho que a cidade tá bem nessa vibe então acaba que isso fica mais fácil. (Fernanda)

Então já deixei de ir em bloco, e ir de um lugar pro outro, porque tava sozinha, deixei de voltar a pé pra casa, mesmo estando muito perto de casa, porque tava de noite e eu tava sozinha, e eu tava com medo... ou por causa da roupa que eu tava. (Joice)

Existe também um medo de sair sozinha, voltar sozinha, então o que a gente faz? Porque a gente não pode falar que feminismo tá aí e mudou a cabeça de todo mundo que todos os homens nos respeitam, isso aí é um sonho, uma ilusão. O que a gente faz pra se sentir mais segura e pra potencializar nossas vontades é estarmos juntas, é nos unir, então por exemplo: eu não quero sair de casa sozinha, então combino de sair com mais duas amigas, com mais três e dividir o uber né. Então a primeira que pega o uber compartilha a corrida com todas passa aqui na minha casa e assim a gente vai. Na volta é a mesma coisa. (Regina)

Uma vez que eu já namorava o ((nome do namorado ocultado)) né, e um rapaz se aproximou pra conversar comigo, nada demais, não tem escrito na testa que eu namoro né, então ok. E aí quando o ((nome do namorado ocultado)) chegou perto assim, ele se desculpou pro ((nome do

namorado ocultado)) e ai eu injuriada, não que ele tenha tentado me agredir que eu fiquei com medo, mas eu me exaltei, podia ter acontecido alguma coisa né, mas não aconteceu, eu falei 'uai você não tem que pedir desculpa pra ele não, tem que pedir pra mim, você tá me incomodando'. Mas não deu em nada não, os amigos dele falaram 'vão bora, não rende assunto não'. (Lúcia)

Algumas entrevistadas disseram que buscam a companhia de outras mulheres para irem juntas ao bloco, outras falaram que levam uma segunda roupa, mais coberta, para vestir no trajeto até ao bloco. No entanto, quando inseridas no contexto do carnaval, as entrevistadas consideram a maioria dos blocos como um espaço seguro, onde elas se sentem à vontade para estarem com seus corpos mais expostos. Isso porque, segundo as entrevistadas, elas consideram os blocos um espaço paralelo do que é o cotidiano, uma vez que há a união de pessoas com pensamentos parecidos, além da presença de outras pessoas para ajudá-las, se se fizer necessário.

Eu acho que o carnaval, os blocos, principalmente os que eu frequento assim, eles são como se fosse um espaço paralelo, sabe? Eu acho que os blocos se tornam um espaço seguro, assim. [...] Eu acho que a gente vivencia um espaço, com pessoas que tem pensamentos parecidos, enfim... que a gente acaba se sentindo mais segura, mais à vontade nesses lugares. Então o fato de eu usar algum tipo de roupa naquele lugar, naquele momento, tem muito a ver com quem tá ao meu redor, e como eu me sinto mais à vontade naquele espaço, com as pessoas que estão ali também, que também se colocam ali dessa forma. A gente tem menos medo de assédio né, por mais que dependendo do lugar que você tá no carnaval continua acontecendo, é uma luta sempre, mas é como se fosse um espaço seguro mesmo sabe? Um espaço paralelo do que é ou não o cotidiano. (Fernanda)

Os blocos que eu vou eu acho que eu fico mais à vontade de ir mais tranquila, pra me vestir da forma que eu tiver a fim de fazer assim [...] e em alguns blocos tem se sentido mais à vontade pra... não se sente tão objetificada né [...] as pessoas tem ficado mais confortáveis assim de ir independente da roupa e enfim. São várias coisas né?! A segurança que o próprio bloco traz né, então... de falar, por exemplo, no Clandestinas a gente falava muito 'se você se sentir coagida, se você se sentir assediada, se você se sentir incomodada, procura o bloco, fala...' então essa segurança também de você estar num espaço que você pode ficar livre que sempre vai ter alguém ali por você pra te ajudar caso aconteça alguma coisa, e acho que o público também né, o público ele já sabe que o bloco vai fazer alguma coisa se você né – geralmente são homens – se você assediar alguma mulher, ou se você começar a atormentar demais, que você vai ser tirado desse espaço né. Então o público é um público mais tranquilo, é um público que vai pra curtir, não vai pra estragar a festa de ninguém, então acho que isso também contribui bastante. As pessoas saberem qual que é a posição política do bloco, o que aquele bloco levanta como bandeira... eu acho que também é bem

importante assim pra garantir que o público que vai seja um público que vai respeitar as regras e as coisas que o bloco coloca. (Sofia)

Existe uma mudança social e política em relação à definição de violência, o que contribui, também, para a conscientização e a libertação do assédio sofrido pelas mulheres. Para Almeida (2019), as definições de violência variam muito cultural e historicamente, inclusive a definição de estupro é controversa. No Brasil, conforme a autora, em 2009, foi revisto o crime de estupro que antes era referido a apenas forçar uma mulher a ter relações sexuais vaginais por meio de violência e cabia aos juízes decidir se a mulher era tida como decente e que, por isso, merecia respeito. A noção de assédio surgiu no Código Penal brasileiro somente em 2001, e era definido como constranger alguém para obter vantagem sexual, no entanto, apenas em 2018 entrou em vigor uma lei sobre a importunação sexual, mais abrangente. Tais mudanças ocorreram com os movimentos feministas e depois de campanhas contra o assédio (ALMEIDA, 2019).

Esses movimentos ajudam a libertar a mulher do assédio, e eu falo assédio em todos os aspectos, desde o assédio do cara chegar e agarrar e querer ficar com a mulher, quanto o assédio disso mesmo de 'olha lá a gorda', 'olha a mulher não sei o quê', 'olha o cabelo dela', 'olha a roupa que ela tá', enfim... qualquer coisa que diminua a mulher eu entendo como assédio assim sabe, quando você fala alguma coisa que não te diz respeito sabe, simples e puramente por preconceito seu. E antes tinha muito isso assim, esse assédio do carnaval, tinha muito isso da mulher sofrer assim sabe, a mulher podia tá de burca que o cara chegava puxando o braço dela. Então hoje eu acho que os movimentos ajudaram muito nessa parte do assédio, de agarrar mesmo, de fazer a mulher de objeto. (Manuela)

As entrevistadas percebem que a objetificação do corpo feminino, pela sociedade patriarcal, ainda é muito presente. No carnaval, a mídia propaga corpos femininos sexualizados, considerados perfeitos, e a mulher tem seu valor atribuído conforme a sua aparência física e seu corpo dentro do padrão de beleza. No carnaval, ainda há o medo de assédio, especialmente no trajeto até os blocos. Existe uma insegurança em se andar sozinha com pouca roupa neste período, no entanto, os blocos de rua são considerados espaços seguros, onde elas se sentem à vontade para expor seus corpos, até mesmo como forma de protesto contra essa objetificação do corpo feminino.

5.3 Representatividade em outros contextos

No código analítico Representatividade em outros contextos, buscou-se compreender como as representações do corpo feminino, no movimento do carnaval de Belo Horizonte, extrapola para outros contextos e quais as consequências que esse movimento traz. Para essa análise, utilizou-se a categoria Carnaval político.

5.3.1 Carnaval Político

A categoria Carnaval político aprofunda um pouco mais o debate sobre a característica específica e única de construção do carnaval de rua de Belo Horizonte. Nesta categoria apresentam-se três códigos descritivos: Ocupação do espaço público, Blocos com viés político e Alcance.

A cidade de Belo Horizonte viu crescer uma série de movimentos sociais no fim dos anos 1990, derivada de um longo movimento de privatização da cidade (PAOLINELLI; CANETTIERI, 2019). O renascimento do carnaval de rua de Belo Horizonte ocorreu junto ao movimento de resistência cultural, movimento que ocupa a Praça da Estação desde 2010, que estimulou transformações na utilização dos espaços públicos da cidade (PAOLINELLI; CANETTIERI, 2019; GUIMARÃES, 2018) dando origem a blocos de carnaval com caráter de movimentos político-sociais.

Uma ocupação organizada é definida por Paolinelli e Canettieri (2019) como uma expressão de um ato consciente e clandestino, com participação de movimentos sociais, de uma luta organizada. O próprio bloco da Praia da Estação surgiu com a ocupação da Praça da Estação. Outro exemplo deste movimento foi dado pela entrevistada Sofia, no qual houve, em 2016, uma ocupação de um espaço público que ficou conhecido como “Casa Tina Martins”, alicerçado em um movimento feminista de denúncia de violência doméstica contra mulheres e, a partir desta

ocupação, surgiu um bloco de carnaval de cunho feminista, com o nome de “Clandestinas”.

A casa ela surge em 2016, a partir de uma ocupação... a gente fez uma ocupação ali na Guaicurus, antigo prédio bandeirão da UFMG pra fazer essa denúncia de violência doméstica, e a ocupação ela foi muito marcada né, nesse primeiro momento, por atividades culturais. [...] E a partir disso a gente começou essas conversas com outros blocos feministas, e a gente decidiu fazer o Carnaval das Minas, que foi em 2017 né, e a gente saiu no pré-carnaval em 2017, junto com outros blocos de feministas [...] E a gente também faz uma atuação com as ocupações urbanas, então a gente viu várias mulheres desses espaços né que frequentaram, em 2018 a gente conseguiu articular que o bloco fosse até o bairro da ocupação lá no Barreiro, né?! Então teve um carnaval dentro da ocupação urbana [...] E aí em 2019 a gente não saiu com o bloco, e aí 2020... na verdade, logo depois do carnaval em 2019 né que a Truck saiu, e algumas pessoas da Tina ajudou, inclusive eu participei como parte da organização ali na hora do bloco, distribuição de água e tal, a gente percebeu que dava pra fazer de novo, que dava pra gente sair, mesmo que não fosse no Carnaval das Minas, junto com outros blocos, que a gente tinha condição de fazer, a partir de uma parceria com a Samantha Rennó, que foi a nossa... foi a regente do Clandestinas, a gente começou a ensaiar em 2019 pra gente sair em 2020 no carnaval, e aí a gente saiu no pré-carnaval em 2020 com o bloco feito 100% por mulheres né?! Então o bloco todo foi... todos os passos, todas as coisas, foram feitos por nós e várias mulheres que se colocaram aí pra ajudar a gente nesse processo, então foi tudo feito de uma forma muito coletiva, muito horizontal. [...] nosso bloco teve falas, teve protestos, teve manifestações né – então eu acho que foi dentro do bloco que a gente mesmo organizou assim, que a gente conseguiu juntar as duas coisas né, duas coisas que são importantes e que a gente gosta né, que é a questão do movimento social e a questão do próprio carnaval né?! (Sofia)

Parte dos blocos carnavalescos da cidade, os que apresentam o viés político, desfila fundamentalmente em espaços públicos como forma de ocupação autônoma, com a finalidade de democratizar estes espaços e transformá-los em locais de convivência comum, ludicamente, não obstante a quaisquer limitações dos poderes públicos (ANDRADE, 2017). Como citado pela entrevistada Aline, o bloco “Pisa na Fulô” nasceu com a finalidade de ocupar uma praça que estava abandonada pelo poder público.

O Pisa foi criado com objetivo de ocupar espaço público, a gente adotou aquela pracinha como pracinha do Pisa, por conta disso porque era uma pracinha abandonada, cheia de usuário de crack, um lugar do bairro que as pessoas tinham medo de frequentar porque, dá mal elemento, lugar cheio de mal elemento, e aí o Pisa começou a ensaiar lá, sair lá, fazer festa lá e de repente a praça virou um lugar legal no bairro, frequentado pelos moradores. (Aline)

Outro exemplo, citado pela entrevistada Regina, é um bloco de carnaval de cunho político que extrapola para outro contexto, neste ano de 2021, em que não houve carnaval, devido à pandemia causada pela COVID-19, o bloco feminista “Sagrada Profana” realizou um ato de manifestação no monumento da Praça Sete, localizado no centro de Belo Horizonte:

Mas para além disso, eu acho que nós somos seres que podemos transformar qualquer momento não só no carnaval. Por exemplo, esse ano a gente não teve carnaval, mas o Sagrada Profana fez um movimento, fez uma intervenção no pirulito da praça sete, colocando uma bandeira verde que simboliza a luta pela legalização do aborto. Nossas manas argentinas trouxeram isso pra gente com muita força né, e lá inclusive o aborto foi legalizado e quando a gente adere esse símbolo na luta feminista e coloca um símbolo que fala sobre aborto em um monumento, que é um monumento machista, que fica no centro da cidade, é machista porque ele tem o formato de falo, tanto que o apelido do monumento é pirulito. E também já foi colocado uma camisinha, a gente tem provas por a + b que ele é um monumento machista, fálico, criado por homens. Então quando a gente consegue por exemplo, colocar uma bandeira que significa inclusive o respeito pelo corpo da mulher, e por ela poder optar o que ela decide a partir do próprio corpo, isso gera um grande feito feminista né. Isso já é um grande feito que nós mulheres estamos aí, e estamos no páreo também. Estamos cientes dos nossos deveres, das nossas lutas, e que apesar de estarmos em uma pandemia, nós não vamos parar. (Regina)

No espaço das articulações de blocos com o revide urbano local, Belo Horizonte viu, como mencionado, um crescimento exponencial do carnaval de rua; e fundir perspectivas lúdicas e performáticas aos movimentos de contestação de rua propõe-se superar supostos anseios na relação entre política, festa e cultura (ANDRADE, 2017). Dessa forma, as mulheres, ao perceberem essa representatividade nos blocos de carnaval de Belo Horizonte, passaram a querer se incluir neste movimento e não ser mais apenas foliãs.

Olha, eu sinto que o carnaval de BH sempre foi um carnaval político, que é uma coisa que eu admiro muito. E eu acho que a participação feminina no carnaval de BH é também uma participação política. Eu vejo que o próprio Garotas é uma expressão disso né, não só de meninas, mas de LGBTQIA+ né?! (Luíza)

A gente destaca primeiro Salvador, Rio de Janeiro e Nordeste quando falo é Recife [...] então nosso carnaval, até o ano retrasado ele tava à frente inclusive do carnaval do Rio, que já é muita coisa né, então tô colocando BH como 4º, produzindo o carnaval, porque eu ainda acho que isso é sazonal, porque o Rio ainda é uma grande referência de carnaval pra gente [...] pra você ver como nosso carnaval ele está no holofote e

ele é expoente mesmo, se não fosse o COVID eu acredito que esse ano nós teríamos também o maior carnaval dos blocos, blocos novos surgindo, blocos que já eram antigos na cidade se expandindo, então acredito que a gente teria também um carnaval muito grande.[...] BH tem, isso eu posso te falar com verdade, que o maior carnaval político do Brasil e do mundo é o de BH, os nossos blocos todos tem uma linha de pensamento, estão todas pautadas em questões sociais políticas. Então o maior desafio é que a gente continue nessa festa, mas com toda responsabilidade em se carregar uma bandeira político-social. (Regina)

Eu acredito que por essa questão de ter se tornado algo mais político né, acho que isso também mostrou, fez com que as mulheres percebessem sei lá, talvez, a participação delas também nesse espaço né, que elas poderiam fazer mais do que ser foliã, ou ficar mais nessa parte mais à margem ali do contexto do carnaval né?! (Sofia)

No contexto estudado do carnaval de Belo Horizonte, percebeu-se, na fala das entrevistadas, que existem espaços diferenciados que trazem perspectivas destoantes entre si na representação do corpo feminino, esses são os blocos com viés político, o carnaval de rua e o carnaval fechado.

O movimento denominado “Praia da Estação”, em combate com o cerceamento das liberdades de artistas, ambulantes, prostitutas e habitantes costumeiros na Praça da Estação, para Migliano (2018), deu origem ao bloco de carnaval com viés político que agregou, inclusive, movimentos pela igualdade e liberdade de gênero e compôs o renascimento dos blocos de rua de Belo Horizonte.

Eu sinto que quem tá no centro disso tá pensando muito politicamente e pensando muito em prol das mulheres, em prol de proteger o nosso corpo, em prol de lutar contra o machismo, de usar isso tudo como uma ferramenta mesmo pra fazer esse barulho que é tão importante. Mas eu sinto que, às vezes quanto mais vai crescendo mais vai saindo desse núcleo, o que é bom por um lado, mas por outro lado eu não sei se todo mundo que tá vindo também tá carregando esses valores sabe. [...] eu acho que teve grandes mudanças, na verdade, ao longo dos anos. [...] eu acho que desde que começou esse movimento de existe de fato um carnaval de BH, como ele existe hoje em dia, com blocos, todo esse movimento político e tudo mais, eu acho que ele tinha um cunho libertador. Até porque, a forma como ele começou a existir né, que ele era uma forma de contestar a realidade que tava tendo naquele momento né, então acho que era bem isso, a coisa de... era literalmente colocar o bloco na rua. (Luíza)

Posterior à criação do movimento supracitado, e paralelamente ao movimento do carnaval de rua (AMORIM; ANDRÉ, 2019), surgiram centenas de blocos carnavalescos, sendo alguns mais politizados que outros. Guimarães (2018),

dessa forma, atribuiu uma característica híbrida para o carnaval de Belo Horizonte: de protesto e de festa.

Mas, quando eu falo no carnaval, eu falo de um lugar muito específico do carnaval né, porque eu só vou nos blocos que tem um viés político muito explícito, então eu tô dentro de uma bolha muito quentinha, muito confortável, muito segura. Então quando eu falo, quando eu penso, em como ele é visto (meu corpo) no carnaval eu tô falando de pessoas que provavelmente pensam parecido comigo, em sua maioria. Não tem como eu falar do carnaval como um todo, porque eu círculo só nos blocos que tem esse viés político muito explícito. É uma coisa que eu faço questão assim. (Joice)

Os blocos, que surgiram a partir e com o objetivo de ser um movimento pela igualdade e liberdade de gênero, que se encaixam nesse perfil, para as entrevistadas, têm um repertório musical específico, não há muitos homens héteros como público, e trazem discussões e pautas políticas a todo instante.

Não frequento blocos de sertanejo, funk, por gosto pessoal mesmo, mas também não é só o gosto da música, em geral são ambientes que eu sei que vai ter um público que eu vou me sentir mais desconfortável. Eu tive situações, por exemplo, tinha uma amiga minha de São Paulo no carnaval de Belo Horizonte, ela foi pra ficar comigo porque ela achou que eu tava sozinha no carnaval, mas e assim eu nem ligo de ir pra bloco sozinha, já fui e acho um máximo, mas ela ficou incomodada e veio, só que ela não gosta muito de umas músicas mais assim, mpb... ela não gosta muito de música latina, ela gosta mais de funk e sertanejo, então eu fui com ela no Funk you, na Av. Brasil se não me engano, então assim é um outro perfil de público, já fui em outros blocos assim que tem uma temática mais voltada pra, não tô sabendo te explicar direito, mas tem muito homem, é muito assédio é uma postura mais de micareta, que quando você tem 16 anos acaba que você tolera aquele ambiente, mas as vezes aos 30 você não tem muito saco, então realmente não era o tipo de bloco que eu gostava, essa coisa do assédio, muito assédio, muito homem achando que o corpo da mulher tá ali pra ser assediado pra ser tocado, pra ser usado por eles, então isso acaba coincidindo com alguns blocos com essa temática. (Maria)

Ah, muitas vezes é assim 'ah eu queria ficar ali' mas ali tá cheio de gente cheio de homens, aí 'não, eu vou ficar aqui que tá cheio de mulher' ou 'vou ficar aqui porque tá cheio de viado' né eu prefiro os viado e tal... ou então assim 'ah vou naquele bloco', mas aí 'não, mas esse bloco é muito hétero, só toca sertanejo, só vai ter gente querendo passar a mão em você o tempo todo'... 'ah não, vou nas Garotas Solteiras que aí é felicidade, é loucura e pronto'... Então assim, querendo ou não você vai praquilo que te incomoda menos. Quando tem mais mulher, mais gays, você se sente mais segura porque você para de ser o bife né, você para de ser a carne ali no ambiente. (Juliana)

O Garotas era, ele é... era né, no sentido de que eu não tô mais tocando nele, mas ele era um bloco incrível assim, de força política, de discurso.

Acho que assim, nos dois anos que eu toquei com elas... todos os ensaios isso é pontuado, isso é falado, e no próprio bloco no dia que sai também é muito enfatizado, e pra mim é incrível. O cunho feminista, o cunho LGBTQIA+ do bloco, aí a depender dos acontecimentos políticos da época né. Então assim, dependendo o “Fora Bolsonaro”, ou “Fora Temer”, ou... a depender da época... (Luíza)

Os blocos que geralmente eu frequento são blocos onde eu costumo ficar mais à vontade, inclusive né, que a gente é menos assediada, que a gente é mais respeitada né, que a gente se sente mais segura né?! Eu acho que isso influencia e tem contribuído bastante assim né pra participar, não só como organizadora de bloco, mas como foliã também. Depende do bloco né, os blocos que eu vou eu acho que eu fico mais a vontade de ir mais tranquila, pra me vestir da forma que eu tiver a fim de fazer assim. (Sofia)

Os blocos com viés político fazem parte do movimento do carnaval de rua de Belo Horizonte, cenário este que é aberto, onde a rua é domesticada, é democrático e construído coletivamente, produzindo uma harmonização das desigualdades (DAMATTA, 1997). No entanto, com o crescimento exponencial do carnaval de Belo Horizonte, principalmente do carnaval de rua, estão inseridos também, blocos que não têm um viés político e que não trazem, para as entrevistadas, a segurança que elas buscam no carnaval.

Por mais que a gente esteja falando de um carnaval de rua que tem uma característica política e politizada muito forte, é claro que ele não tá imune né, a gente tem assediadores em todos os lugares, e quando a gente tá num bloco com esse viés político a gente se sente segura porque a gente sabe que se acontecer alguma coisa e eu levar pro bloco, eu vou ser acolhida, e o cara em questão ele provavelmente vai ser retirado dali, se ele tiver dentro do bloco por exemplo, né, a gente se sente segura nesse sentido de acolhimento e tal. (Joice)

Pra ser bem sincera, eu não vou em bloco de muita gente hétero, por exemplo, porque eu já passei aperto duas vezes com cara me puxando pelo braço, e eu não quis, e ele veio pra me bater, tiveram que me tirar do lugar porque eu ia apanhar, então eu tenho esse trauma, então eu não vou. Assim, eu não tenho muita paciência pra homem hétero, porque até hoje eu ouço relatos de amigas minhas que ainda acontece isso sabe, do cara chegar, puxar pelo braço, querer conversar a todo custo, e a mulher não querer. (Manuela)

Mas é uma coisa que a gente se preocupa né, é um desafio conseguir fazer um carnaval político pra tanta gente né, e que isso não se perca né. Eu acho que é uma grande preocupação de muitos blocos mesmo, porque a medida que vai crescendo, vão surgindo outros blocos que não tem essa raiz, que não vieram desse mesmo lugar que a gente veio assim. Então acaba sendo a festa pela festa né, o que também não tem problema, mas acaba sendo um outro viés. E pra gente a raiz política é essencial. Eu já fui em blocos aqui em Belo Horizonte que eu tava de maiô e eu me senti completamente desconfortável, porque não era um

ambiente seguro pra isso. Era outro tipo de pessoa, então acaba que tem espaços diferenciados dentro da mesma festa. (Fernanda)

Existe, também, o cenário do carnaval fechado em Belo Horizonte, ou festas fechadas, que acontece no período do carnaval, cuja entrada acontece por meio da compra de ingressos. Para Damatta (1997), seriam os denominados bailes de carnaval, onde frequentam outros segmentos de pessoas. Os bailes, para as entrevistadas, selecionam o público e há uma diferença de comportamento entre esses espaços, abertos e fechados.

A gente frequentava clube familiar não tinha nada dessas coisas né, o carnaval era diferente dentro de um clube.... É... mas era tudo assim né, o clube seleciona né, ele seleciona as pessoas que tão lá dentro. O bloco não seleciona ninguém, e ao mesmo tempo ele permite que cada um fique na sua, ninguém importuna ninguém. (Marcela)

Por exemplo, quando eu fui uma vez que minha irmã pediu pra eu ir com ela em uma festa fechada, ali no centro onde umas festas fechadas. Por exemplo, uma vez eu fui lá com minha irmã que ela pediu pra eu ir, você via assim, todas as meninas tavam vestidas mais bonitinha, tava de salto, mais arrumadinha, aquela maquiagem que não era tipo glitter jogado feliz, ela aquele glitter bonitinho né, que você coloca aqui em cima dos cílios... pra você ficar bonita né, não é pra você falar 'êee, felicidade'... Então assim, aí é diferente, é um público específico, é uma festa que vai quem gosta disso e não sei o quê, aí acaba que padroniza. Quando você tá na rua não, eu acho que acaba não se importando tanto com essas questões. Acho que é uma questão do público mesmo, de diversificação do público. Acaba que a festa fechada ela tem um público-alvo né, e quando você tem um público-alvo muito específico aí você segmenta aquelas pessoas, quando você abre uma diversidade aí tem todo tipo de gente e você tem a liberdade de ser quem você quiser né?! Talvez a questão do... da mesma forma que você chega você sai né?! Da mesma forma que você é visto você não é. (Juliana)

As escolas de samba de Belo Horizonte fazem parte de outro cenário e podem ser colocadas com o carnaval fechado, um universo segregado e sem o caráter politizado que busca libertar e lutar pelos direitos das mulheres. Conforme discutido por Ribeiro (2018), e fazendo um paralelo com Belo Horizonte, as escolas de samba do Rio de Janeiro são consideradas empresas, não apresentam um aspecto popular mais, são despolitizadas assim como não expõem uma consciência étnico-racial.

Agora aqui em BH, a gente tá retomando com as escolas de samba, e essas escolas de samba as mulheres também vivem nesse padrão, que

tem uma diferença dos blocos de rua, do comportamento dos blocos de rua, para as escolas de samba, isso é bom que seja mencionado. É uma festa só, mas existem posicionamento diferentes. As escolas de samba, elas não são necessariamente políticas, é óbvio que ao nascer ela tem uma metodologia, uma ideia político-social, mas elas estão ali para existirem por si só, os blocos em si, eles nascem dessa ideia, eles precisam a cada ano se reafirmarem nessa ideia e aí eles não fazem escolha de quem entra, todo mundo pode entrar, o que é diferente das escolas de samba, que é um universo mais fechado, um pouco mais segregado, até para a existência dessa própria escola de samba, então existe uma diferença muito grande de mulheres que estão nos blocos de rua e de mulheres que estão ali assistindo à frente de escolas de samba. (Regina)

Os movimentos sociais precisam estar articulados com as políticas públicas e os espaços educacionais, afirmam Silva e Montefusco (2017). E o carnaval de Belo Horizonte tem se mostrado um espaço educacional de grande alcance para propagação de conhecimento. Pode, ainda, ser considerado como um megaevento que, segundo Franco e Leão (2018), se caracteriza por ser um ensejo fixo de amplo alcance, que atrai grande quantidade de pessoas e ainda exerce repercussões profundas na população e no ambiente.

E eu acho que isso traz também pra outras pessoas que não são muito familiarizadas que vem de criações e realidades muito diferentes, e isso acaba conscientizando pessoas que foram criadas achando, que por exemplo, se a menina tá de biquíni é porque ela tá pedindo pra alguém passar a mão na bunda dela, porque isso está na mentalidade até das mulheres, não só dos homens assediadores, mas das mulheres que foram criadas em ambientes machistas e que naturalizando assédio só porque elas estão em uso de pouca roupa. Então esses movimentos são muito importantes para conscientização principalmente daquelas pessoas que não tinham entendido a questão do limite, do não é não, não tô te dando liberdade pra nada, isso aqui é meu corpo, não quer dizer que você está vendo que você tenha qualquer direito além de olhar. Eu entendo muito carnaval como uma expressão cultural de transformação social mesmo, no sentido de que quando a gente faz um cortejo numa rua, não é só pra quem tá ali, na méuca do bloco, é pra vizinhança mesmo, falando uma mensagem, é uma manifestação política cultural, então assim eu acho muito importante principalmente quando isso sai um pouco da nossa bolha, sai pra se expandir mesmo a ideia. (Maria)

Conforme referido pela entrevistada Fernanda, o bloco agora com o nome de “Balôcaxi”, mesmo não sendo o maior bloco do carnaval de Belo Horizonte, atrai 200 mil pessoas na rua no dia do desfile. E, como esse bloco traz um discurso político forte em seu desfile, sua mensagem tem um grande alcance.

Qualquer tipo de movimento popular, principalmente vindo pela cultura, eu acho que tem um potencial muito grande por conseguir mais pessoas através da cultura, eu acho que a cultura tem esse papel potencializador de uma mensagem. Eu acho que é muito o que a gente fala no carnaval. Nem digo que é o carnaval como um todo, claro tem outros tipos de blocos, mas eu acho que essa raiz política do carnaval que pra nós é muito importante, foi e segue sendo, eu acho que falar desses assuntos através do carnaval, através da cultura é muito forte porque tem essa potência de atingir muita gente de uma vez. Então se eu falo dos meus blocos, a gente até mudou de nome, agora a gente é Balôcaxi, no último cortejo a gente teve 200 mil pessoas na rua. Se você pensar que 200mil pessoas estão ali pra ouvir o que a gente tem pra dizer é muito poderoso né, eu não digo que 200 mil pessoas absorveram a mensagem assim, levam pra suas próprias vidas né, mas cada tantinho que percebe, que entende, eu acho que pode ser muito transformador né, como foi pra minha vida e como foi pra de muita gente que eu conheço. Eu acho muito forte mesmo, tem um potencial muito grande. (Fernanda)

Eu acho que a gente aprende muito no carnaval a respeitar o outro, a entender o outro, e entender que a pessoa é feliz daquele jeito e ponto, e entender que se não é do seu jeito é do jeito dela e é isso mesmo. Uma outra oportunidade muito grande é essa política, porque os blocos eles são muito politizados né, então a gente fala de muita coisa importante em relação à política, em relação a outras coisas também. Por exemplo, no último desfile o bloco do Batiza falou sobre suicídio. Então a gente tem essa oportunidade de falar pra uma multidão que tá ali. Oportunidade das pessoas que não tem convívio com pessoas LGBTQA+ ter esse convívio e entender que as pessoas que são desse grupo elas merecem respeito como qualquer outra pessoa. Oportunidade de as famílias irem com seus filhos pros blocos e interagir com pessoas de todo tipo, e entender as pessoas como elas são. [...] Eu acho que os benefícios são esses assim, sabe, é abrir a cabeça das pessoas. Resumindo é isso, abrir a cabeça das pessoas pra coisas novas e absorver aquilo com muito respeito, muito amor, muito carinho, e não colocar uma barreira de uma vez. Porque se você vira pra um amigo hétero e fala 'olha, vamo pra uma boate gay?' ele 'jamais, não vou', mas se ele tá num carnaval num bloco gay, ele tá se divertindo ali e tá tudo certo. Então acho que abre muito a cabeça das pessoas sabe. (Manuela)

Além disso, no carnaval, há uma afluência de atividades musicais e de dança que representam uma importância cultural para além das pessoas do local (SALDANHA; GONÇALVES, 2019). Dessa forma, para esses autores, há uma contribuição significativa na economia da cidade, pois o carnaval estimula o desenvolvimento da economia criativa, o que favorece o bem-estar da população no geral. As entrevistadas contam que o carnaval de Belo Horizonte possibilita um aprendizado muito grande, tanto no sentido de equidade e respeito ao próximo, quanto no sentido de desenvolver novas habilidades com instrumentos musicais, dança, crescimento profissional, assim como a gestão de eventos culturais de grande porte como esse.

O carnaval é uma das poucas épocas em que as pessoas estão mais igualitárias, estão trabalhando com equidade. [...]é um sentimento de alegria, de plenitude, de liberdade, uma coisa que eu acho que a gente tá sempre brigando e que a gente tá falando de igualdade, e que a gente pode fazer aí sobre homofobismo, racismo e tantos outros ismos, é porque a gente vive numa cadeia que não é igual pra todos né. E a partir do momento que nós não tecemos essa igualdade, somos diferentes pela cor da pele, pela opção sexual e por outras tantas questões a gente vai mesmo conflitar porque a sociedade vai nos colocar momentos em que nós vamos estar conflitando mesmo, porque são vivências diferentes dentro de uma estrutura que nos faz ser diferente e o carnaval ele desmistifica isso. Homem pode vestir de mulher que não vai ser chamado de gay, gay pode ser gay tranquilamente sem sofrer preconceito, preto pode estar no lugar de preto assim como também pode transitar no lugar de branco, e quando ele transita no lugar desse branco ele é aceito. (Regina)

É uma oportunidade de aprendizado muito grande, aprendizado no sentido de aprender instrumento, aprender a dança, aprender regência, aprender produção, e no sentido de aprender a questão do coletivo, de lidar ali com o coletivo, porque você tem que lidar com as suas expectativas, com as expectativas dos outros, com a convivência... tem que administrar muita coisa pra tá ali naquele coletivo que é tão diverso. E se tornou uma oportunidade de mudança, uma oportunidade de crescimento profissional e até de mudança profissional pra muitas pessoas, o carnaval. (Joice)

Eu acho que pra quem tá gerindo o bloco acaba gerando outras oportunidades, no sentido de fazer outros tipos de eventos culturais, etc, gera esse know-how assim também, a galera rala muito pra produzir, mas a sensação que eu tenho também é que o aprendizado que vai ficar pra essas pessoas é foda, porque pô, realizar um negócio desse aí não é pra qualquer um. E acho que isso é um grande ponto também. Agora, o carnaval em si ele é uma grande oportunidade, acho que... quando eu falo oportunidade acho que até comercial, mas o grande ponto é fazer esse balanço assim entre cultural vs. comercial também né?! Porque os blocos, em essência, a maioria deles, é um grande junta de gente que vai lá e toca, então... e essa essência é muito legal também, então como manter isso e ser comercial ao mesmo tempo é um desafio, não sei, mas pode ser uma coisa muito legal. (Luíza)

Os diferentes cenários do carnaval que transcorrem em Belo Horizonte influenciam nas relações que as mulheres entrevistadas têm com o seu corpo. Os blocos de rua que foram construídos com um viés político, de uma ocupação de espaço público, que mantém esse cunho no carnaval e que sustentam um discurso politizado – normalmente pautados nos movimentos das minorias, como o feminista e o LGBTQIA+ – trazem a segurança e a liberdade que as mulheres almejam no carnaval e que não encontram nos blocos que não carregam um viés político, mesmo no carnaval de rua, no carnaval fechado e nas escolas de samba. Além do mais, o carnaval de Belo Horizonte, por meio dos blocos de viés político,

tem um alcance muito grande nas mensagens que dissipa e no aprendizado que proporciona para as mulheres que participam e, no geral, para toda comunidade que está em torno dele, reverberando para outros contextos fora dele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De antemão, é latente observar que as mulheres, no carnaval da capital mineira, não são a minoria e estão dominando todos os espaços, contribuindo ativamente na construção desse movimento, o carnaval de rua de Belo Horizonte, que antes era apenas um evento com a participação passiva delas.

O papel social diferenciado que a mulher carrega em relação ao homem, por muito tempo, a restringiu ao espaço privado do lar, limitando-a a fazer parte da edificação da própria história e dessa história pública. A eclosão da representação do corpo feminino nas ruas, durante o festejo carnavalesco, foi reflexo do movimento feminista como discurso contestatório que é praticado nos blocos de rua do carnaval de Belo Horizonte, emergindo movimentos de resistência às opressões e restrições sujeitadas por este corpo na sociedade patriarcal.

Quanto aos objetivos específicos, as mudanças significativas que ocorreram em relação ao corpo feminino, ao longo dos anos, no contexto do carnaval de Belo Horizonte, essas foram compreendidas, quando identificado que as mulheres têm ocupado espaços importantes e representativos, anteriormente não ocupados, o que vem rompendo determinações estruturadas pelo conceito de gênero. Com a ocupação desses espaços, a representatividade feminina vem se ampliando de maneira que o gênero feminino tem se tornado maioria neste cenário. Este protagonismo e representatividade, com a permissividade criada pelos movimentos feministas nesse momento específico do ano – o carnaval – tem libertado o corpo feminino das amarras sociais a cada ano que passa. Estes corpos políticos, *seminus*, a fim de confrontar o entorno, evoluindo no processo de conscientização de si e de suas relações sociais, ao longo dos anos, vêm sendo empoderados pelas mulheres como forma de resistência à dominação de gênero e emancipação como sujeitos.

No entanto, ainda existe certa limitação para a participação da mulher no carnaval de Belo Horizonte que está sendo desconstruída ao longo dos anos, como foi

possível compreender na análise da relação entre corpo feminino e patriarcado no carnaval, segundo objetivo específico. Se antes, não era consentido às mulheres pelos seus maridos estarem sozinhas no carnaval, sua presença era tida como lasciva, devido à dominação patriarcal, poder e controle da sexualidade da mulher pelo homem, hoje essa conjectura apresenta-se rompida. As mulheres estão nas ruas como foliãs, participando, produzindo e liderando blocos, em razão da tomada de consciência de sua condição e representatividade. Inclusive, existem, atualmente, muitos blocos exclusivos de mulheres, feitos por e para mulheres, no carnaval de Belo Horizonte, que carregam a bandeira do feminismo e de libertação do corpo feminino, principalmente da violência e de situações de assédio.

Todavia, principalmente as mulheres que estão à frente dos blocos exclusivos femininos, essas ainda enfrentam desafios para colocá-los na rua, pela hegemonia masculina nos encargos, devido à prática social historicamente arraigada de dependência masculina e de restrição ao ambiente privado. Apesar de terem acontecido pequenas mudanças, no decorrer dos anos, ainda há o reforço desta prática social pela mídia, na qual se destaca a imagem da mulher no carnaval dentro do padrão tido como ideal de beleza, objetificando-a e sexualizando-a, creditando sua importância em sua aparência física, incentivando a busca incessante pelo corpo perfeito e por se fazer desejada pelos homens, influenciando na sua subjetividade, sob amparo da sociedade de consumo. Também, como consequência disso, as mulheres, vistas como mercantilizadas, abrem espaço para reações masculinas violentas, como o assédio que ainda está presente nos blocos que não carregam um viés político em sua essência.

O carnaval da capital mineira apresenta uma característica híbrida, de contestação e de festa, na qual foi possível analisar como as representações do corpo feminino, no carnaval, são extrapoladas para outros momentos ou contextos, terceiro objetivo específico desta dissertação. Os blocos de rua com viés político, com caráter de movimentos político-sociais, nasceram, em grande parte, por meio de ocupações de espaços públicos e/ou elucidam pautas de movimentos das minorias. As mulheres os constroem como espaços seguros para reproduzirem

qualquer tipo de manifestação no carnaval, com seus corpos; o que reverbera em outras manifestações em outros contextos do ano, formando um universo de discussão para as questões sociais. Com a mistura do lúdico e movimentos de protesto, esses blocos no carnaval tendem a quebrar as tensões na relação política, festa e cultura e, dessa forma, conseguem atingir um grande público. Assim, as lutas, como igualdade e liberdade de gênero são refletidas para além do carnaval. São espaços onde existe o respeito entre os que estão festejando e manifestando, além do aprendizado proporcionado pelas atividades culturais oferecidas pelo bloco que é levado e ressoado para outras pessoas e para outros momentos do ano.

Além disso, ressalta-se, na perspectiva social, que o carnaval de Belo Horizonte gera uma economia significativa ao poder público, uma vez que atrai milhões de foliões anualmente, e se tornou um atrativo turístico na cidade. Para construção desse carnaval, que ainda gera insegurança para as mulheres no contexto geral, é necessário mais investimento do poder público. Não apenas em infraestrutura, mas em se pensar políticas públicas que valorizem as pessoas que constroem essa festa, que trabalham na construção dos blocos, que despendem tempo, não somente nos dias do festejo carnavalesco, mas o ano todo, para trazer um desfile de carnaval atrativo, seguro e que consiga manter a essência de movimento político-social e reverberar as mensagens das lutas sociais, de igualdade e respeito.

As mulheres que, por muito tempo, foram designadas como irrelevantes não tiveram a chance de contar sua história sob sua própria ótica. Até algumas décadas atrás, sequer esta dissertação teria sido escrita, o que hoje é possível graças às lutas femininas. Discutir sobre a temática do corpo feminino e suas representações no contexto do carnaval de rua de Belo Horizonte contribui para que seja desnaturalizada a existência feminina de subordinação, de objetificação pelos homens e até por elas mesmas, especialmente em um cenário que, por muitas vezes, foi considerado, pela cultura, um cenário de exibição deste corpo como objeto de desejo. Da mesma maneira que destaca a importância dos

movimentos feministas pela igualdade de gênero e mostra o quão é importante dar voz a elas que são a maioria, mas estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria.

Tem-se, como um limite da pesquisa, a pandemia causada pela COVID-19. Como as entrevistas tiveram que ser realizadas de forma on-line, devido ao distanciamento social como medida de prevenção, em conformidade com as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), perdeu-se alguns elementos que o encontro presencial traria. Assim como a imersão em campo, no período do carnaval e dentro dos blocos, trariam componentes muito ricos para a pesquisa.

Oportunidades de estudos futuros desta pesquisa estão na amplitude de possibilidades de compreensão destas representações de corpos. Existem muitos elementos que inter cruzam a construção própria e subjetiva do indivíduo como raça, idade, gênero, sexualidade e classe social. O corpo da mulher preta é lido de outras maneiras na sociedade e no carnaval diferentemente do corpo de uma mulher branca, pois são estruturados socialmente de forma diferente. Uma mulher com 30 anos de idade e outra com 70 anos de idade têm relações diferentes com seus corpos, assim como, mulheres pertencentes às classes sociais distintas o têm. Da mesma maneira que outros corpos subalternizados, como membros do movimento político social da sigla LGBTQIA+.

Outra possibilidade para uma pesquisa futura é fazer um estudo de classe social no carnaval. Foi citado, por ao menos três entrevistadas, que o carnaval de Belo Horizonte é feito predominantemente pela classe média. A maioria que é vista trabalhando como ambulante é composta pela classe menos abastada, pretos e pobres. Assim, por mais que haja uma visão de que no carnaval exista esse conagraçamento e as diferenças pareçam atenuadas, a participação na construção do carnaval ainda é da classe que dispõe de mais privilégios.

REFERÊNCIAS

AFONSO, J. Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica. **Análise Psicológica**, v. 25, n.3, p.331-342, 2007.

ALMEIDA, H. B. DE. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 177-192, abr. 2007.

ALMEIDA, H. B. DE. From shame to visibility: Hashtag Feminism and Sexual Violence in Brazil. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 33, p. 19-41, 10 dez. 2019.

ALVES, L. A.; NÓBREGA, A. N. A. "Mas isso é porque as pessoas não sabem o que é o pole dance": contribuições da avaliação para a análise discursiva de estigmas. **Trabalhos em Língua Aplicada**. Campinas, v. 3, n. 59, p. 2183-2208, set./dez., 2020.

AMORIM, P.; ANDRÉ, P. Movimento Praia da Estação: dinâmicas urbanas, cultura e criatividade. **Laboratório Colaborativo. Dinâmicas urbanas, património e artes. Investigação, ensino e difusão**. Lisboa, p. 6-18, 2017.

ANDRADE, C. E. F. DE. Resistir, Festejar: Tico Tico Serra Copo, Ação Direta e Apropriação do Espaço no Carnaval Contemporâneo de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais**, v. 19, n. 3, p. 459-474, 2017.

ANDRÉS, R. **O cortejo errante**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 7, p. 78-85, 2015.

ARAÚJO, C. R. O. DE. Metamorfose Corporal na Moda e no Carnaval. **Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación**, n. 76, p. 15-35, 20 set. 2019.

ARAÚJO, D. C. DE; LOPES, P. Que horas ela volta? Percepções do discurso fílmico por blogueiras feministas do Brasil. **ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres**, n. 36, p. 203-219, 15 dez. 2017.

ARAÚJO, P. V. L. Outros Tempos, Outros Carnavais: Brincadeiras De Entrudo E De Carnaval No Brasil (Século XIX). **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 13, n. 1, p. 10, 2020.

ASKEGAARD, S.; LINNET, J. P. Towards an Epistemology of Consumer Culture Theory: Phenomenology and the context of context. **Marketing Theory**. v. 11, n. 4, p. 381-404, 2011.

BARBOSA, A. dos S.; ROMANI-DIAS, M.; VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. M. The Facets of Women Commodification: Violence in the University Context in

Administration. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 24, n. 6, p. 582-599, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, S. A Representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. **Observatório Journal**. v. 10, n. 1, p. 137-149, 2016.

BATAILLE, G. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2010. Coleção Arte e Comunicação, v. 54.

BAUMEL, C. P. C. et al. Attitudes of young people towards pornography and its consequences. **Psico-USF**, v. 24, n. 1, p. 131-144, 1 jan. 2019.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELOTUR. **Um dos melhores carnavais do Brasil!** Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/carnaval>>. Acesso em: 09 dez. 2019.

BENTO, B. A. de M. Da transexualidade oficial às transexualidades. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (Orgs.). **Sexualidade e Sabres: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 143-172.

BERBERICK, S. The Objectification of Women in Mass Media: Female Self-Image in Misogynist Culture. **The New York Sociologist**. Mar. 2012.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, 1995.

BRADBURY, E. Meeting the psychological needs of patients with facial disfigurement. **British Journal of Oral and Maxillofacial Surgery**, v. 50, p. 193-196. nov. 2012.

BUTLER, J. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**. São Paulo, n. 22, p. 159-179, ago, 2013.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, J. **Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Witting e Foucault** (N. C. Caixeiro, Trans.). In.: S. Benhabib & D. Cornell (Eds.), **Feminismo como crítica da modernidade** (pp. 139-154). Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1986.

CANDIOTTO, C. Sujeição, Subjetivação e Migração: Reconfigurações da Governamentalidade Biopolítica. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 61, n. 146, p. 319-338, ago. 2020.

CAPPELLE, M. C. A. *et al.* Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional. **RAE eletrônica**, v. 3, n. 2, p. 1-17, 2004.

CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. D. O. L. Policewomen, power and gender relations in the military police from Minas Gerais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, p. 71-99, 2010.

CARNIEL, F.; RUGGI, L.; RUGGI, J. DE O. Gender and humor in social networks: The campaign against Dilma Rousseff in Brazil. **Opinio Publica**, v. 24, n. 3, p. 523-546, 2018.

CARVALHO, C. L. DE. As mulheres negras na escrita da história do carnaval em Florianópolis: trajetórias e epistemologias plurais. **Revista TransVersos**, n. 20, p. 12-31, 2020.

CASTRO, G. H. C. DE; SIQUEIRA, M. V. S. “Vão achar que é uma piada, mas, para nós, não!”: discursos de resistência em clubes brasileiros de futebol gay. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 4, p. 1058-1070, 8 out. 2020.

CASOTTI, L. M.; SUAREZ, M. C. Dez Anos De Consumer Culture Theory: Delimitações E Aberturas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 3, p. 353-359, 2016.

COSTA, C. L. O sujeito no feminismo: revisitando os debates. **Cadernos Pagu**, v. 19, p. 59-90, 2002.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COURTINE, J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 1. ed. [s.l.] Rocco, 2004.

DAMATTA, R. **O que é o Brasil?** 6. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DIAS, P. DE S. *et al.* Standard male body image and its influence on food values, attitudes and behavior in food university. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 15, n. 1, p. 99-112, 2016.

EMPINOTTI, M. L.; PAULINO, R de C R. O Caso “Não é Não!”: uma análise de sentimentos sob a perspectiva da ARS. *meistudies*, **2º Congresso Ibero-americano sobre Ecologia dos Meios - Mulher e Gênero no Ecosistema Midiático**, mar., 2020.

FELIX, R.; GARZA, M. R. Understanding the Acceptance of Mobile SMS Advertising among Young Chinese Consumers. **Psychology & Marketing**, v. 29, n. 12, p. 980-994, 2012.

FERREIRA, F. **O livro de ouro do Carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERRETTI, M. A. DE C. *et al.* Female soccer in the beijing olympic games. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, v. 17, n. 1, p. 117-127, 2011.

FIGUERÔA, K. M.; SILVA, M. M. E. Impressões Femininas Sobre a Presença Da Mulher Na Capoeira. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B.M.; SAIDEL, M.G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, v.27, 2011.

FONTES, O. de A.; BORELLI, F. C.; CASOTTI, L. M. Como Ser Homem e Ser Belo? Um estudo exploratório sobre a relação Entre Masculinidade e o Consumo De Beleza. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 72, n. 2, p. 400-432, 2012.

FRANCO, S. M.; LEÃO, A. L. M. S. Da folia à performance: biopoder na Organização do carnaval de Olinda. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, 20, 2019.

FRANCO, S. M.; LEÃO, A. L. M. S. Lógica de mercado como medida de eficiência da organização do carnaval de Olinda. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v.22, n. 5, p. 661-682, set./out., 2018.

FRANCO, S. M., LEÃO, A. L. M. S. Para os súditos de momo, tradição é lei: governo e verdade na organização do carnaval de Olinda. **Organizações & Sociedade**. Salvador, v.26, n. 91, p. 621-644, out./dez., 2019.

FREDRICKSON, B. L.; ROBERTS, T. A. Objectification the-ory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. **Psychology of Women Quarterly**, v. 21, p. 173-206, 1997.

FREITAS, L. M.; CHAVES, S. N. DESNATURALIZANDO OS GÊNEROS: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS BIOLÓGICOS. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 15, n. 3, p. 131-147, dez. 2013.

FROIS, E.; MOREIRA, J.; STENGEL, M. Mídias e a imagem corporal na adolescência: O corpo em discussão. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 71-77, mar. 2011.

FUX, J.; ABREU, D. S. DE. O feminino e a psicanálise em nada a dizer, de Elvira Vigna. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis**, v. 3, n. 1, p. 67-76, 2012.

GAIÃO, B. F.; LEÃO, A. L. M.; Muitas festas numa só: a configuração do campo do carnaval do Recife. **Organizações & Sociedade**. Salvador, v. 20, n. 64, p. 131-144, jan./mar. 2013.

GAIÃO, B. F. S.; LEÃO, A. L. M. S; MELLO, S. C. B. A teoria do discurso do carnaval multicultural do Recife: uma análise da festa carnavalesca de Recife à luz da teoria de Laclau e Mouffe. **Revista de Administração Mackenzie**. São Paulo, vol. 15, n.6, p.149-171, nov./dez. 2014.

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. E. “No carnaval a fantasia é minha. O corpo é meu”: memória e rupturas feministas na folia. **Rua**, v. 21, n. 1, p. 87, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOI, C. K.; BANDEIRA DE MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

GODOY, A. S. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 mar./abr. 1995.

GOMES, C. C DE. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 25, p. 231-255, 2017.

GREGORI, M. F. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu**, n. 20, p. 87-120, 2003.

GUIMARÃES, J. Da intervenção ao enquadramento: diálogos com o hipercentro de Belo Horizonte na obra *PassAarão*, do Grupo Espanca! **Abrace**, v. 19, n. 1, p. 1-21, 2018.

HAMBURGER, E. TELENOVELAS E INTERPRETAÇÕES DO BRASIL. Esther Hamburger. **Lua nova**, v. 82, p. 61-86, 2011.

HARTMANN, H. The unhappy marriage of marxism and feminism: towards a more progressive union, *Capital and Class*, Nº 8, p. 1-33. Versão muito semelhante foi publicada em 1981, In: SARGENT, L. (Org.) **Women and revolution – A discussion of the unhappy marriage of marxism and feminism**. Boston: South End Press, 1979, p. 1-42.

IRIBURE, A. Homossexualidades, publicidade e disputas: um olhar desconstrucionista sobre o beijo gay em comerciais para televisão aberta. **Journal of Chemical Information and Modeling**, v. 53, n. 9, p. 1689-1699, 2020.

JACOBSON, M; MAZUR. Marketing Madness: A Survival Guide for a Consumer Society. **Boulder: Westview Press**, Inc. 1995.

JOAQUIM, A. de M. *et al.* Ver, sentir, vivenciar e crer: os estudos sobre consumo pelos trilhos da consumer culture theory (CCT). **Economia & Gestão**, v. 19, n. 53, p. 136–153, 2019.

JÚLIO, A. C. “Turning garbage into luxury”: the materiality in practices of the carnival production. **BBR Brazilian Business Review**, v. 15, n. 5, p. 427–443, 2018.

KILBOURNE, J. Cant’ Buy My Love: How Advertising Changes the Way We Think and Feel. **New York: Touchstone Rockefeller Centre**. 1991.

KLANOVICZ, L. R. F. De Gabriela a Juma - imagens eróticas femininas nas telenovelas brasileiras. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 1, p. 141-160, jan. 2010.

KOBAYASHI, E. M. Health via consumption: The idealized representation of housewives, mothers, and wives in household economics manuals and magazine advertisements in O Cruzeiro and Manchete, 1940-1960. **Historia, Ciências, Saude - Manguinhos**, v. 25, n. 3, p. 743-761, 1 jul. 2018.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a comoditização como processo. Em **The social life of things: Commodities in cultural perspective**, editado por Arjun Appadurai. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University, p. 64-92, 1986.

KOZINETS, R. V. Utopian enterprise: Articulating the meanings of Star Trek’s culture of consumption. **Journal of consumer research**, v.28, n. 1, p. 67-88, 2001.

LEÃO, A. L. M. S; MELLO, S. C. B.; VIEIRA, R. S. G. O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. **Organizações em Contexto**. v.5, n. 10, p. 1-16, 2009.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens; tradução Luíza Sella. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, A. F. DE; BATISTA, K. DE A.; LARA JUNIOR, N. L. A ideologia do corpo feminino perfeito: Questões com o real. **Psicologia em Estudo**, v.18, n. 1, p. 49-59, 2013.

LOPES, F. H. Possibilidades de conexão: Michel Foucault, relações de gênero e

estudos queer. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v.11, n.16, p. 162-196, 2017.

LOURENÇO, S. Gênero: Acepções e Considerções. **Revista Capital Científico**, v.2, n.1, p. 65-78, 2004.

LOURO, G. **Nas redes dos conceitos de gênero**. In: LOPES, M. G.; MEYER, D.; WALDOW, V. (Org.). *Gênero e Saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 12-19, 1996.

MAIZZA, F. As sete meninas: Reflexões sobre mulheres, experiência e efeitos jarawara. **Cadernos Pagu**, v. 2017, n. 49, p. 1-32, 2017.

MALIK, S. Women's Objectification by Consumer Culture. **International Journal of Gender & Women'S Studies**, v. 2, n. 4, p. 87-102, 2014.

MARCONDES FILHO, C. Violência Fundadora e Violência Reativa na Cultura Brasileira. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 20-27, abr. 2001.

MARTINS, MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998

MCCREARY, D.R. **Body image and muscularity**. *Body image: a handbook of science, practice, and prevention*. p.198-205, 2011.

MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, n. 39, p. 167-181, 2006.

MENDES, J. C. DA S.; FIGUEIRAS, M. J. Acquired Facial Disfigurement: a Brief Narrative Review. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 14, n. 3, p. 484-501, 2013.

MENDONÇA, M. L. M. DE; SENTA, C. R. M. D. Envelhecer feminino no cinema brasileiro contemporâneo : outras narrativas , novos olhares. **Palavra Chave**, v. 15, n. 3, p. 571-593, 2012.

MENDOZA-CANALES, R. Fantasía y conciencia estética: El estatuto fenomenológico de la imagen. **Areté**, v. 32, n. 1, p. 93-114, 2020.

MENEZES, M. R. C. DE; CAVALCANTI, V. R. S. Mulher jovem e a cibercultura: liberdade, subordinação e reminiscências patriarcais no meio virtual. **ex aequo - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres**, n. 35, p. 33-47, 15 jun. 2017.

MIGLIANO, M. Praia da Estação como ação política – relato de experiências, envolvimentos e encontros. **Ensaio**, Salvador, p. 43-54, 2012.

MIGLIANO, M. Transformação política por meio de narrativas juvenis nos fragmentos da “Praia da Estação”. **Políticas Culturais em Revista**, v. 11, n. 2, p. 168-189, 2018.

MINAYO, M. C. DE S. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, v. 9, n. 3, Rio de Janeiro, jul/set, 1993

MIZRAHI, M. Cabelos ambíguos beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 89, p. 31-45, 2015.

MIZRAHI, M. “Rio de Janeiro is a land of vain men”: Women, masculinity and money among the Baile Funk. **Cadernos Pagu**, v. 2018, n. 52, p. 1-44, 2018.

MIZRAHI, M. The politics of black hair, among women: Aesthetics, relationality and dissent in Rio De Janeiro. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 25, n. 2, p. 457-488, 2019.

MORGADO, J. J. M. *et al.* Imagem corporal de militares: Um estudo de revisão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 2, p. 521-535, abr. 2013.

MUZZI, L. Musicalidade domina nomes por trás dos blocos de rua de BH. **O Tempo**. Belo Horizonte, 08 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/cmlink/hotsites/carnaval-2015/musicalidade-domina-nomes-por-tr%C3%A1s-dos-blocos-de-rua-de-bh-1.990680>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

NASCIMENTO, C. M.; PRÓCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. DA. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal : Revista de Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 385-404, ago. 2012.

NASCIMENTO, L. DE C. N. *et al.* Saturação teórica em pesquisa qualitativa: relato de experiência na entrevista com escolares. **Rev Bras Enferm [Internet]**, v. 71, n. 1, p. 243-251, 2018.

NEVES, A. N.; HIRATA, K. M.; TAVARES, M. DA C. G. C. F. Imagem corporal, trauma e resiliência: Reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 1, p. 97-104, 2015.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. In: **Revista de Estudos Feministas**. v. 8, n. 2, p. 9-42, mai/ago. 2000.

NUSSBAUM, M. Objectification. **Philosophy and Public Affairs**, v.24, n. 4, p. 275. Jstor. 1995.

OLIVEIRA, N. P.; DA SILVEIRA, F. J. N. Mulheres cariocas e práticas de leitura nos anos de 1920: Um estudo documental a partir das revistas Fon-Fon e Jornal das Moças. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 2, p. 33-60, 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

PAOLINELLI, M. S.; CANETTIERI, T. Dez anos de ocupações organizadas em Belo Horizonte: radicalizando a luta pela moradia e articulando ativismos contra o urbanismo neoliberal. **Cadernos Metr pole**, v. 21, n. 46, p. 831-854, dez. 2019.

PELLIZARI, K. **O discurso gerencialista e as práticas discursivas das mulheres executivas: aproxima es e distanciamentos**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2014.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. G nero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: Análise da produ o científica recente. **CONTEXTO & EDUCA O**, v. 30, n. 95, p. 117-146, 2015.

PEREIRA FILHO, H. F. **Gl rias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936)**. 2006. 221 f. Disserta o (Mestrado) - Curso de Pós Gradua o em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PHILLIPS, N.; DI DOMENICO, M. **Discourse analysis in organizational research: methods and debates**. In: BUCHANAN, D.; BRYMAN, A. (Org.). The handbook of organizational research methods. London: Sage, 2009. p. 549-565.

PINTO, R. P.; CASTRO, A. L. Corporalidade brasileira na fabrica o da identidade nacional. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 50, n. 1, p. 34-40, 2014.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/belo-horizonte-vive-o-melhor-carnaval-da-sua-historia>>. Acesso em 30 mar 2020.

RIBEIRO, A. P. A. O futuro do sambista e o sambista do futuro: juventude, sociabilidade e associativismo nas escolas de samba mirins do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 70, p. 189-207, 2018.

RIBEIRO, H.; DELAMARO, L. A Festa do Corpo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 2, n. 2, p. 1-7, 2002.

ROSA, P. R.T. DAS C. Maricota e Cl  : Subversão , Corpo e Desejo. **Interfacis**, v. 4, n. 2, p. 2-18, 2018.

ROSADO-NUNES, M. J. Direitos, cidadania das mulheres e religião. **Tempo Social**, v. 20, n. 2, p. 67-81, nov. 2008.

ROSSI, T. C. Feminilidade e suas imagens em m dias digitais: Questões para pensar g nero e visualidade no século xxi. **Tempo Social**, v. 29, n. 1, p. 235-255, 2017.

SALDANHA, R. L.; GONÇALVES, C. A. O evento carnaval como motor da economia criativa: um estudo na capital mineira entre 2015 e 2017. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, v. 9, p. 54-67, 2019.

SANTOS, G. C. de O. **Estratégias de Comunicação e Marketing em Festas e Eventos Turísticos**: o Carnaval de Belo Horizonte nos anos de 2014 e 2015, 2016, 130p. Dissertação (Mestrado em Administração). Belo Horizonte: Faculdade Novos Horizontes, 2016.

SANTOS, G. C. D. O.; SOUSA, C. V. E; PEREIRA, J. R. Eu quero é “botar” o meu bloco na rua: uma análise do carnaval de Belo Horizonte entre os anos de 2013 e 2015. **Turismo - Visão e Ação**, v. 18, n. 2, p. 251, 2016.

SANTOS, M. A. DOS *et al.* Body, health, and consumer society: The social construction of a healthy body. **Saude e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 239-252, 1 jul. 2019.

SAUERBRONN, J. F. R.; TONINI, K. A. D.; LODI, M. D. DE F. Um estudo sobre os significados de consumo associados ao corpo feminino em peças publicitárias de suplementos alimentares. **READ. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 17, n. 1, p. 01-25, abr. 2011.

SCHILDER, P. **A Imagem do Corpo: as energias construtivas da Psiquê**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SECCHI, K., CAMARGO, B., & BERTOLDO, R. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, v. 25, p. 229-236, 2009.

SHONTZ, F. C. **Perceptual and Cognitive Aspects of Body Experience**. Londres: Academic press. 1969.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. O Uso Da Análise De Conteúdo Como Uma Ferramenta Para a Pesquisa Qualitativa: Descrição E Aplicação Do Método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SILVA, G. **O que esperar do Carnaval de BH em 2019?** Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://www.belo Horizonte.com.br/artigo-o-que-esperar-do-carnaval-de-bh-em-2019/>>. Acesso em 23 de jun. 2019.

SILVA, G. M. DA. Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 54, p. 173-201, ago. 2019.

SILVA, G. M. DA; PACHECO, L. F. Carnaval, Bourdieu e Teoria Institucional. **EnAnpad**, p. 1–16, 2004.

SILVA, M. T. A. DA; MONTEFUSCO, C. Gênero, Sexualidade e Direito a Educação: Uma Aproximação Exploratória. **Revista Interface**, v. 14, n. 2, p. 58-71, 2017.

SILVA, S. G. DA. Oliver sacks and “neurophenomenology of the self”. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 14, n. 3, p. 452-471, 2011.

SILVA, S. M. C. DA; NOVA, S. P. DE C. C. Pesquisa qualitativa ou qualidade em pesquisa? Um exemplo de contribuição sócio-humanista em pesquisa contábil. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 13, n. 1, p. 120-141, 2018.

SILVA, S. S. DA; RODRIGUEZ, J. R. Para que serve ser uma pessoa no Direito? Diálogos no campo crítico. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 4, p. 2968-3023, dez. 2019.

SILVA, T. T. A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 3, p. 739-759, 2016.

SILVA, Z. L. DA. Black women in São Paulo Carnivals: Who are they? (1921-1967). **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, p. 1-16, 2018.

SIMON, V. P.; BOEIRA, S. L. Fenonomia, isonomia, economia social e solidária: convergências no processo de empoderamento feminino? **Revista de Ciências da Administração**, v. 22, n. 56, p. 109-124, 2021.

SMOLAK, L. Body Image development in childhood. **Body Image: a handbook of science, practice and prevention**. Nova Iorque: The Guilford Press. p. 67-75, 2011.

SOIHET, Rachel. O que acham da mulher. In: SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e a ordem urbana - 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989. p. 81-140.

SOUZA, M. M. P. de; CARRIERI, A. de P. A análise do discurso em estudos organizacionais. n. 1, p. 13-40, 2014.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Bareuri: Manole. 2003.

TEIXEIRA, C. A. **Pernas para o ar que ninguém é de ferro!!!** Lembranças da Banda. Belo Horizonte: Historiarte, 2005. 72 p.

TEIXEIRA, N. C. R. B. Entre o Público e o Privado: Imprensa e Representação Feminina. **Encuentros**, n. 2, p. 79-92, 2014.

TIRIBA, T. H. Sugar relationships: Sex, affection and consumption in South Africa and Brazil. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 3, p. 15, 2019.

TONINI, K. A. D.; SAUERBRONN, J. F. R. Mulheres e Corpo: uma Investigação Acerca dos Valores de Consumo do Corpo Feminino. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 12, n. 3, p. 77-101, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Visualizing Bibliometric Networks. In: **Measuring Scholarly Impact**. Cham: Springer International Publishing, 2014. p. 285-320.

VARGAS, E. P. 'Barrigão à mostra': vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.237-258, jan./mar. 2012,

VERA, L. A. R.; GOSLING, M. D. S.; SHIGAKI, H. B. Teoria da Cultura do Consumo: possibilidades, limitações e caminhos em estudos de marketing no Brasil. **Revista de Gestão dos Países de Língua Portuguesa**, v. 18, n. 1, p. 15, 2019.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 90 p.

VIEIRA, C. A. L.; BOSI, M. L. M. Corpos em confecção: Considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina. **Physis**, v. 23, n. 3, p. 843-861, jul. 2013.

WITZEL, D. G. Discurso, História e Corpo Feminino em Antigos Anúncios Publicitários. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 525-539, 2014.

APÊNDICE A

Formulário de Recrutamento

1. Já participou do carnaval de Belo Horizonte? (sim ou não)
 - a. Se não, o questionário de recrutamento será encerrado
 - b. Se sim, quantas vezes?
 - i. 1 vez
 - ii. 2 a 4 vezes
 - iii. 4 a 6 vezes
 - iv. 6 a 10 vezes
 - v. Mais de vezes
2. Sua participação se enquadraria melhor em qual dos perfis abaixo:
 - a. Líder/Fundador(a)/Idealizador(a) de bloco(s).
 - b. Participante de bloco(s) como: apoio, organização, ala de dança ou bateria.
 - c. Folião(ã).
 - d. Outro (Por favor especifique).
3. Você concorda em dar uma entrevista para uma pesquisa de mestrado, cujo tema é o estudo do corpo feminino no carnaval de Belo Horizonte? A entrevista será totalmente online, com duração aproximada de 1 hora. (sim ou não)
 - a. Se não, o questionário de recrutamento será encerrado
 - b. Se sim, serão solicitados os dados pessoais
 - i. Nome
 - ii. Idade
 - iii. E-mail
 - iv. Telefone
 - v. Gênero

A pesquisadora entrará em contato posteriormente para marcar um horário que você tenha disponibilidade para uma entrevista que terá duração

aproximada de uma hora. Seus dados serão mantidos em sigilo e seu nome não será divulgado.

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista

- **Saudação:** Bom dia/tarde/noite!
- **Apresentação do entrevistador:** Meu nome é Isabella Amaral e sou mestranda e estou desenvolvendo uma pesquisa sob a orientação da Professora Helena Belintani do Mestrado em Administração do Centro Universitário Unihorizontes.
- **Apresentação do objetivo:** O objetivo desta entrevista é compreender as relações e representações do corpo feminino no contexto do carnaval de Belo Horizonte, sob a perspectiva das mulheres que participam ativamente do evento.
- **Apresentação das regras:** Vale esclarecer que não existe resposta certa ou errada para esta entrevista. Todas as suas considerações são importantes para esta pesquisa. Fique à vontade para responder as perguntas.
- **Informações sobre gravações e sigilo:** Esta entrevista será gravada e farei também algumas anotações. Esclareço que você não será identificado em nenhuma publicação desta pesquisa, ou seja, manteremos total sigilo. Assim, peço também que você não compartilhe ou comente nada do que for tratado durante a entrevista.
- **Permissão para gravar:** Neste sentido, gostaria de sua autorização para permitir que esta entrevista seja gravada.

-----SE AUTORIZADO-----

Iniciei a gravação, você poderia confirmar, por gentileza, a autorização para gravação?

-----AGUARDAR A CONFIRMAÇÃO-----

Perfil e história com o carnaval

1. Nome.
2. Idade.
3. Onde Nasceu.
4. Escolarização / Formação.
5. Estado civil.

6. Qual a sua história com o carnaval de Belo Horizonte?

Questões objetivo

Perguntas:

1. Você percebe alguma mudança significativa no carnaval, ao longo dos anos, em relação a participação da mulher nessa festa? (dê exemplos, conte algum caso)
2. Com toda a sua vivência no carnaval, você percebeu alguma mudança em relação a como você percebe o seu corpo durante o carnaval? (dê exemplos, conte algum caso).

Probes:

- a) Como você se sente no carnaval em relação ao seu corpo?
- b) Como outras mulheres se sentem em relação ao corpo delas no carnaval?
- c) Como você se veste para ir às ruas, no carnaval?
- d) O carnaval sempre foi dessa forma ou houve algum tipo de mudança ao longo dos anos?

Perguntas:

3. Como você acha que o seu corpo é visto pela sociedade? E no carnaval?
4. Você conhece/ o que acha dos movimentos do “Não é não” e “Meu corpo, minhas regras”?
5. Você conhece/ O que acha dos movimentos e blocos feministas, e blocos que lidam com a ideia do empoderamento feminino partir do corpo?

Probes:

- a) Você já deixou de fazer algo no carnaval, por se sentir reprimida de alguma forma? (governo, igreja, polícia, sociedade)
- b) Você já fez algo no carnaval que considera ter sido um ato de se expressar/ de se mostrar como mulher? (como forma de luta ou de se empoderar,

resistência, que tenha a ver com seu corpo, expressão como sujeito, identidade, personalidade)

- c) Você utiliza o carnaval como alguma forma de manifestação? (como forma de luta ou de se empoderar, resistência, que tenha a ver com seu corpo, expressão como sujeito, identidade, personalidade)

Perguntas:

7. Qual a sensação que o carnaval te fornece? (*o que você sente, sentimento*), E em relação ao seu corpo?
8. Para além do carnaval, em que outro momento ou local você consegue uma sensação parecida?

Probes:

- a) Você acha que, esteticamente, o homem em comparação com a mulher tem a mesma preocupação com seu corpo no carnaval?
- b) Na sua visão, qual a imagem que a mídia (tv, redes sociais, digital influencers...) passa da mulher no carnaval? E do homem?
- c) Você faz algum tipo de investimento no seu corpo para o carnaval? (*procedimento estético, de beleza, dieta, academia*) Por que? (*aceitação em grupos sociais*)
- d) No carnaval você tende a deixar seu corpo mais à mostra do que em outras épocas do ano? Por que?
- e) O que você sente quando escolhe e veste a sua roupa/fantasia? E no dia a dia, como isso se difere?

Perguntas:

9. Na sua opinião, quais os desafios e as oportunidades em se fazer parte de um movimento social e cultural como o carnaval?
10. E quais são os benefícios em se fazer parte desse movimento?

Probes:

- a) No carnaval você sente mais igualdade entre todos, independentemente de gênero, classe social, raça? Por que?
- b) Quando eu falo de carnaval, o que vem à sua mente como algo positivo?
- c) Quando eu falo de carnaval, o que vem à sua mente como algo negativo?
- d) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Eu, **Isabella Cardoso Amaral**, aluna do curso de mestrado do Centro Universitário Unihorizontes, estou desenvolvendo uma pesquisa que tem por objetivo compreender as relações e representações do corpo feminino no contexto do carnaval de Belo Horizonte, sob a perspectiva das mulheres que participam ativamente do evento.

Assim, convido você a participar desta pesquisa. O procedimento adotado para a coleta de dados será a entrevista em profundidade com roteiro semiestruturado e duração aproximada de 1h. Os depoimentos, com a sua autorização prévia, serão gravados e transcritos e ficarão em poder da pesquisadora. Eles serão destruídos ao término de cinco anos. Informo-lhe, ainda, que os dados obtidos serão mantidos em sigilo, assim como a sua privacidade e a garantia de anonimato. Os resultados da pesquisa serão utilizados apenas para fins científicos.

Comunico-lhe que não terá despesas decorrentes de sua participação na pesquisa. Você tem a liberdade de se recusar a participar ou de retirar o seu consentimento em qualquer momento ou fase do estudo.

Eu, **XXXXXX**, RG **XXXXX** fui orientado(a) sobre o estudo e afirmo meu consentimento em participar da atividade proposta pela (o) pesquisador (a) e autorizo a gravação da entrevista.

Belo horizonte, XX de março de 2021.

Pesquisador(a) responsável: Isabella Cardoso Amaral
Endereço: Rua Alvarenga Peixoto, 1270
Bairro: Santo Agostinho
Belo Horizonte – Minas Gerais. CEP: 30180-121
Telefone: (31) 997960231

Comitê de Ética em Pesquisa Centro Universitário Unihorizontes
Endereço: Rua Alvarenga Peixoto, 1270
Bairro: Santo Agostinho
Belo Horizonte – Minas Gerais. CEP: 30180-121
Telefone: (31) 3349-2925